

ARGOS

REPOSITORIO INSTITUCIONAL DE LA SECRETARÍA
DE INVESTIGACIÓN Y POSTGRADO DE LA FHyCS - UNaM


Universidad Nacional de Misiones



**Universidad Nacional de Misiones. Facultad de Humanidades y Ciencias
Sociales. Secretaría de Investigación y Postgrado. Maestría en Semiótica
Discursiva**

Timm Cezar, Rosane

Análise semiótica do livro Santa Rosa - Histórias e Memórias

**Tesis de Maestría presentada para obtener el título de
“Magíster en Semiótica Discursiva”**

Director: García, Marcelino

Posadas, 2015



Esta obra está licenciado bajo Licencia Creative Commons (CC) Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

**Universidad Nacional de Misiones
Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales
Secretaría de Investigación y Postgrado
Programa de Semiótica
Maestría en Semiótica Discursiva
Directora: Dr^a Ana Maria Camblong**

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO LIVRO
“SANTA ROSA-HISTÓRIAS E MEMÓRIAS”**

**Tesista: Rosane Timm Cezar
Director: Dr. Marcelino Garcia**

POSADAS, REPÚBLICA ARGENTINA - 2015.

Dados Internacionais de Catalogação e Publicação (CIP)

(Elaborado pela Bibliotecária da Biblioteca Municipal)

**Universidad Nacional de Misiones
Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales
Secretaría de Investigación y Postgrado
Programa de Semiótica
Maestría en Semiótica Discursiva
Directora: Dra. Ana Maria Camblong**

PROGRAMA EM SEMIÓTICA DISCURSIVA

Análise Semiótica Discursiva do livro “Santa Rosa-Histórias e Memórias”

Orientador: Dr. Marcelino Garcia

MESTRANDA: ROSANE TIMM CEZAR

Data: -----/-----/-----

FOLHA DE AVALIAÇÃO

AGRADECIMENTOS

O caminho que se percorre até a conclusão de um trabalho como este está repleto de dificuldades, imprevistos, de acasos, de vitórias.... Nesta escolha, muitas vezes, somos brindados com a presença e a ajuda de algumas pessoas de que eu gostaria de registrar meu agradecimento. Todos que estão conosco deixam um pouco de si e levam com eles um pouco de nós. Sem eles as dificuldades nunca seriam encaradas como um desafio. Este caminho nem tão fácil, na demanda de prosseguir o meu percurso acadêmico.

Primeiramente, agradeço ao Professor Dr. Marcelino Garcia, meu orientador pela atenção, colaboração, seriedade, competência, incentivo e, principalmente, pela paciência.

Agradeço também a todos os professores da UNAM que tornaram possível a realização deste estudo.

Agradeço imensamente a autora do livro Teresa Neumann de Sousa Christensen por me incentivar e provocar reflexões entre a prática e a teoria possibilitando que o seu livro pudesse transformar-se nesta tese, além da sua dedicação e do carinho durante os momentos difíceis no decorrer dessa caminhada de estudo.

A todos aqueles que me receberam e relataram suas experiências, suas vivências, os quais foram imprescindíveis para a realização dessas reflexões.

Um obrigado também aos meus irmãos por fizeram parte da minha vida e da minha história.

Por fim, o imensurável e eterno agradecimento às pessoas mais especiais, queridas e amadas por mim que, ao seu modo, contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade: meu marido Luiz Mario que me proporcionou resgatar esse sonho antigo, e por sempre acreditar em mim, as minhas filhas Lara e Kira pela imensa compreensão com as minhas ausências.

RESUMO

A presente Dissertação em Semiótica Discursiva tem como objeto de análise o Livro “Santa Rosa-Histórias e Memórias” escrito pela Mestra em Educação Teresa Neumann de Sousa Christensen, com a intenção de alcançar outros olhares que possam ir além da investigação, não apenas como um componente, mas, como elemento social e cultural segundo os princípios da Semiótica Discursiva. Para perceber como a escrita desse livro repercutiu na comunidade, foram realizadas entrevistas com moradores de Santa Rosa de diferentes faixas etárias e classes sociais que são devidamente analisadas. Através das sequências discursivas, identifica-se a forma como os discursos estão presentes na memória social e na memória coletiva que são retomados e resignificados nas páginas do livro. No desenvolvimento do trabalho, são explicitadas definições de cultura, identidade, patrimônio, história e memória, além de relatos sobre a formação histórica de Santa Rosa envolvendo fatos do passado e questões relativas ao presente.

Palavras-Chave: Semiótica Discursiva, História, Memória e Identidade Cultural.

ABSTRACT

The present dissertation in Discursive Semiotics has as object of analysis the book "Santa Rosa Stories and memories" written by master Education Teresa Neumann de Sousa Christensen, intending to reach other perspectives that may go beyond the investigation, not only as a component, but as a social and cultural element in accordance with the principles of Discursive Semiotics. To understand how the writing of this book resonated in the community, interviews were held with residents of Santa Rosa of different age groups and social classes that are properly analyzed. Through the discursive sequences, identifies how the speeches are present on social memory and collective memory that are resumed and meanings in the pages of the book. In the development of the work, are made explicit definitions of culture, identity, heritage, history and memory, as well as reports on the historic Santa Rosa formation involving past facts and questions concerning this.

Key words: Semiotics, Discursive History, memory and Cultural identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE, CULTURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA, NAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SANTA ROSA	17
1.1 IDENTIDADES SIMULTÂNEAS	17
1.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA.....	21
1.3 PATRIMÔNIOS CULTURAIS	38
CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SANTA ROSA	48
CAPÍTULO 3 - O CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO	59
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
3.1.1 Delineamento ou Abordagem Metodológica	61
3.1.2 Contribuições Teórico-Metodológicas	65
3.2 CURIOSIDADES ENCONTRADAS.....	71
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS	75
4.1 IMAGEM DA CAPA DO LIVRO	77
4.2 IMAGEM DAS MEMÓRIAS DA COLÔNIA SANTA ROSA (1915-1930).....	80
CAPÍTULO 5 - FRAGMENTOS DE MEMÓRIA: VISUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DA “HISTÓRIA E MEMÓRIA DE SANTA ROSA” A PARTIR DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	84
5.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	84
5.1.1 Análise das Entrevistas com Pessoas Idosas	87
5.1.2 Análises das Entrevistas com Pessoas de Meia Idade	98
5.1.3 Análises das Entrevistas com Pessoas Mais Jovens.....	106
5.1.4 Análise da Entrevista com a Autora	116
CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
OBRAS CONSULTADAS	132
ANEXOS	135
Anexo A - Formulário de Entrevista.....	135
Anexo B - Entrevistas.....	136
Anexo C - Entrevistas com a Autora do Livro.....	152
Anexo D - História de Vida da Autora	154

Anexo E – Livros publicados pela autora	155
Anexo F– Mapa da Colônia de Santa Rosa.....	156
Anexo G – Fotos do Município de Santa Rosa.....	157

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação em Semiótica Discursiva tem como objeto de análise o Livro “Santa Rosa - Histórias e Memórias” escrito pela Mestra em Educação nas Ciências, Teresa N. S. Christensen, com a intenção de alcançar outros olhares que possam auxiliar na verificação dos fatos históricos relatados, que estes não sejam apenas uma peça, mas, que seja um elemento social e cultural, seguindo as técnicas da semiótica textual. Sabe-se que a Semiótica Discursiva ocupa-se em descrever o sentido que é apresentado por meio de um percurso gerativo e suporta três níveis, que são: fundamental, narrativo e discursivo; esses níveis são capazes de explicar o sentido dos mais variados textos que circulam em sociedade, sejam eles verbais e visuais.

Nos diversos capítulos são trabalhados conceitos de história, memória e identidade para melhor compreender as representações, reforçando a relevância ao investigar estruturas que perpassam tais elementos como parte da cultura. Além disso, realizaram-se entrevistas com grupos de diferentes faixas etárias e classes sociais para identificar de como o livro, com as suas fotografias, histórias e memórias repercutiu na comunidade, averiguando a sua influência. Nas entrevistas procedeu-se ao recorte de passagens e partes do livro. São elas: 1) A Capa do livro; 2) Memórias da Colônia Santa Rosa; 3) Tempo de Constrangimentos. Constata-se que as entrevistas, como todo testemunho, contêm informações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos, e podem fornecer informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana.

Compreende-se também que um livro ao evocar lembranças, representações, visualizações e interesses, ativa relações entre a subjetividade individual como um modo de mediar à compreensão, à construção de ideias, sentidos e processos simbólicos.

A Semiótica ou arte dos Sinais é a ciência geral dos signos e da Semiose que estuda todos os fenômenos naturais como se fossem sistemas sógnicos, isto é, sistema de significações. Assim, os livros de memórias são formas de narrar ou referir-se a grupos, indivíduos, sujeitos, valores e identidades através da linguagem escrita e imagens para representar, ou seja, criar significado sobre o mundo a nossa volta.

Ao refletir sobre a importância de um livro de memória na construção da história local, o valor de suas particularidades e as possíveis implicações na formação de identidades, primeiramente vem ao nosso pensamento, interesses pessoais. Com certeza, sou grata ao Curso de Mestrado em Semiótica Discursiva, por me fazer refletir sobre as significações na nossa vida, sobre a construção da identidade cultural não só como sujeito, mas também como membro de uma sociedade.

Santa Rosa é a minha cidade natal e, também por ser partícipe desta história senti um grande interesse na análise e reflexão sobre este livro de memória e história na construção da biografia local. Nasci e cresci nessa cidade, andando nas suas ruas em construções, convivendo com o fazer de uma cidade. Presenciei vários acontecimentos que hoje fazem parte da história, da sociedade e da Região. Essa minha inquietação em relação à memória e a história encontram-se idealizada pela minha convivência com a sociedade local e pela minha própria vivência, que influenciou diretamente na formação e na constituição da minha historicidade.

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós [...] (FREIRE, 1992, p. 33).

Santa Rosa é um município brasileiro do Estado do Rio Grande do Sul, com apenas 83 anos de emancipação política. Aqui, foi criada pelo Governo do Estado no início do

século passado, ou seja, em 05 de Janeiro de 1915, uma colônia mista, para pessoas de todas as etnias e de todas as religiões. Nela, e em toda a região conhecida como a Grande Santa Rosa se estabeleceram imigrantes ou descendentes de italianos, alemães poloneses e russos, sem falar nos nacionais ou caboclos que aqui viviam há longos anos. Assim, somos uma comunidade pluriétnica com todas as suas particularidades.

Santa Rosa é uma cidade polo da Região Noroeste do Rio Grande do Sul e possui em seu rol de iniciativas, eventos de grande porte em nível nacional e sul-americano. Dentre eles destacam-se: o Musicanto-Festival Sul Americano de Música Nativista; Encontro Estadual de Hortigranjeiros; Festival Santa Rosa em Dança; Festa das Etnias e a Feira Nacional da Soja (Fenasoja) já em sua 20ª Edição.

A FENASOJA (Feira Nacional da Soja) constituiu-se ao longo da sua história, desde 1966, como um evento de grande significado para a região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Nela se expressam as potencialidades regionais: evidenciam-se produtos e equipamentos direcionados para o aumento da produtividade, oportuniza-se o acesso às modernas tecnologias, demonstram-se novos conhecimentos, expressam-se culturas, socializam-se as novas tendências econômicas, mobilizam-se organizações da sociedade civil do Estado e do mercado.

Participam da constituição deste tradicional acontecimento representantes da política local, instituições financeiras e industriais, produtores rurais, comercial, serviços, artesãos, pecuaristas, técnicos, alunos das diversas instituições educacionais, desde a Universidade até as escolas municipais e estaduais. Representantes das mais diversas categorias profissionais e organizações da sociedade, de maneira voluntária envolvem-se na organização, para definir as estratégias a serem adotadas e os projetos a serem postos em prática.

Esta Feira nasceu da necessidade da região enfrentar desafios reais em sua trajetória histórica, além de criar um palco para a apresentação de suas potencialidades. Na década de 60, a região enfrentou desafios concretos com uma significativa queda na produção agropecuária motivada pela falta de técnicas adequadas de cultivo, intenso manuseio e consequente esgotamento dos solos. A partir dessa constatação verificou-se a necessidade de uma redefinição nas relações de trabalho e no modelo de organização e gestão. Buscaram-se diversas respostas, entre outras, no incremento das festas nacionais e, em acontecimentos culturais que atraem um grande público.

No momento presente, além dos sucessos já alcançados, destaca-se também a preocupação em resgatar e integrar a cultura regional, de investir na construção de novas relações sociais para além do preconceito, da discriminação e da exclusão, respeitando as diversidades étnico-culturais e estimulando ações que promovam acesso ao trabalho, à educação e à cultura em Santa Rosa e Região. (CHRISTENSEN, 2004.)

A escrita do livro “SANTA ROSA-HISTÓRIAS E MEMÓRIAS”, busca resgatar, da maneira mais abrangente possível, todos os acontecimentos aliados aos eventos relativos à história de Santa Rosa. Tem-se ciência que nenhum historiador consegue abarcar e assim recuperar a totalidade dos episódios, pois eles são praticamente ilimitados, até por que a maior parte das informações sobre o passado, nunca foram registradas e a maior parte do que permanece, é fugaz.

As recordações do passado, ou o que dele nos lembramos, vêm de livros, jornais, arquivos, bibliotecas, relatos orais, como acontecem de forma generalizada no mundo. Ocorre assim, uma busca de referenciais identitários por parte da coletividade. Essa procura ao passado revela a ânsia de conhecer, não cabendo discutir aqui todas as dimensões explicativas e interpretativas.

Independente do que está por trás desses registros de memória, desses documentos que transformam a memória coletiva em memória histórica são eles que nos permitem a contextualização do testemunho do passado e também são elementos fundamentais na constituição da identidade local. Para que se possa entender essa preservação e analisar a construção de um livro têm que discutir o que se entende por memória, história e identidade.

Segundo Halbwachs (2004), memória é sempre construída em grupo. Esta semente de rememoração torna-se uma lembrança viva. A lembrança é reconhecimento, reconstrução, é fruto de um processo coletivo.

Procura-se também explicar a relação das lembranças, o significado dos grupos sociais, às questões políticas e econômicas como condição para a construção da memória conforme os conceitos halbwachianos. Também, analisam-se os conceitos de memória histórica nos estudos de Michael Pollak, Jaques Le Goff. Vale lembrar que a Semiótica é o estudo dos sistemas de significações. Enquanto metodologia de ordenação do passado, a história sofre o impacto da norma da lei que só está presente na generalização do signo simbólico. Semiótica e história não são campos contíguos, mas podem ser uma unidade se for possível entender a primeira como uma proposta de revisão da segunda.

Ao analisar um livro que trata de fatos históricos, fotografias e acontecimentos diversos, percebe-se que o que se apresenta é uma memória grupal ou social, onde aquele grupo ou classe social estabelece relações. Essas relações podem ter caráter específico de dominação, de cooperação ou vínculo ao grupo ou classe que as produziu. Muitas vezes são fragmentos ligados a estruturas do poder. Segundo Le Goff (1990), as classes mais poderosas são as criadoras das instituições de memória para assim guardar lembranças que

as instituições consideram importantes. Um livro que retrata o passado de uma cidade pode ser uma fonte de expressão do poder.

Partindo do princípio de que os sujeitos marcados no livro se enunciam ideologicamente, surgem então, questionamentos como: o modo como a informação é produzida já não traria estratégias discursivas e ideológicas?

O fato de que a história propriamente dita seja um constructo ideológico significa que ela está sendo constantemente retrabalhada e reordenada por todos aqueles que, em diferentes graus, são afetados pelas relações de poder, pois, tanto os dominados, quanto os dominantes, têm suas próprias versões do passado.

Considerando que esse livro foi elaborado para uma festa comemorativa, como um presente à comunidade, mesmo assim, tenta manter-se na imparcialidade, mostra todos os lados dos acontecimentos da cidade, e aponta para as forças de relação de poder da sociedade local e de seu papel político.

Observa-se que em sua escritura o livro confirma à sociedade o seu passado, informações essas construídas a partir da leitura e análise de documentos escritos, da História Oral e de entrevistas realizadas.

A pesquisa realizada teve cunho qualitativo aonde foram usados procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica e de coleta de dados. Selecionamos alguns textos do livro, buscando analisar esta intervenção historiográfica refletindo sobre os sentidos e a rede de trama de relações.

Um olhar como forma de ver a produção desta memória histórica, na Semiótica discursiva, defronta-se com a Teoria da Significação a partir do estudo da dinâmica de geração dos sentidos. Nesse corpo sócio-histórico-cultural conhecemos um discurso de memória coletiva no qual os sujeitos estão inseridos. É nesse espaço que o discurso vai

sendo construído pelo enunciador com a finalidade de produzir novos sentidos. A memória constituída através do discurso não trata de lembranças do passado que o indivíduo tem, mas sim, ela é um registro da memória enquanto fato social.

El ejercicio historiográfico no se agota em el descubrimiento del pasado, por más que saber algo más sobre el mismo siempre resulta necesario y fructífero, sino que su cometido consiste em explicar el pasado y establecer vínculos com el presente, cuyo proceso de comprensión d el pasado, por lo que tienen em común ambos procesos y porque comprender cómo el pasado se há convertido em el presente no ayuda a comprender este, y de suponer algo para l futuro (GARCIA,2004, p. 203 e 204).

O passado passa a estar presente nos diferentes discursos aqui citados no objeto de estudo, com base na estrutura narrativa que se manifesta em qualquer texto, a partir das reformulações, ou seja, no espaço que permite ao enunciado a representação dos fatos, evidenciando a memória.

Para Pêcheux, a memória discursiva seria:

Aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento, a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sem leitura: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

A leitura de um livro que fala de acontecimentos vividos nos leva a ver que os sentidos de um discurso são possíveis porque a memória relatada é um modo de construir e produzir sentidos com os quais o sujeito passa a se identificar construindo sua identidade.

O livro recorre à memória como uma estratégia de afirmação e convencimento, utilizado para vincular, persuadir o leitor a entender o discurso sobre o passado do Município de Santa Rosa. Trata-se, portanto, de uma memória institucional que pode por assim dizer, ser manuseada para entender os saberes já conhecidos e arquivados em sociedade.

Assim, a verdade em história continua em suspenso, plausível provável, contestável, em suma, sempre em curso de reescrita.

Através das sequências discursivas analisadas, identifica-se a forma como os discursos estão presentes na memória social, na memória coletiva que são retomados e resignificados nas páginas do livro. Far-se-á uma ponderação sobre História e Memória com fundamentos em vários autores entre eles Maurice Halbwachs considerado o pioneiro na reflexão mais sistemática sobre a Memória coletiva. Evidencia-se aqui outro problema essencial em que se coloca de uma forma imbricada na história e memória, lembranças e esquecimentos. Michael Pollack refere-se à existência, na memória, de zonas de sombras, de silêncios e não ditos, que estão em perpétuo deslocamento e presentes no discurso carregado de metáforas e alusões.

Conclui-se que toda fala produz sentido a partir das percepções já cristalizadas na sociedade e que poderão ser reavivados pela leitura de um livro sobre memória. Dessa forma, o discurso passa a se relacionar com outros discursos, nas condições que ocorreram à produção do livro. Mostra-se como essa memória histórica tem características comuns nas aloções que vão ideologicamente à mesma direção fazendo com que esta não seja questionada, pois segundo Foucault (2008, p.31), “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua, que nem o sentido pode esgotar inteiramente”.

As aloções do livro estão presentes na memória coletiva, como é possível perceber na leitura do capítulo inicial. A autora recorre dessa forma, à produção do passado mais distante recordando o tempo e evidenciando a importância dos lugares da cidade. E também, em várias páginas são citados personagens que fizeram parte da construção da história da cidade e os eventos realizados no município os quais são identificados como pioneiros.

Para arrematar, nunca será demais salientar que não existe a possibilidade de compreender “o todo” de um determinado tempo histórico. No máximo, pode-se procurar entender o maior número de partes que compõe um determinado conjunto. Isto implica em reconhecer que esses escritos constituem um, dentre outras leituras possíveis sobre História e Memória de Santa Rosa.

CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE, CULTURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA, NAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SANTA ROSA

1.1 IDENTIDADES SIMULTÂNEAS

Na investigação da história e da memória de Santa Rosa, percebe-se a intenção de uma procura e da necessidade de apropriação ou produção de elementos simbólicos que possam servir para orientar o leitor santa-rosense numa viagem de volta ao seu passado. O livro realiza um deslocamento da questão do plano individual para o social e aí surgem os problemas, especialmente quando trata de propor uma identidade para o município. A proposta do livro é muito mais ampla do que relatar acontecimentos ocorridos no decorrer do tempo. É um trabalho que procurou documentar, idealizar uma identidade para o município com a possível intenção de tornar isso realidade.

A escrita do livro inicia a partir de uma posição basicamente simpática à ideia de atribuir um sentimento de pertencimento, à medida que folheamos o livro com a intenção de reforçar nossa identidade, olhamos para o passado de nosso município, tentando nos integrar a esse passado, buscando nossas origens, nossas raízes à procura de significações, vamos encontrar respostas e também dúvidas na busca do cristal da memória e de seu significado incerto.

Para analisar este livro pelo lado da cultura identitária, precisamos examinar definições de identidade. O ser humano é percebido como um indivíduo único dotado de razão e consciência que vive em sociedade. Esse ser humano hoje é um sujeito que convive com a complexidade do mundo moderno, com as relações com outras pessoas e também com relações ao seu passado. Essas relações entre valores, sujeitos, sentidos e símbolos formam por se dizer a sua cultura.

Pode-se então, pensar em identidade a partir de uma concepção sociológica que “preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público”. (HALL, 2001 p. 11).

O ser humano está inserido nas identidades culturais, ou seja, ele internaliza significados e valores do mundo social e cultural; portanto, a sua identidade é “definida historicamente e não biologicamente”. (HALL, 2001 p. 13).

Todos nós pertencemos a uma cultura e buscamos refletir como o indivíduo é colocado em relação as suas identidades culturais. Falando em uma forma metafórica dizemos que somos brasileiros (falando de identidade nacional) gaúchos (identidade regional) e santa-rosenses (identidade local). E, quando nos referimos à cultura nacional, regional ou local podemos afirmar então, que elas são uma das principais fontes de identidade cultural. Identidades não são genéticas, mas sim, são sentimentos e saberes que parte de nossas vidas. Uma pessoa que nasce em Santa Rosa identifica-se como um membro dessa sociedade, desse município, desse grupo social num sentimento de identificação regional.

Segundo Hall (2001),

na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas no interior da representação (...) Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural (HALL, 2001, p.48 e 49).

A partir da representação das imagens de eventos, dos pioneiros, dos líderes que hoje representam Santa Rosa é que se dá então sentido ao ser santa-rosense, dá enfoque a esta identificação. As imagens e descrições históricas do livro fazem com que o indivíduo se prenda ao passado, as suas tradições que neste caso poderão ter sido idealizadas. “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural”. (HALL ,2001 p. 48 - 49).

Os sentidos estão conectados sobre o local, nas memórias que conectam o presente com o passado, nas histórias e memórias de uma cidade.

Segundo Orlandi (1993), pode-se entender um discurso ideológico como um requisito para a constituição do sujeito e dos sentidos. Para ela não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. E é na busca de aclarar a relação entre a formação discursiva e a constituição de sentidos que o livro propôs relacionar em nossa análise os mecanismos de produção de sentido, as estratégias discursivas que narram à cidade através de estudos sobre a análise de discurso e identidades baseados em vários autores tais como: Foucault, Pêcheux, Orlandi, Hall.

Nas narrativas do livro “História e Memória de Santa Rosa” existe uma projeção que considera identidade, o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Esses traços caracterizam o sujeito ou a coletividade perante os demais. Temos conhecimento que a identidade de um povo assenta-se sobre três pilares: A religião, o idioma e a cultura, apresentados através das imagens, dos eventos históricos, dos saberes e dos fazeres, dos símbolos nos quais representam acontecimentos, experiências e triunfos, conectando o nosso presente com esse passado. Como membro da sociedade santa-rosense o indivíduo percebe-se compartilhando dessa história. Desde as imagens do início da Colônia, das escolas, da agricultura, da chegada da Estrada de Ferro, dos relatos das perseguições às pessoas de origem alemã durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

Tradição inventada significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição a qual automaticamente implica continuidade com um passado histórico adequada (HALL, 2001, p. 54).

Muitas vezes, um discurso de um livro histórico pode ser incerto, indeterminado.

Eles podem ser uma forma de tentar retornar a glórias passadas com intuito de uma direção à modernidade. A escrita do livro pode ter a intenção de olhar para o passado e, ao mesmo tempo, olhar para o empreendedorismo do município, ou como uma forma de poder institucionalizado. Ele atua como um discurso cultural num foco de identificação e de um sistema de representação para produzir cultura. E essa cultura instituída através deste livro pode não ser um ponto de união, lealdade e identificação simbólica, considerando que uma cidade é formada por diferentes classes sociais, grupos étnicos, culturais e de gênero. Não ocorre então, uma identidade cultural unificada, pois pode ser que exista, na construção do livro, um jogo de poder. “As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo do poder, de divisões e contradições internas de lealdade e de diferenças sobrepostas” (HALL, 2001, p. 65).

Percebe-se na narração do livro, o claro envolvimento de um processo de configuração. Esta tem efeito sobre a forma de como as identidades são localizadas e representadas. Em várias páginas do livro estão registrados nomes de pessoas que se destacavam como: professores, prefeitos, representantes étnicos etc.. Ali estão descritos o sujeito masculino, pai de família, proprietário de empresas, líder comunitário delineando o espaço e o lugar onde as identidades se definem pelas diferenças e pelas distinções culturais.

Pode-se pensar que o fato da produção de um livro histórico local vem contrapor a uma cultura global, na perspectiva da transformação das identidades. Estas concebem ainda uma forma particular de criar vínculos aos lugares, aos eventos, aos símbolos e as histórias locais.

Há a possibilidade de que exista certa guerra entre a identidade global e a identidade local. Mas na produção de um livro histórico percebe-se claramente, que a

indústria cultural da sociedade atual ainda revitaliza a história local como uma forma de apelo ao consumo de livros que revelam o passado.

“A possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades” (HALL, 2001 p. 84).

O fortalecimento da identidade local de Santa Rosa pode ser ainda uma estratégia política da representação do poder, e o que está no livro, representa através da apreensão da identidade e são vistos e tratados como a mesma coisa pela cultura dominante.

1.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA

Uma característica comum da época em que vivemos é a busca da valorização e uma inquietação, uma ânsia de descobrimento do passado. Por isso, percebe-se uma irrupção de projetos e discursos que pregam esta preservação e valorização. Advém então, a necessidade de preservar a memória de uma região, de uma cidade ou de um lugar.

Para dar conta e examinar a relação entre Memória e História, inúmeras explicações são oferecidas por diversos autores. Muitos deles destacam as transformações e a velocidade do período atual da globalização que tem dado origem a essa busca desenfreada e ansiosa de referências identitárias por parte das sociedades.

Todos os acontecimentos do século XX e início do século XXI, desde os progressos técnicos e científicos, holocaustos, crises ecológicas atingiram dimensões nunca antes alcançadas.

Na construção da sociedade nova o futuro é incerto e a valorização do passado tem a ver com o fim do otimismo ilimitado. Segundo Le Goff (1990, p. 16) “ a história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir”.

Incertezas e angústias acompanham esse momento de transição ocorrendo uma

relação entre espaço – tempo e homem onde é imprescindível fazer uma reflexão sobre a memória e as suas relações com a história.

Alguns autores fazem diferentes análises e suas reflexões apontam para a compreensão do espaço – tempo. Giddens (1989), a confluência entre o tempo e o espaço é precisamente um lugar para analisar com atenção as múltiplas relações entre história e memória.

Outros autores atentam para o fato de que a História e a Memória são fatos distintos de saberes diferenciado como nos declara Maurice Halbwachs. Ele considera a memória como um aspecto coletivo, com base no social. Define ainda a memória em três categorias: memória coletiva, memória individual e memória histórica. E procura destacar a diferença entre as palavras História e Memória. Nas suas reflexões ele sintetiza: a memória coletiva ou social não pode se confundir com a história. A História começa exatamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não existe mais o suporte de um grupo. A Memória é considerada como sempre vivida, fisicamente ou afetivamente. A partir do momento que o grupo desaparece, a única forma ainda de salvar lembranças é fixá-las através de uma narrativa.

... é fixá-las por inscrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra de indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados? (HALBWACHS, 1990, p. 80-81).

É dessa forma que a história é escrita. A Memória, portanto, é história viva e vivida a qual permanece no tempo e o restaura. “Mas, la memória parece *el suelo del hombre*, de *lãs sociedades y lãs culturas*” (GARCIA, 2004, p.118).

Para Halbwachs “a memória é a possibilidade de recolocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade” (HALBWACHS, 1990, p.67).

O autor também defende outro aspecto que diferencia história e memória a maneira como se relacionam com o tempo. Para que exista a memória, o importante é que sentimento de continuidade esteja presente naquilo que se lembra. A memória não diferencia passado e presente:

... do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a sequência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. Porém, enquanto que numa peça, de um ato para outro, a mesma ação prossegue com os mesmos personagens, que permanecem até o desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes e também da natureza geral das sociedades, subsistem. Mas os conjuntos de homens que constituem um mesmo grupo em dois períodos sucessivos são como duas barras em contato por suas extremidades opostas, mas que não se juntam de outro modo, e não formam realmente um mesmo corpo. (HALBWACHS, 1990, p. 81-82).

As contribuições do sociólogo Maurice Halbwachs são vistas por vários autores de forma veemente. Para Daléssio os estudos parecem:

... ter sido a proposta de atenção ao tempo longo, o tempo da memória. Com efeito, para o autor, o lugar da reconstrução da lembrança não é o acontecimento único, isolado, mas o tempo de um determinado grupo. É o grupo e não o indivíduo que garante a permanência do passado no presente, configurando o tempo longo” (DALÉSSIO, 1993, p. 100).

Peter Burke no texto *História com Memória Social* trabalha a questão da memória coletiva e amarra à memória individual a memória de grupo. E ainda, esse sociólogo

percebe a memória não como uma simples lembrança do passado, mas sim, de um passado reconstruído a partir do momento presente.

Em seu texto “*Memória, Esquecimento, Silêncio*” Michael Pollak entende a função da memória como uma garantia de um sentimento de pertencimento e de coesão a um grupo. Ele entende o campo da História e da Memória como um campo conflitante, onde perpassa o modo como são constituídas as lembranças. Ele se refere à oposição da memória oficial, dominante a memória dominada: memórias subterrâneas. Ele tem desenvolvido um trabalho importante com relação aos aspectos específicos que se referem à Memória como fonte da história.

Já o filósofo Paul Ricoeur¹, faz uma distinção da história e da memória. Ele utiliza o que considera como fonte: o documento e o testemunho. O documento é uma fonte de natureza indiciária, dando acesso aos acontecimentos que foram históricos, enquanto que o testemunho é baseado na confiança do relato, portanto, ambos deverão ser analisados criticamente.

Para Ricoeur, a contribuição da memória é indispensável, ou seja, a memória “é a matriz da história na medida em que é guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado” (*apud* CHARTIER, 2010, p. 23).

Para Halbwachs, a memória individual sempre existe a partir de uma memória coletiva. Ele afirma que, a partir da reconstrução de um evento passado, através de um conjunto de lembranças pertencentes a um grupo social, podemos resgatar e analisar essas lembranças de forma que elas sejam da maioria das pessoas, aí se pode ter maior segurança para construir uma memória.

¹ As ideias de Ricoeur, aqui trabalhadas foram retiradas do texto: *As relações do passado: História e Memória* de Roger Chartier, 2010.

Não podemos deixar de citar Jaques Le Goff (1990), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990 p. 476).

Se pensarmos a memória como uma forma de produção simbólica, onde através dela instituem-se identidades e, com isso, assegura-se a permanência, o pertencimento a um grupo. Portanto, essa Memória deverá ser compreendida como um território, um espaço político e simbólico onde se lida com as lembranças, onde se estabelece em um espaço-tempo, que se relaciona com o ambiente no qual se afirma poderes desta comunidade e dos indivíduos sobre si e sobre os outros. A memória historiográfica deve pensar na importância da memória individual quanto à memória coletiva.

A questão é, portanto, complexa. Como a História e a Memória se interpenetram?

A História como um dos lugares de memória através de recordações humanas, de eventos, de comemorações, de fotografias nos quais ela se aloja e produz a Memória Coletiva, No entanto, a História de um livro é um discurso que se vale da memória coletiva e das memórias individuais como um dos recursos disponíveis para a produção do conhecimento da história local. Ocorrem obviamente aí aquelas fronteiras nas quais a memória torna-se história ou, o contrário, onde aqueles gêneros ou situações da história se constroem como memória.

Nas antigas civilizações, os governantes mandavam gravar nas pedras os seus anais para assim eternizar os seus efeitos. Assemelhando-se a essas crônicas medievais estaremos nos movimentando nessas fronteiras, nas quais a memória parece se intercalar. Assim, parece que a história e memória querem englobar uma a outra estando em permanente interação.

Através da ideia dos autores citados percebe-se a diversidade de pensamentos em relação à história e a memória. Existe uma crença que a história e a memória são coisas distintas. Halbwachs supervaloriza a memória coletiva social. Michael Pollak concorda que a memória individual está amarrada a memória coletiva. E Pierre Nora faz-se notar aproximações relevantes entre os pensamentos do sociólogo Maurice Halbwachs. Para Nora, a memória também é um processo vivido e conduzido por grupos vivos. Nas ciências humanas a noção de memória tem passado por um processo resignificante muito importante.

Na designação mais habitual, ou seja, na vulgar, a memória é um processo de lembrar fatos passados: aquilo que cada indivíduo representa como um passado. A memória então poderá surgir como uma simples atualização mecânica de vestígios. Se partirmos para uma problematização da memória como um ponto de vista biológico, a memória humana corresponde a um processo que não permite precisão, pois envolvem esquecimentos, distorções, omissões, reconstruções, ou até nos remete a uma mera memória relacionada à imagem de depósito de dados. Seguindo essas significações vulgares aplicadas a memória individual isto também contaminaria a Memória Coletiva.

Deve-se pensar que a constituição de memória mudou muito nos últimos anos. Estas mudanças nos conceitos de memória contribuíram também para o desenvolvimento do conceito de Memória Coletiva.

Produzir registros de uma memória coletiva significa estabelecer referências de validade ampla, signos que sirvam como princípios de um grupo, uma classe, uma sociedade, uma cidade, uma nacionalidade. Significa definir fronteiras, localizadas primeiramente pela cronologia e pela importância no tempo, por meios das quais se

constituem identidades, tecem-se conexões, formulam-se tradições. Significa constituir uma temporalidade, local de ancoragem do presente no passado.

E as pesquisas e reflexões sobre a memória individual na compreensão de que esta sempre envolve dimensões coletivas. É, portanto, um processo mediado pela linguagem e é talvez, em última instância, um produto da sociedade. Nos textos de um livro de memória existe uma memória coletiva, portanto, “o texto não é somente o gerador de novos significados, mas também um condensador de memória cultural” (LOTMAN, 2007, p. 22) Pode-se perceber a cultura, como um ambiente que transita entre a memória. Para LOTMANN (1996) cada cultura determina suas normas conservando aquilo que é para recordar e o que se deve esquecer.

Também se deve pensar que a memória coletiva interfere na memória individual. Percebe-se que através do livro, ou seja, da linguagem escrita, a memória passa a abandonar o campo da experiência perceptiva individual adquirindo a possibilidade de ser comunicada, de ser socializada.

Así como lá “consciência individual” exercita su facultad de memória por médio de ciertos y determinados mecanismos, La “consciência coletiva” ejercita La suya creando SUS próprios mecanismos de memória colectiva como La escritura. (GARCIA 2004, p. 165).

Memória como entendemos é uma característica psicológica e biológica que se refere a respeito de uma capacidade de armazenagem e conservação de informações. Por outro lado, a preservação da tradição pode ser entendida como uma continuidade de hábitos, de costumes. Segundo Eric Hobsbawm e Terence Ranger que estudaram sobre “Invenção das Tradições (1984)”. Esses estudos sobre a invenção das tradições têm sido um material rico para muitos historiadores. Para Peter Burke a história cultural registra, muitas vezes, casos de inovação que mascara a tradição como também a tradição que

mascara a inovação. “Os signos externos da tradição podem mascarar a inovação” (BURKE, 2005, p. 40).

Tradição, Memória e História são posições diferentes com que o presente vê o passado. Elas têm significados diferentes e devem ser usadas com propriedade. Tradição santifica o passado, e o justifica. A memória petrifica e fossiliza o passado. A História é análise, é crítica, é vida que flui e muda de acordo com as necessidades sociais, econômicas do presente e as aspirações e esperanças do futuro.

A questão da memória pode ser vista num campo de criação e dinamismo, e nessa compreensão ela pode apresentar vários desdobramentos para a história.

Pierre Nora analisa a alteração do tempo, ou seja, para ele a história passa a ser mais dinâmica, mais rápida, é o novo que dá as cartas. Em seu artigo Memória e História: A problemática dos lugares (1984) publicado na revista Projeto História (1993) Pierre descreve essa situação na qual o passado passa a ceder o seu lugar para a ideia do eterno crescente para servir de expressão aceleração da história.

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo - e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança. Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito e a nossa, que só é história, vestígio trilha. Distância que só se aprofundou à medida que os homens foram reconhecidos como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo, a partir dos tempos modernos. Distância que chega hoje, num ponto convulsivo. (NORA, 1993 p. 08).

Nora também faz uma reflexão sobre a distinção entre história e memória, trabalhando uma nova noção sobre “os lugares de memória” onde a vivência ultrapassa um momento histórico, ou seja, vivendo na fronteira do que éramos e do que somos. Ele

também faz referência ao conceito de identidade que estudaremos adiante.

Ao debruçarmos nos textos de Nora surge uma grande questão: Os homens vivem na tensão de intimidade da tradição e no abandono de grupos por assim dizer desfeitos. Portanto, os lugares de memória exercem uma função:

... de um lado um movimento puramente historiográfico, o momento de um retorno reflexivo da história sobre si mesma; de outro lado, um movimento propriamente histórico, o fim de uma tradição de memória o tempo dos lugares, é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. (NORA, 1993, p. 12)

De acordo com ele, história e memória não são sinônimas e, muitas vezes, conflitam-se, pois uma se opõe a outra. A memória é conduzida por grupos vivos, por isso está numa evolução permanente e suscetível a todas as manipulações:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 09).

Se pensarmos que a história não é memória, porque ela não é mais vivida, porque passou, já foi arquivada, registrada.

Ao contrário da memória, a história é registro, problematização, discurso, crítica e reflexão.

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cena censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demandam análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se

liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993 p. 09).

A memória histórica apresenta ao indivíduo um panorama onde todos participam, onde ela é partilhada por todos na sociedade. Talvez seja importante se considerar que na qualidade desenvolvida por um historiador dependeria da satisfação desta Memória Histórica disponibilizada para os indivíduos da sociedade.

Voltando aos estudos de Halbwachs onde ele se refere que a história começa no ponto onde a memória se apaga. Para que ela não se perca é importante ocorrer à fixação por escrito, pois: “os escritos permanecem, enquanto as palavras e pensamentos morrem” (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Para ele a história se difere da memória no caráter de registro do passado fixado então pela linguagem escrita. E a história ainda pode aparecer como “a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens” (HALBWACHS, 2006, p. 100).

No contexto da compreensão de um livro sobre História e Memória de um lugar, o papel da memória coletiva adquire uma extrema relevância, pois cumpre a função de religar tradições e de restabelecer continuidade como se fosse uma ponte renovando lembranças, introduzindo também o novo no velho e o velho no novo, dando assim uma continuidade.

Em pouco tempo, imaginamos que nada mudou porque reatamos o fio da continuidade. Esta ilusão da qual logo nos livrará, pelo menos terá permitido que passasse de uma etapa a outra. Sem que em momento algum a memória coletiva tenha sentido qualquer interrupção. (HALBWACHS, 2006, p. 104).

O autor ainda faz uma reflexão sobre lembranças, onde ele acredita que para que um grupo guarde sua memória, não basta que o indivíduo se lembre, mas é necessário que os mais idosos não negligenciem e transmitam essas representações aos mais jovens.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança, na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

O sujeito na relação do testemunho do passado, primeiro existe a relação consigo mesmo, confronta uma visão atual com as experiências vividas no passado, ou também com opiniões de depoimentos de outros. Para observar uma realidade presente, o sujeito recorre a sua experiência anterior e ao testemunho de outras pessoas que destacam ou indicam os aspectos a serem observados, bem como, o local a ser observado.

Nesse diálogo observa-se a importância de um livro de memória, onde o presente é vivido nesta interlocução de testemunhos.

A memória passa então, a dinamizar as tradições. Ela tende a estabelecer uma continuidade entre o passado e o presente, onde ocorreu uma ruptura no processo histórico do grupo. E é através da memória histórica que se busca solucionar as rupturas, oferecendo uma construção aparentemente lógica e inventada do passado.

A memória coletiva pode servir como enfrentamento à história feita pelos historiadores, pode ser complementar à memória histórica ou pode servir como limite ao caráter lógico e ideológico da história. Para Halbwachs, a memória coletiva exerce um papel fundamental nos processos históricos. De um lado, dando dinamismo aos objetos culturais, salientando momentos históricos significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais.

Já Pollak explorou a questão da memória com o sentimento de identidade. Para ele, a memória colaborou no sentimento de identidade: “... na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si”. (POLLAK, 1992, p. 5).

Ao analisar os estudos de Pollak é interessante perceber a ideia expressa por Halbwachs (2006) onde ao considerar o passado, o grupo percebe que tem continuado o mesmo, dessa forma adquire uma consciência de sentimento de identidade. Essa memória coletiva tende a se constituir em um quadro de semelhanças que traz identidade a um grupo. A relação da memória e a identidade estão baseadas ao pertencimento do indivíduo a um grupo social.

Roussou (2005) caracteriza a memória como uma reconstrução psíquica e intelectual que provoca uma representação rigorosa do passado, onde o indivíduo está inserido no contexto social, regional, nacional.

É através da linguagem que a memória social se expressa dando significado através da identificação geográfica, emocional... E, para que isso aconteça, a memória necessita de grupos. Em seus estudos Le Goff (2003), diferencia memória escrita da não escrita. Aquela que pode ser cultivada pelas narrativas mitológicas ou transmitida pelos homens responsáveis pelo cultivo da história de seu povo e aquela passada através da linguagem escrita. Ele destaca o aparecimento da imprensa como um fator que revoluciona a memória, acelerando a memorização do saber. Foi através da imprensa que houve expressão progressiva da memória individual.

Nos aspectos que evidenciam a revolução que a imprensa trouxe destacam-se as festas nacionais, monumentos de lembranças, enfim, todos os suportes de lembranças. Le Goff (2003) menciona como “a nova memória coletiva” Ela se transformou em um bem de consumo onde se pode comprar para proteger-se contra o esquecimento de lugares.

A memória está na vida dos indivíduos, dos grupos, mas ao mesmo tempo sofre ameaça de desaparecimento, por isso, cria a necessidade de fixá-la através de formas

escritas e visuais, para materializá-la e assim, comprovar o passado. É preciso entender a diferença e a ligação da memória em relação à história: “Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (NORA, 1993, p. 9).

É através de um livro que a memória passa a ser transformada em algo palpável. Para Nora (1993, p.7) “... fala-se tanto em memória porque ela não existe mais”.

Segundo o autor, devido ao fato da aceleração dos tempos, a memória abre espaço para a descrição de um fato histórico, ou seja, para que ela passe a ser historicizada

A historização da memória de um evento, no sentido de lugar, demonstra o idealismo de um grupo da sociedade que lança um olhar sobre a importância da memória para a sociedade local.

Há necessidade de lembrar que, a busca pelo não esquecimento enaltece o importante aspecto de um livro como “esteio de memória” capaz de fazer a história, a identidade e a cultura local. Isso envolve também tanto os aspectos sociais como políticos e históricos da sociedade.

Nesse sentido, Halbwachs (1990), explica que a reconstituição detalhada do passado não é suficiente para que haja lembrança de um acontecimento, mas necessariamente essas lembranças apoiadas em concepções comuns que se encontram em um indivíduo como também em outros, exerce assim um movimento recíproco de passagens de lembranças de um para os outros pertencentes à mesma sociedade.

Portanto, a memória pode ser construída selecionando o quê, e de que forma quer lembrar. Para Pollak (1992), as preocupações do momento influenciam diretamente na estruturação da memória. A memória coletiva é capaz de sofrer estruturação.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas [...]”. (POLLAK, 1992, p. 5).

Quando os acontecimentos e lembranças são compartilhados com membros de um grupo e verifica-se a ligação de suas ideias e de seus objetivos perante a sociedade, denota-se que estes elementos somados, resultam na identidade para tal grupo.

É possível optar por um livro de história e memória como um “lugar de memória”, tendo como vista o poder de materialização através da escrita, das imagens dos símbolos.

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há mais memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...]” (NORA, 1993, p. 5). Para o autor esses lugares vão desde objetos materiais até funcionais e simbólicos.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou”. (NORA, 1993, p. 21-22).

Para Le Goff (1984), são lugares possíveis de serem estudados, é uma história nova, a partir de uma memória coletiva. Já Pollak (1992), destaca que os lugares são elementos de memória. Nora (1993), relata que os lugares de memória como uma mescla da história e memória, pois é na busca de acessar uma memória reconstituída que dê o sentido da necessidade de identidade. A memória é então, história.

A sociedade necessita da história como um instrumento importante para encontrar um significado que não lhe é mais perceptível.

A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido. Dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia - sob a forma da consciência histórica - se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada”. (FOUCAULT, 2008, p. 14).

Percebe-se que o Livro “Histórias e Memórias de Santa Rosa” tem condições de contribuir para garantir a preservação da memória local, bem como, propicia que as informações nele contidas contribuam para um aprofundamento dos nossos conhecimentos sobre a construção da nossa história.

Assim, todos os elementos do livro, a capa, as fotografias, os textos, os depoimentos inseridos provocam uma identificação com o leitor. Ao visualizar como os lugares eram no passado somos convidados a identificar-nos com aqueles espaços enquanto “lugar de memória”, um lugar no passado que transporta histórias e, portanto, precisa ser preservado.

Outro ponto é que a memória emoldurada no livro é atualizada a partir de recorte das lembranças dos testemunhos conforme sua experiência sócio-cultural-histórica que, no entanto, não podem ser assumidas como um retrato real do que foi naquela época, mas sim, como uma representação do passado na perspectiva das pessoas que, através de sua contribuição construíram o livro. Essas lembranças foram manuseadas para desempenhar a representação do passado de Santa Rosa. Podemos questionar então, quais são os limites éticos dessa descrição do passado. A memória tem o mesmo significado de poder, pois não há como saber se as memórias evocadas no livro prestam-se apenas para valorizar pessoas desta sociedade.

É preciso reconhecer que os depoimentos constantes no livro pertencem a pessoas de uma classe social mais alta e cidadãos de certa importância social no município.

Portanto, deparamo-nos com a seguinte problematização: Em que ponto é ou não contraditório ajuizar em um livro de memória da cidade de Santa Rosa, se estão ou não inseridos todos os grupos da sociedade local?

Deve-se questionar a respeito dos temas colocados no livro que fazem referência a memória. Como esses temas, esses depoimentos foram selecionados, uma vez que nos lembra de Pollak (1989, p. 13). “(...) assim como uma memória enquadrada, uma história de vida colhida por meio de entrevista oral (...)” Muitas vezes, pode ser contada de várias maneiras conforme o contexto que é registrado e, também depende dos personagens sociais que relatam os fatos.

Observa-se que os discursos do livro como “lugares de memória” são um meio de acesso da sociedade a sua memória e que estes registros terão sempre como referência a continuidade histórica e a relevância da memória.

Lugares de memória não são apenas ruas, prédios, construções, monumentos, que também são simbólicos.

Através da leitura deste livro vemos uma latente vontade de memória expressa, principalmente, em ênfase no desenvolvimento econômico do município a partir de um ponto de vista oficial adequada à histografia local. Esta é a grande verdade que se identifica ao nos debruçarmos sobre os estudos de História e Memória.

Atualmente, vivemos a articulação da tradição vivida, da qual a história se empenha em guardar e preservar. Um livro de memória exerce essa função. O livro não é somente memória porque esta, não é mais vivida, ali o passado foi reconhecido por isso que foi escrito, registrado.

A história e a memória revelam-se cada vez mais complexas. O simples lembrar-se do passado e escrever sobre ele não é uma atividade inocente, porque não resulta apenas das escolhas do historiador. Na medida em que ideias e valores são associados ao livro, este então assume o poder de evocar a memória com todos os seus qualificativos. Em um livro de memória o passado é, permanentemente, reconstruído enquanto é resignificado, estabelecendo uma continuidade entre o que é passado e o que é presente.

A memória coletiva desempenha um papel importante nos processos históricos. Um livro de memória passa a dar vitalidade aos objetos culturais, aos momentos históricos significativos e, portanto, preserva o valor do passado para os grupos sociais. Também pode ser uma instituição de memória onde aqueles documentos guardam a memória. São esses documentos, esses registros que transformam a memória coletiva em memória histórica. Nos estudos de Halbwachs percebe-se isso, onde as memórias se perpetuam muito mais através dos registros, dos documentos. Ao se eternizarem nos registros de um livro essas memórias não perde seu caráter específico, sua vinculação ao grupo ou classe que as produziu. Um livro de história e memória entrelaça diferentes fios revelando o acontecido como um fato que se caracteriza pelo pressuposto de um passado que é uma verdade vivida. É uma existência espiritual do tempo onde evoca a memória como um tempo de lembrar. Memória lembra um retorno ao passado. “Dessa forma ajustes de memória, em termos de esquecimento, podem ajudar um retorno a um passado, de forma que possamos mais facilmente assumir o que somos hoje”. (GROSSI; FERREIRA, 2001, p.28).

A memória é um processo vivido e, em constante evolução, que se entrelaça com o tempo difundindo-se com a própria vida a qual sustenta a experiência.

1.3 PATRIMÔNIOS CULTURAIS

O livro em análise apresenta uma narrativa linear que busca registrar a história de Santa Rosa tendo a preocupação com o patrimônio cultural. É um livro que traz à tona documentos, depoimentos, testemunhos que passam a construir uma identificação para a cidade.

Aqui se pode considerar o que Pierre Nora denomina de apropriação de lugares de memória pela sociedade para a construção de sua identidade. Um livro de Memória Histórica é considerado um espaço onde o indivíduo ritualiza suas memórias e se identifica a um grupo social.

Na incerteza da memória, hoje se interroga a realidade dela. Pode ser uma memória fundada em identidades como uma que carrega ressentimentos, conflitos ou a memória transmitida através de um livro pode ser um sonho, uma fantasia ou uma imaginação. Ela pode estar carregada de sentimentos de pertencimento a grupos sociais, e pode tornar-se um potencializador de identidade cultural.

A escrita da memória através de um historiador pode ser uma fonte produtora de tradições e de construção de identidades chegando a dar credibilidade à identificação de grupos.

Ao estudar a memória referida a um livro de memória temos que também relacionar ao patrimônio cultural.

É através dessa herança cultural que um grupo (uma sociedade) se torna visível para si e para os outros. Portanto, a memória torna-se um elemento chave para a formação de diferentes identidades.

Por meio da memória cultural é que os grupos constroem sua identidade, preservando suas tradições, seus costumes, seus ritos e reforçam o sentimento de pertencimento a este grupo social.

O elo entre memória e identidade é aprofundado, pois a memória é um elemento carregado de sentimento de identidade.

“A memória é um constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade de coerência de uma pessoa, de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

A memória histórica aqui constituída no livro “História e Memória de Santa Rosa” é um fator de identificação do cidadão santa-rosense podendo ser a marca ou o sinal de sua cultura, pois é pela escritura da história que a cultura fala, é na escritura da história que a cultura se forma, é pela escritura da história que a cultura se justifica. Reconhecemos no livro o que nos distancia nessa memória e também o que nos aproxima. Identificamos ali os acontecimentos mais marcantes do município. E esta identidade cultural define o grupo social, diferenciando de outros.

“A memória do grupo sendo a marca ou o sinal de sua cultura, possui algumas evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade”. (WEHLING, 2003, p. 13).

Na expectativa de compreender um livro sobre memória histórica local, faz-se necessário uma reflexão sobre o Conceito de Cultura. Relacionar a questão cultural é algo muito complexo, dada à multiplicidade de concepções a respeito da cultura.

A cultura, na visão de vários autores é percebida como uma ação humana, um

sistema de humanização do homem numa relação consigo mesmo e com o outro. Nessa ideia, a cultura é compreendida em várias linhas de pensamento. Pode significar um conjunto de conhecimentos e informações por ações do cotidiano, o seu modo de viver e também nos processos de socialização.

A cultura possibilita ao homem construir seu mundo histórico, no qual ele se reconhece. Um mundo construído de significações e valores. Vários autores fazem diferentes concepções de cultura, mas sempre é apresentada como um processo de humanização do homem.

Geertz considera a cultura num caráter subjetivo – é a compreensão do mundo simbólico. Para ele cultura é a própria condição da existência do ser humano, ela nunca é particular, mas sempre pública. “A Cultura é pública porque o significado o é.” (GEERTZ, 2008, p. 9).

Já Chauí menciona cultura como objetivação de necessidades humanas gerada pelo trabalho. (CHAUI-1982).

Vaz considera a cultura como social e histórica, porque constrói sentido da presença do homem no mundo. (VAZ, 1966).

Geertz conceitua cultura como essencialmente semiótica:

“Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significação que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados” GEERTS, 2008, p. 4)

A ideia de cultura está praticamente associada à arte, a conhecimentos em livros, o que podemos chamar de cultura erudita. Mas a percepção de cultura como modo de agir, pensar e sentir de uma sociedade ultrapassa essa identificação entre arte e cultura. Outra forma de conceituar cultura é como cultura de massa ou indústria cultural. A indústria

cultural pelos meios de comunicação permite a produção de bens culturais em grande escala colocando à disposição para um grande número de pessoas resultando na chamada cultura de massa.

A cultura pelo senso comum é percebida no sentido de uma natureza humana, ou seja, através do comportamento humano, o seu modo de viver e agir. É tudo o que o homem faz no seu viver e nas suas relações. É uma maneira de trabalhar, falar, comer, se comunicar. É, portanto, costumes e hábitos adquiridos pelos indivíduos em uma sociedade.

O termo cultura tendia a se referir-se a arte, literatura e música (...) hoje, contudo, seguindo os exemplos dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. (BURKE, 1989, p. 25).

Nascer e conviver em uma classe social, pertencer a uma determinada etnia, ser homem ou mulher, isso nos leva a pensar sobre o tema cultura como uma diversidade. Na convivência entre sociedades diferentes, o ser humano tende a tomar seu grupo ou sociedade como um meio de avaliar os outros. Na era da globalização em que vivemos, tendo o nosso cotidiano invadido por informações dos mais diversos lugares, é possível se pensar numa expressão representativa de um grupo ou de uma região?

A antropologia aponta cultura como um fenômeno complexo, múltiplo e plural, um conjunto de atividades humanas constantes e interdependentes que devem ser vistas em um processo de transformação constante. De um modo geral estão relacionados à vida de um povo. A cultura compreende também a herança social que o sujeito recebe no convívio com o grupo e, as representações simbólicas como exemplo: imagens, normas, ritos, discursos, linguagens e gestos.

A cultura também pode ser determinada como um estilo de vida próprio, um modo particular desenvolvido pelas sociedades. Portanto, os indivíduos que compartilham a mesma cultura apresentam o que se chama identidade cultural. E é essa identidade cultural que faz com que o sujeito sinta-se pertencendo ao grupo, à sociedade. Por meio da identidade cultural o indivíduo desenvolve o sentimento de pertencimento a uma sociedade. Cultura é um *insigt* importante, é interação, é um sistema semiótico.

Entende-se cultura como o resultado do esforço coletivo tendo em vista conservar a vida humana e consolidar uma organização produtiva da sociedade, do qual resulta a produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade. Por essa perspectiva, a cultura deve ser compreendida no seu sentido mais ampliado possível, ou seja, como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma população determinada. (BRASIL, 2013, p. 25).

Por identidade cultural compreendem-se os aspectos próprios de um determinado povo, onde seus ritos, suas crenças, suas experiências comuns que formam a identidade particular ou exemplificando: identidade nacional, identidade gaúcha... Nos estudos percebe-se que esse conceito mudou muito. “A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e, não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. (HALL, 2001, p. 38).

A memória reforça a identidade cultural. Portanto, através da leitura deste livro podemos dizer que conhecemos as raízes, distinguimos o que nos une e o que nos divide. A memória passa a ser um elemento de identidade. E é através dela e da construção de identidade que surge o valor de um livro na perspectiva de preservar a cultura local.

Assim sendo, a memória é essencial para uma cultura que deseja conservar suas características e, como ela está diretamente ligada à identidade proporcionando subsídios para que a identidade se construa e se fortaleça a partir de vínculos comuns.

As identidades se estabelecem como uma herança de significados combinados à constituição de uma memória, de um discurso que valida a ideia de pertencimento. Desse modo, a memória passa a ser importante no processo de formação identitária dos grupos, no qual os leva a buscar conhecer-se e reconhecer-se num processo histórico mais amplo. “Toda e qualquer identidade é construída. (...) Cada tipo de processo de construção de identidades leva a um resultado distinto no que tange à constituição de sociedade”. (CASTELLS, 1999, p. 22 e 24).

Pela visão sociológica, a identidade é construída, pode ser religiosa, nacional, grupal. Não existe identidade natural. Quando o sujeito vive no mundo, ele edifica a identidade, portanto, ela é social.

Em um livro de memória a identidade está imbricada nas relações de poder. No processo de identificação quem exerce o poder, exerce também o poder de determinar a apropriação de bens simbólicos.

Não se pode aqui compreender as identidades culturais em todas as suas distinções e, nem nas várias abordagens e teorizações. Visualiza-se a identidade cultural pelo lado do sentido de pertencimento.

Em todo seu processo histórico a identidade cultural pode ser entendida como um processo coletivo. De um lado, percebe-se a constante mudança e, por outro, a procura da afirmação de nacionalismo, regionalismo. Essa identificação a certos grupos e a diferenciação a outros é que formam as fronteiras da identidade.

Assim, existe uma relação entre memória, representações e identidade:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte de sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 203-204).

Imaginamos o livro como dotado de sistemas repletos de representações simbólicas que dependem de sua interpretação. A interpretação de um livro de memória é o que dá o sentido ao discurso, tanto quanto a sua produção.

Um livro de memória e história tem como objetivo gerar unidade no sentido de regular o comportamento social e manter a coesão em torno de referenciais simbólicos comuns. Através da memória, o livro possibilita a produção de sentidos que são compartilhados com um processo ativo e dinâmico.

A memória cultural aparece no livro de história e memória, servindo para estabilizar a autoimagem da sociedade. Por meio de sua herança cultural a sociedade (o grupo) torna-se visível a si mesma e aos outros. É através da memória cultural que os grupos constroem sua identidade e preservam seus costumes, suas tradições, fortalecendo seu sentimento de pertencimento.

Os efeitos de sentido materializam-se nos textos de um livro de memória. Eles produzem uma rede simbólica, através de suas práticas discursivas constituindo dispositivos identitários.

A busca do reconhecimento da identidade é que motiva o sujeito a se debruçar sobre o passado. E nesse reavivamento do passado, através de processos históricos percebe-se a construção de signos. O livro como lugar de memória pode ser considerado o esteio da identidade social, contribuindo para evitar o esquecimento e para registrar várias visões sobre o que passou.

Os registros da história e memória fornecem então conceitos, símbolos e métodos para que o sujeito social pense sobre si e faça o caminho do presente ao passado. “Tomada em seu aspecto semiótico, *la cultura*, como forma de *la memoria colectiva*, obedece a *las leyes del tiempo*, a la vez que genera mecanismos para resistir al tiempo y a su

movimiento”. (GARCIA, 2004, p. 167).

Ao pensar o livro como produção cultural, voltamos aos estudos de Hall (2001), onde o autor argumenta que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. As culturas ao produzirem sentidos à “nação”, à “região”, esses sentidos aos quais podemos nos identificar constroem identidade. O argumento de Hall é que “na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior das representações” (HALL, 2001, p.48).

Então, a nação se constitui também na produção de sentidos num processo de representação cultural. A partir daí nos questionamos, em que estratégias representacionais são acionadas num livro envolvido com a Fenasoja, para construir nosso senso comum sobre a identidade regional e o pertencimento local. E mais especificamente: Quais são as representações que predominam neste livro de história e memória? E como estas constroem sentidos sobre a nossa identidade?

Um livro de história e memória ao interferir na memória social participando de sua construção, também atua como dispositivo de identidade. A escolha dos fatos mensurados, sua hierarquização e enquadramentos desencadeiam semioses que não se esgotam, mas apontam para um cenário de apropriação do qual pode sedimentar determinados sentidos. Segmentos históricos sociais ocupam espaços nessa memória historicizada. Segundo Lotman (1996), não existem sistemas que realmente funcionem sem relação com os outros. “A Semiosfera: espaço de produção da semiose na cultura, portanto, de coexistência e evolução dos sistemas de signos” (MACHADO, p 163).

A partir do momento em que um livro de memória passa a ser lido e um de seus

códigos se apresenta, o livro começa a trocar informações com os outros que estão na semiosfera. A transmissão de informações do livro determinam gerações de sentido. Neste sentido, um texto do livro segundo Lotman (1996), circula alguma mensagem inicial.

Na medida em que o livro ativa a rememoração do passado na ideia de construção, é lógico pensá-lo como um grande produtor de memória coletiva. A organização e a construção dessa memória alinham-se ao entendimento dos vencedores, ou do poder. Os segmentos sociais, historicamente, marginalizados aparecem muito pouco. Por mais bem intencionados que sejam os produtores e autores de livros de memória, há um inevitável lado que atrai para os sistemas socioculturais a que pertencem. Existem dois segmentos de memória neste processo. Um deles corresponde aos sentidos que os temas do livro ganham na construção da opinião pública, o outro é pelos próprios fatos transformados em fonte histórica de reconstrução de fatos passados. Esta memória comporta-se como um sistema aberto dinâmico, desequilibrado com um poder intenso de transformação. Pollak (1990), denomina de memórias subterrâneas que podem desencadear novos enquadramentos.

O referido livro usa também a fotografia como uma aliada poderosa. Uma memória visual sentida no individual ou no coletivo construído historicamente. A fotografia é uma mensagem composta de significados, de códigos. Ela tem uma função de informação, de comunicação e também uma função emocional a qual é a interpretação do leitor. Esta interpretação depende da experiência do leitor podendo produzir vários sentidos. Segundo Barthes (1984) a fotografia pode dizer mais, ser um acesso ao saber e lendo esse discurso combina signos que por vezes têm referentes.

As imagens utilizadas no livro servem como finalidade para a documentação não substituindo o passado, mas trazendo informações sobre uma parte do real. A fotografia em um livro de história e memória é uma possibilidade documental valorizando a

reconstrução da memória, ou seja, tem a finalidade de eternizar a imagem do passado. Ela passa a ser um instrumento importante na reconstrução da memória.

As imagens e as fotos inseridas no livro são passíveis de uma leitura de interpretação. É importante reconhecer que poder e ideologia produzem significado através de imagens que estão inseridas na nossa cultura, na nossa sociedade.

Em uma perspectiva histórica, a fotografia tem se mostrado como capaz de se alcançar mais do real, pois ela concilia cultura e natureza, presença e ausência, capaz de marcar a continuidade. Através dela podemos pensar sobre aquilo que chamamos de realidade, ou seja, a possibilidade de representação do real.

Assim, o que se percebe nas fotografias, uma urdidura tecida pelo olhar do fotógrafo é uma leitura da trama urbana da época. É mediante a percepção dos diferentes ângulos, do jogo de luzes e contrastes, das nuances das formas fotografadas que buscamos analisar a memória e a história da cidade. Busca itinerante e incerta, uma vez que, continuamente memória e história desencontram-se, opõem-se e, completam-se. Faz parte desta busca, o trabalho ora apresentado.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SANTA ROSA

O espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas” (MONTENEGRO, 2007, p. 9).

Ao analisar o livro “Santa Rosa - Histórias e Memórias” inventariando a memória, a história, a cultura e a identidade é importante também refletir sobre o desenvolvimento econômico, social e cultural deste município e, sobretudo, a sua formação étnica e histórica.

As terras da região onde hoje se localiza o município de Santa Rosa faziam parte dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai. Terminada as Missões Jesuíticas, esse espaço passou a pertencer a diversos municípios que constituem hoje a Região Noroeste do Rio Grande do Sul.

Santa Rosa pertencia como 2º Distrito ao vasto município de Santo Ângelo até a sua emancipação política em 10 de agosto de 1931. Assim, passamos a ser o octogésimo segundo município do Rio Grande do Sul.

Entretanto, essa próspera região, com matas nativas ricas em madeiras de lei, ervais nativos e rios piscosos era um atrativo para contrabandistas, ervateiros e madeireiros. Pela proximidade ao rio Uruguai atraía, além dos coletores de erva mate, os exploradores de madeira que transportavam essas grandes toras rio abaixo. Porém, nessa época, os interesses governamentais não eram voltados para essas áreas florestais e sim, para as atividades econômicas da pecuária que estavam concentrados nas regiões de campos do Estado. O fato de essas terras estarem, praticamente, abandonadas pelo governo, nela se instalaram contrabandistas, refugiados políticos e também pequenos agricultores. Os

reflexos das guerras e revoluções do Rio Grande do Sul fizeram com que fossem criados núcleos estratégicos de povoamento. Em função disso, os povos nativos foram considerados como intrusos nas suas terras ancestrais e foram colocados em pequenas reservas e implantados em suas terras, colônias para agricultores, com o estabelecimento de pequenas propriedades.

Assim, a nossa região foi basicamente povoada por imigrantes europeus: alemães, italianos, poloneses e russos, além de portugueses e espanhóis ou, seus descendentes, às vezes de segunda ou terceira geração. Ocorreram sérias dificuldades para a integração dessa população no contexto econômico, social e político, bem como na maneira de viver uma nova nacionalidade, em relação de identidade e pertencimento ao espaço que ocupavam. Esses novos povoadores da região, em grande maioria, mantinham uma relação de afastamento, tanto físico como culturalmente dos brasileiros.

O Brasil nas décadas de 20 e de 30 passou pela experiência da proposta de criar o modernismo, através da chamada reconstrução nacional. Nessa época, o Brasil passava por um período rico de cultura, quando foi criada a Semana da Arte Moderna em 1922, em que vários nomes se destacaram; entre eles, Mario de Andrade, com a escrita do livro “Macunaíma, um herói sem caráter”; na pintura, Tarsila do Amaral; na música, Villa Lobos e na arquitetura, Oscar Niemeyer. A proposta era a formação de uma cultura nacional, que abrisse o caminho para identificar o “ser brasileiro”. Iniciava-se a busca da brasilidade. O governo, na época, também pretendia a valorização à questão de formar uma identidade brasileira. A partir da instituição do Estado Novo em 1937, o governo liderado pelo ditador Getulio Vargas programou uma política educacional, que entre outros objetivos, visava a nacionalização do ensino no Brasil.

Isso afetou diretamente a região de Santa Rosa, pois aqui existiam vários núcleos de

comunidades estrangeiras. Eram núcleos fechados, pois neles falava-se a língua de origem e cultivava-se a sua própria cultura.

Nessa região, existiam muitas escolas comunitárias alemãs. E foram elas que mais sentiram os efeitos da nova Lei. Essas instituições étnicas se tornaram um inimigo a ser combatido.

... Isso significa que a etnia, ou seja, o pertencimento étnico em processo concorre na constituição de sujeito e de grupos. É um elemento constituinte de práticas sociais e, ao mesmo tempo, as práticas sociais vão constituindo a reconfiguração étnica. Entendo como Scott (1990) que tanto o gênero quanto o étnico perpassam os símbolos de uma sociedade, suas normas, sua educação, sua organização social. Isso significa que a educação é etnicizada, “atravessada” pela etnia. O étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social. Ele não se dá no abstrato. Manifesta-se nos símbolos, nas representações e nas valorações de grupos. O étnico concorre para que a concreção histórica se efetive de uma forma específica (KREUTZ, 1999, p. 80).

Diante disso, as escolas primárias foram obrigadas a ensinar em língua portuguesa, o idioma oficial do país. Ocorreu um projeto de padronização do ensino através de normas, diretrizes e do material didático. O governo brasileiro ainda foi mais enérgico nos Estados do Rio Grande e Santa Catarina, onde sabidamente a imigração de diversas etnias ocupava espaços, para assim homogeneizar a população afastando o risco de não conseguir o grande projeto de identidade nacional. Foi através da educação que, se inseria a proposta de uma identidade nacional, na construção da chamada brasilidade, objetivando formar um novo homem para um Estado Novo. A ênfase da educação nas escolas primárias e secundárias foi nas disciplinas de educação física, moral e cívica e trabalhos manuais, “tratava-se sim de preparar os quadros técnicos, bem como os operários a modernização da economia do país”. (RODRIGUES, 1983, p. 21).

Os jovens da época passaram a ser preparados para a aceitação e assimilação do culto à pátria, ou seja, do patriotismo instalado, construindo um imaginário em torno do patriotismo heroico brasileiro, desde os estudos de história do Brasil onde se destacavam as

figuras dos heróis e os desfiles cívicos. Ocorreu um domínio de produção cultural onde o poder surge como uma ordem para a legitimação – um efeito ideológico “Os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força (...)” (BORDIEU,1989, p.11)

Afirmavam-se então, os símbolos como instrumentos de integração social na ordem estabelecida, ou seja, o projeto instituído pelo governo passaria primeiramente pela homogeneização da língua, dos costumes, da cultura e também da ideologia. “*Los procesos de unificación y centralización sócio-política y cultural exigen una lengua común y única (oficial, nacional) como una garantía de comprensión mutua em todas las esferas de la vida ideológica...*” (GARCIA, 2004, p. 150).

Os grupos estrangeiros que aqui viviam conservavam suas tradições e hábitos como o idioma, a religião e também o culto à pátria de origem. Os descendentes de alemães eram considerados como os grupos mais fechados em torno de sua própria cultura.

De 1939 a 1945, período da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes alemães e seus descendentes sofreram perseguições impostas pelo governo o que fez aumentar a distância entre os alemães e brasileiros. Em Santa Rosa, alguns grupos, os chamados Nacionais, saíam à noite em passeatas e apedrejavam as casas de famílias alemãs. Eles denunciavam qualquer um que falasse alemão ou italiano pelas ruas da cidade gerando um intenso conflito entre esses grupos. Os alemães e seus descendentes sofreram diversas formas de perseguições inclusive, a proibição de realizar os seus cultos religiosos e o confisco dos seus livros e dos seus rádios.

A questão religiosa também contribuiu, uma vez que, os imigrantes alemães, em sua maioria, eram de religião luterana que se contrapunha às tradições católicas predominantes na época.

Os brasileiros que aqui viviam se consideravam donos do poder e, por isso, ocorriam ainda mais, as grandes perseguições. Esses acossamentos foram muito marcantes para as pessoas de origem alemã e italiana. Se pensarmos então na pluralidade de identidades caracterizadas pelas diferenças que existiam nesta época: Como ficaram esses grupos étnicos que sofreram essas perseguições?

Após o período da nacionalização forçada, sufocando as diferenças e expressões, ocorreu o processo do bilinguismo, que se perpetuou nas nossas famílias. Falavam-se duas línguas: o português e a língua de origem. No convívio familiar, principalmente, os descendentes de alemães empregavam o dialeto, em forma oral em especial, nas comunidades rurais. Enquanto que o português era a língua das camadas mais altas da sociedade e das escolas. Esta região passou por alguns tropeços linguísticos:

...A fase monolíngue, quando os imigrantes falavam a língua de origem e, paulatinamente, iniciaram a aquisição do português como segunda língua; a fase bilíngue, em que os imigrantes e seus descendentes usavam o português como língua do meio externo e a língua de seus ancestrais nas comunicações familiares e comunitárias; e a fase inicial de difusão do português, que corresponde às terceira e quarta gerações dos descendentes, quando se iniciou, em graus variáveis, um processo de mortandade das línguas dos imigrantes". (MARGOTTI, 2004, p. 37).

A língua portuguesa provocou uma inovação linguística. A língua falada pelos descendentes de alemães produzida e formada por vários dialetos se mistura ao português criando uma fala *sui-generis*. O fato também ocorreu entre as famílias de imigrantes italianos, poloneses e russos. As formas linguísticas se mesclaram e as características identitárias agregaram outros valores sócio culturais.

A questão identitária do indivíduo desta região coloca-se de um lado, com uma forte conotação étnica, pelos laços familiares, pela língua e, por outro lado, com a destruição de seus modos de vida, devido à estruturação política e, a própria industrialização e urbanização, assunto tratado com grande ênfase no Livro Histórias e Memórias de Santa Rosa.

O tema da ocupação urbana fascina porque representa as dimensões políticas e sociais da história da cidade, sob os mais diferentes emblemas, sob as mais distintas práticas humanas. Fascínio que acaba por nos remeter às questões cruciais do nosso cotidiano. E, em decorrência destas questões, procuramos dar inteligência aos parâmetros que orientam a vida urbana, sob uma determinada perspectiva histórica. A cidade de Santa Rosa possui sinais, alegorias, memórias, mistérios e símbolos impregnados de sua história, cheios de tramas e labirintos, redefinindo-se na mais pura magia, como uma nova forma de ver o mundo segundo as visões dos seus observadores, ou seja, o olhar de cada um.

A sociedade santa-rosense, ingressando da modernidade construiu clubes sociais: Sociedade Recreativa Concórdia e a Sociedade Cultural. Locais onde grupos de várias etnias e religião se reuniam em bailes, festas e carnavais.

As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. (CASTELLS, 1999, p.79).

A política era dominada pelas circunstâncias, ou seja, pelo partido do governo. A chegada da Rede Ferroviária em 1941 foi um passo importante para um avanço econômico e cultural da cidade, pois através dela chegavam jornais e revistas de cidades vizinhas e da

capital. A arquitetura urbana passou por grandes mudanças. Foram pavimentadas várias ruas e construídas avenidas e algumas indústrias se instalavam aqui.

A religião ainda dividia as comunidades. As comunidades evangélica e católica tinham uma grande influência nos modelos educacionais. Através de uma Escola Salesiana chegaram, posteriormente, os cursos superiores. Foi através da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco e dos cursos da Fundação Educacional Machado de Assis que ocorreu uma amálgama das comunidades. Principalmente as mulheres que saíram de casa para estudar, criando com isso uma trama de relacionamentos, de amizade. A universidade foi um ponto de partida para uma nova ação na sociedade e construção de uma nova identidade.

(...) las agencias sociales mediadoras, como la escuela y los masmedia, son instituciones - en tanto y en cuanto la manera de ser bajo la cual se dan es lo simbólico, porque configuran una red simbólica que pretende hacerlas valer como tales entre otras – que adquieren cierta centralidad em el processo de autoinstitución de lo histórico social (GARCIA, 2004, p. 186).

Hoje, percebe-se que a identidade da região constitui-se numa mistura cultural, produzida por sujeitos diversos e passou a ser construída através de uma rede entre o eu e o outro, ou seja, numa ação de coprodução:

É que as pessoas resistem ao processo de individualização e automação, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, um identidade cultural comum (CASTELLS, 1999, p. 79).

A educação superior no município tornou-se fundamental para o desenvolvimento cultural dos sujeitos, pelo fato de inseri-los nos processos culturais, e também, foi um meio de produção ideológica. A educação não é neutra, ela tem seus objetivos e seus fins, portanto, ela tem uma estrutura de poder e impõe uma ideologia.

Sob a capa dessa formalidade preenchida sob essa dimensão simbólica, se oculta à verdadeira face do poder: O acesso ao saber só é permitido àqueles que detêm o controle da produção e da distribuição dos bens e riquezas da sociedade. (RODRIGUES, 1988, p.71).

Na década de 60 a sociedade gaúcha volta-se para o movimento nativista com o renascimento da cultura gauchesca. Era um movimento que pretendia a renovação da cultura regional com inspiração no tradicionalismo gaúcho com características mais urbanas. Foi uma tentativa de voltar às raízes, com costumes campeiros entrando no dia a dia como: tomar chimarrão, usar bombacha... Em Santa Rosa, o movimento para a criação de um Centro de Tradições Gaúchas teve início no dia 10 de agosto de 1953. A partir de então, diversos CTGs e Piquetes foram criados. O nativismo foi incentivado por vários festivais de música nativa no Rio Grande do Sul. Em Santa Rosa, foi então criado o Musicanto: Festival Sul Americano de Música Nativista que é realizado anualmente até os dias de hoje, em sua 26ª Edição. Esse movimento cultural demonstrou uma busca de afirmação de identidade regional. No aspecto ideológico o nativismo referiu-se muito ao “mito de ser gaúcho” Através disso, houve um enaltecimento de um passado guerreiro, de vitórias em batalhas, de heroísmo, etc. O mito gaúcho tomou personalidade, passou a identificar o gaúcho impondo um padrão de comportamento.

Esses elementos tradicionais junto com elementos de inovação são os que constituem a dinâmica cultural que é móvel e indeterminada. Essas práticas e esses discursos tradicionalistas produzem sentimentos, buscam estabelecer uma continuidade histórica, tentando fixar certos rituais e fazer com que os “gaúchos” se constituam como tal, valendo-se das tradições mais ou menos inventadas.

A efervescência do movimento nativista gauchesco é forte na sociedade santarosense através da criação de Centros de Tradições Gaúchas, festas, eventos, rodeios,

acampamentos e desfiles. O ponto alto dessas comemorações ocorre durante a Semana Farroupilha (no mês de setembro). Nesta semana as pessoas vestem-se de gaúchos e prendas em lojas, repartições, escolas, fandangos, acampamentos... A tradição é colocada em cena, apesar de aproximadamente 80% de a população ser descendente de imigrantes.

Esses discursos tradicionalistas se valem de sistemas simbólicos, de tradições mesmo inventadas, passam a fazer parte da memória do Rio Grande do Sul, de cada sujeito que pertence também simbolicamente à região. A Semana Farroupilha ou o “Vinte de Setembro” é uma referência para as pessoas marcando uma data para valorizar a identidade gaúcha. Percebe-se um sistema de significações destas práticas que vão desde a linguagem, o comportamento, o modo de vestir e, com isso, constitui-se dentro desta identidade gaúcha, dos sistemas de significação e dos sentidos atribuídos ao ser gaúcho, ser do Sul.

Nesse jogo de imposição de sentidos e de definição de identidade cultural e social, tentamos entender a sobreposição identitária no qual as pessoas descendentes de alemães, italianos, poloneses, russos, afros vestirem bombachas, tomarem chimarrão, praticarem a identidade gaúcha e, ao mesmo tempo, exercerem a identidade de imigrante.

Todos esses movimentos e fenômenos sociais que aconteceram leva-nos a problemática da identidade cultural, ou seja, fica a questão: Como se processou a formação e a transformação das identidades culturais de Santa Rosa? A identidade cultural formada a partir do coletivo sustenta suas particularidades por um sentimento de pertencimento.

“As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento’ (HALL, 2001, p. 76)

Castells enfatiza que: “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (...). “do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída” (CASTELLS 1999, p. 22 e 23).

Segundo Marilena Chauí, toda a vida humana se revela através da mediação de discursos ideológicos.

Os indivíduos, na sociedade moderna, procuram um projeto de nação, porque sentem necessidade de encontrar significado para suas vidas e de pagarem um tributo ao passado. Para Baumann (2005), as tradições competem umas com as outras para se fixarem.

Em Santa Rosa, existem vários grupos que se identificam com a sua etnia: são italianos, alemães, poloneses, afros e árabes. “Ao longo da história da humanidade, a etnia sempre foi uma fonte fundamental de significado e reconhecimento”. (CASTELLS, 1999, p. 71).

Esses grupos estão se cristalizando através de construções de casas típicas e grupos de dança, preservação do idioma e da culinária. São tentativas para resguardar a cultura e a identidade diante da modernização e globalização.

Uma das consequências fundamentais da modernidade é a globalização. Esta é mais do que uma difusão das instituições ocidentais através do mundo, onde outras culturas são esmagadas. A globalização – que é um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena – introduz novas formas de interdependência mundial, nas quais mais uma vez não há outros. (GUIDENS, 1991 p. 153).

Eles buscam o significado esquecido, habitam hoje uma fronteira, onde transitam entre o novo, a modernidade, e o velho, o que era no passado. *“Todo acto cultural vive por esencia sobre fronteras, ahí radica su seriedad e importância, abstraído de la frontera, pierde terreno, se vuelve vacío, pretencioso, degenera e muere”* (GARCIA, 2004, p.148).

A cultura materializada na ideia de volta ao passado, aos costumes, as comidas, as bebidas, as músicas e as danças onde o mais importante é o significado.

Essas identidades por se dizer locais são todas formas específicas de identidade coletiva. Os indivíduos da sociedade santa-rosense estão divididos em termos de classes, gênero, estilos de vida, atitudes religiosas, políticas, étnicas, morais, etc., e, nessa maioria estão os socialmente distantes, mas essa distância, muitas vezes, implica a existência de contactos e convívio entre gerações, pela experiência de pertencimento a uma mesma cidade.

A demarcação do local, do espaço, gera então múltiplas consequências. Essa convivência em um país, estado, uma região, implica a aquisição de hábitos e costumes, tudo é aprendido e reproduzido no dia a dia através de processos pelos quais os sujeitos se identificam – com o ser brasileiro – ser gaúcho – pertencer a uma etnia repetindo estereótipos, estabelecendo uma familiaridade com o meio que nos rodeia. Portanto, ao falar sobre a identidade local não nos referimos a algo que possa ser relatado, mas a uma prática, a experiências, a discursos e estereótipos.

Tais significados se referem às correlações de forças sociais e antagônicas, presentes no processo de ocupação do espaço urbano em Santa Rosa. É no embate de interesses e demandas sociais diferenciadas e, por vezes contraditórias, que se delimita e se institui a trama urbana. É na explicitação dos conflitos que envolvem a ocupação do espaço urbano que a cidade emerge e pulsa, enquanto espaço humanizado, produzido e reproduzido historicamente.

CAPÍTULO 3 - O CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO

O presente estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa, considerando os referenciais teórico-metodológicos estabelecidos para o estudo e análise do livro Santa Rosa História e Memória.

A abordagem está referenciada em Bogdan e Biklen (1994, p. 134), que tomam a pesquisa qualitativa como um meio de captação de informação de determinada fonte ou pessoa, dados significativos para a pesquisa.

Este estudo é também pelo conhecimento adquirido ao cursar disciplinas do programa e das leituras efetivadas no Curso de Mestrado em Semiótica Discursiva.

Todo esse suporte teórico, até então, teve a finalidade de auxiliar no entendimento de concepções de identidade, cultura, memória e história se transformando numa reflexão de como a memória histórica se configura através de um livro.

Através dos referenciais fundamentados nessa abordagem procuraram-se meios de descrever como se processa a formação de identidade que estão intrincados num livro de memória como uma importante fonte ou mais precisamente significativa. Já com os pressupostos da importância de um livro de memória na construção da história local e o valor de suas peculiaridades e as possíveis implicações na formação de identidades, como forma concreta de produção de sentido.

Foi possível visualizar como um livro, que relata sobre o passado, funciona na construção de identidades sociais do município que, por sua vez, articulam-se a partir de determinadas crenças e conhecimentos partilhados presentes no contexto da comunidade santa-rosense.

Sob esta perspectiva, estudou-se também o modo como se re-estabelece e se articula a memória e história para a compreensão da interpretação e reconstituição do passado, dando ênfase tanto à constituição social do livro quanto às relações sociais e culturais.

Entende-se a presente discussão abrangendo o contexto atual de legitimidade e reconhecimento ao passado, e a busca de referenciais identitários por parte da sociedade.

Assim, optou-se também como questão fundamental para este estudo, um olhar para a memória histórica permitindo a contextualização do testemunho do passado como elemento fundamental na constituição de identidade local.

Como forma de compreender o livro foi importante refletir sobre o desenvolvimento social, cultural, econômico e a formação histórica do município de Santa Rosa.

Essa pesquisa utiliza-se em primeiro momento de teorias e pesquisas bibliográficas para se conceituar e traçar um caminho norteado pelos teóricos, bem como, um olhar à luz da semiótica.

Na intenção de perceber as relações entre os registros do livro e seus significados faremos uma passagem pelas teorias aplicadas à representação e o efeito interpretativo na mente do leitor.

Entretanto, é por meio da mensagem fotográfica que esta análise ganha utilidade nesse processo, ponderada como um sistema de códigos estabelecidos por uma convenção que torna possível o estudo como uma fala representativa da cultura que se revela através de uma fotografia do passado.

A fotografia tem uma multiplicidade de sentidos ao ser interpretada. É pela materialidade e pela representação que ela serve também como documento, como fonte

histórica. Mas sempre devemos levar em conta o seu processo de construção, pois a imagem fotográfica é um documento criado e construído.

A realidade fotográfica habita nas múltiplas interpretações que se fazem num dado momento. Ela pode ser considerada como prova incontestável do passado associada à ideia de realidade de comprovação do real.

Desta forma as imagens, os textos e a estrutura da informação elaboram para a interpretação da representação do passado permitindo conhecer aspectos significativos da história e memória da cidade.

No mundo emergem variedades de sentidos e significados, principalmente, nas imagens como modo de produção e acesso ao conhecimento do passado. Desde que nascemos tudo o que acontece tem sentido e significado nas mais diversas práticas culturais, sejam elas corporais ou de qualquer outra natureza. A significação faz parte da natureza humana.

Nesta pesquisa, este sentido é aplicado na percepção que interage com as representações simbólicas. Essas representações são percebidas e experimentadas por meio de um olhar de uma interpretação.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1.1 Delineamento ou Abordagem Metodológica

Ao considerar a importância de um livro sobre a história local como um veículo possibilitador de memória, como elo das vivências por laços afetivos e de pertencimento, ressalta-se a valorização deste como produtor de significações sociais. Para um melhor entendimento deste objeto de estudo e desenvolvimento da pesquisa identificamos que a

sua realização foi produzida, além de uma abordagem qualitativa e pela adoção metodológica de entrevistas orais, edificadas em torno das pessoas, ligando-as à própria história.

Com o intuito de entender os processos de memória, de identidade relacionada ao livro: História e Memória de Santa Rosa foram realizadas entrevistas com várias pessoas residentes na cidade.

Através destas entrevistas foi possível penetrar numa forma de conhecimento do mundo local conduzido pelos olhares dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem ao livro “Santa Rosa - Histórias e Memórias”.

A seleção dos entrevistados foi em função da vivência, experiência e envolvimento no fato histórico do município. Para melhor elucidar as questões desta pesquisa e para criarmos possibilidades de comparações e de confronto entre as ressignificações coletadas, os atores sociais foram divididos em idades diferentes. O primeiro grupo, por idosos que vivenciaram a história do município. O segundo grupo por pessoas de idade entre 30 e 60 anos e o terceiro grupo por jovens estudantes. E também, uma entrevista com a escritora do livro.

Participaram das entrevistas, quinze pessoas divididas em três grupos. Foi feito contato pessoal com cada entrevistado marcando dia, hora e local. A maioria das entrevistas foi realizada na residência dos entrevistados proporcionando ao pesquisado o bem-estar e a comodidade do local de sua preferência.

As escolhas dos entrevistados não foram por critérios quantitativos, e sim, a partir do método qualitativo, já que buscamos as representações que os entrevistados fornecem sobre o livro partindo de sua posição (membro da sociedade santa-rosense) da sua idade e do significado de sua experiência. O que se buscou foi perceber os usos políticos do

passado pelos grupos sociais em seus confrontos de memória, privilegiando as representações do passado como uma história das metamorfoses da memória.

Para a análise, procedeu-se ao recorte de três sequências discursivas: 1) a capa do livro, 2) a memória da Colônia de Santa Rosa (p. 34 e 35); 3) Tempo de Constrangimentos (páginas 152 e 153). Foram uma sucessão de perguntas pré-determinadas no questionário, feitas oralmente e transcritas na íntegra, respeitando dessa forma, o ponto de vista dos entrevistados. Segundo Pêcheux (1994) um recorte já é uma marca de interpretação e ao analista é impossível analisá-lo a distância. No entanto, a entrevista oral tem suas características, depende do olhar do sujeito e de seu contexto sociocultural.

Também foi propiciado aos entrevistados um momento de comentário pessoal mais abrangente sobre o livro, onde a maioria dos entrevistados teceram comentários pessoais sobre as lembranças do passado, dos laços familiares, ou seja, da sua história dentro do contexto.

As entrevistas foram semiestruturadas com perguntas abertas e previamente definidas num contexto de conversa informal, permitindo aos entrevistados respostas espontâneas. Entrevista estruturada baseia-se em utilizar um questionário como instrumento de coleta de dados que garante que a mesma pergunta será feita a todas as pessoas entrevistadas dos três grupos escolhidos.

Os entrevistados tiveram a liberdade de informar aspectos afetivos e valorativos que determinaram significados pessoais históricos projetando lembranças, memórias de sua participação, ou de participação de familiares ou pessoas conhecidas na história do município.

O ato de folhar o livro propiciou a descontração, o prazer e a emoção de despertar lembranças. O recurso visual que esse livro possui, a diagramação e fotografias auxiliaram

muito no ato da entrevista deixando o entrevistado à vontade fazendo lembrar-se de fatos. Estes momentos foram registrados em fotografia.

Pelo fato dos entrevistados terem sido escolhidos por serem moradores da cidade, membros desta comunidade e conhecidos do entrevistador, estes ficaram mais à vontade e seguros para colaborar. Responderam o questionário livremente sem receios, inclusive para sua identificação pessoal e suas características.

Cada entrevistado foi respeitado na sua singularidade, na sua história numa atmosfera amistosa e de confiança.

A pesquisa qualitativa segundo Moreira (2002) inclui a interpretação como foco, a subjetividade é enfatizada, o foco é a perspectiva dos informantes e o interesse é no processo e não no resultado.

Enquanto que Bogdan (1994) indica que a pesquisa qualitativa é descritiva. Que os pesquisadores tendem analisar seus dados indutivamente.

Um dos aspectos interessantes das entrevistas é a possibilidade de se apreender as atitudes da vida cotidiana essenciais para a trama da vida social produzindo assim novas questões sobre a história local. É um reatar da história, é fazer novamente, é repetir, renovar, é um constante movimento constitutivo da história no tempo presente.

Considerando a natureza das informações pretendidas optamos também pelo procedimento de entrevista especial com a autora do livro. No intuito de enfatizar a interpretação em contexto buscando retratar a realidade de forma completa e profunda sobre a produção do livro.

Percebemos que essa característica aponta para a compreensão do objeto levando-se em conta o contexto em que acontece no intuito qualitativo na interpretação da realidade

preocupando-se com o caráter hermenêutico, com a tarefa de também pesquisar sobre a experiência vivida, a história de vida da autora e suas qualificações.

3.1.2 Contribuições Teórico-Metodológicas

O ato de entrevistar gera um lembrar. Segundo Ecléa Bosi (1979) lembrar significa aflorar o passado. E Maurice Halbwachs argumenta que, pela memória, o passado vem à tona. Ocorrendo a eternização de um dado momento através de um livro. Neste sentido, o livro poderia ser pensado como um lugar de memória no sentido dado por Pierre Nora.

O itinerário foi ouvir-perceber o entrelaçamento de memórias individuais com vistas a aprender a dimensão coletiva destas memórias. Através das entrevistas observaram-se as narrativas que constituem os elementos da memória e que guardam relação com os acontecimentos relatados nas páginas selecionadas do livro.

Neste sentido, uma pesquisa constitui-se através de um processo intenso e continuado de aproximação, inserção, compreensão e interação com os sujeitos entrevistados.

Em muitos períodos, o mergulho em fatores históricos do passado de Santa Rosa fez-me sentir sujeito dessa pesquisa. No entanto, essa aproximação fez crescer cada vez mais o meu desejo de buscar os fios de recordações, construindo novos significados a respeito da relação entre o passado e o presente, através de um livro de história e memória.

As entrevistas contribuíram para o processo de evocação do passado, da lembrança, da recordação para o entrevistado através do livro.

... a possibilidade de evocar quando necessário o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente é propriamente a recordação (...) a recordação ao contrário da retentiva é uma espécie de dedução (silogismo), pois quem recorda deduz que já escutou ou percebeu aquilo de que se lembra; isso é uma espécie de

busca. Portanto, a recordação é própria apenas dos homens. (ABBAGNANO, 2007, p. 759),

Todas as recordações estabelecem para Halbwachs (1990), uma relação reduzida com o grupo que fazem parte. As lembranças são consequências de uma construção social e de coesão a um grupo social.

Para a compreensão da memória da cidade de Santa Rosa é necessário contemplar a memória e o imaginário social. Por meio dos discursos dos idosos identificou-se que as experiências permanecem vivas em suas memórias. Os acontecimentos que estão preservados no livro são também, recuperados pela memória. Essas lembranças se misturam e recriam uma realidade na qual a preocupação é de aproximar ao máximo os acontecimentos conforme aconteceram, mas que também reflete as modificações feitas pela própria distância do vivido.

É pela preservação da memória que se arranjam os registros ao qual montam estratégias para manter e preservar lugares, tradições, eventos, comemorações, fotografias. É esse relembrar, através de um livro, que faz com que a memória seja reavivada, ampliando a capacidade de rememorar lugares, fatos ou acontecimentos vividos.

Os acontecimentos registrados no livro podem ser lembrados e recontados trazidos à memória, na medida em que ela é evocada. "Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave, para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIN, 1993, p. 37).

No decorrer das entrevistas percebeu-se que a memória está na implicação da presença do passado, no presente. Através da presença involuntária de lembranças, de imagens do passado que afloram espontaneamente através do estímulo da leitura do livro.

...“Uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência de tempo” (PESAVENTO, 2012, p. 94).

Pode-se considerar que a memória é alguma coisa que está no presente, pois ela é tratada como alguma coisa a recordar. Um livro de memória e história estabelece um confronto entre o passado e o presente. É, portanto, uma forma de olhar para a história, para o passado da cidade.

O livro História e Memória de Santa Rosa deu vida aos acontecimentos passados, devido à pluralidade de relatos. Também fez com que as pessoas, ao lê-lo interpretassem e reconstruíssem a sua própria história se colocando, muitas vezes, como sujeitos nessa operação, nesse processo. Quando os entrevistados são interrogados sobre o que eles percebem no livro, cada um deles tem uma versão, uma versão muitas vezes parecida, mas não igual dos acontecimentos ali relatados. Na reconstrução da memória, o livro, além da sua pluralidade de fontes, também suscita outros fatores como: observação, sensibilidade, envolvimento e afetividade, fatores estes que contribuem para a construção da identidade de ser um sujeito santa-rosense refletindo na sua memória.

Baseamo-nos na teoria de Maurice Halbwachs que considera a memória como um aspecto coletivo, ou seja, com base no convívio social. O autor também a divide em memória individual, memória coletiva e memória histórica e afirma que a memória pode ser também percebida na reconstrução de um evento passado, a partir de um conjunto de lembranças que pode ser do indivíduo ou de pessoas pertencentes a um grupo social ou não. Entretanto, o livro resgata essas lembranças que podem dar segurança de construção de uma memória da cidade de Santa Rosa. Segundo o autor, a memória individual existe a partir da memória coletiva. São diversas influências do dia a dia que podem afetar o modo como o sujeito percebeu ou lembra algo, através de uma foto ou de um relato escrito.

Enfim, a memória, mesmo individual, é construída coletivamente a partir das experiências do meio em que o sujeito está inserido. E a memória individual se relaciona com a memória coletiva.

A história como memória social é percebida nas entrevistas sobre o livro. Segundo Burke (1992), a memória não é vista como uma lembrança do passado cristalizado, mas sim, a partir de um passado reconstruído no momento presente. A história e a memória de Santa Rosa passam a ser complexas no livro, pois segundo Maurice Halbwachs as memórias são construções sociais de grupos e eles é que determinam o que pode ser memorável e as formas pelas quais serão lembradas. Portanto, só sujeitos se identificam com os acontecimentos lembrados. A memória e a história se cruzam na interpretação do passado. O livro passa a ser um monumento, um lugar de memória que garante a continuidade de uma lembrança de símbolos do passado com o intuito de proteger da deterioração do tempo. O livro passa a ser um elo de sentimento de pertencimento. Segundo Michael Pollak em seu texto: “Memória, Esquecimento e Silêncio,” a principal função da memória é garantir um sentimento de pertencimento e de coesão a um determinado grupo. O autor refere-se também a um conceito de memória enquadrada aproveitada de Henry Roussou, ou seja, manipulada para justificar algo se beneficiando de um passado para legitimar algum direito e poder no presente. De acordo com Roussou (2005) a história e a memória não se opõem, mas se complementam.

Percebe-se uma memória coletiva através do livro numa construção de sentido para o passado, ou seja, a memória pode ser percebida articulando-se as representações culturais, políticas e sociais e a experiência social.

Longe de estar confinada ao estatuto de resíduo ilusório, mistificado, de atores manipulados a memória convida a levar em consideração os atores, suas

competências, e nos lembra de que ela frequentemente comanda a história que se faz (DOSSE, 2003, p. 291).

Pode-se pensar esse livro como uma forma de produção simbólica que institui identidade, onde se depositam lembranças compreendendo como um espaço (documento) vivo, político e simbólico, ou seja, um lugar de memória no qual se afirmam poderes da comunidade santa-rosense. A fronteira na qual a memória torna-se história, a história de Santa Rosa se constrói através da memória. Na designação cotidiana e mais vulgar, memória é um processo de lembrar fatos passados ou aquilo que o sujeito representa como passado. Quando em contato com o livro, o leitor se remete à memória, não como uma atualização mecânica de vestígios, de lembranças, mas como uma experiência perceptiva individual daquilo que está escrito ou socializado no livro. O livro não é apenas um registro de acontecimentos, mas ele é percebido como um referencial sobre o passado.

Sem dúvida para que haja um sentimento do passado, é necessário que ocorra uma brecha entre o presente e o passado, que apareça um antes e um depois. Mas trata-se menos de uma separação vivida no campo da diferença radical do que um intervalo vindo no modo de filiação a ser restabelecido (NORA, 1993, p. 19).

Os seres humanos são históricos, simbólicos e sociais. Considerando o processo de identidade como um modo que os sentidos são constituídos é necessário atravessar a interpretação de um livro de história e memória. No diálogo com os entrevistados surge o momento de rememorar numa perspectiva de história oral. Onde “a história oral se descobre num processo de socialização de uma visão de passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma consciente/inconsciente” (MONTENEGRO 1994, p. 40).

Segundo esse autor, a pesquisa que se utiliza de entrevistas orais está constituída baseada em um encontro entre duas pessoas, e este contato, esta relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado também tem influência naquilo que vai ser relatado, e que ao trabalhar com a oralidade acontece uma relação mais tensa entre passado, presente e memória abrindo novas possibilidades de significados. “Tudo aquilo que é sentido por nós faz sentido, ao mesmo tempo em que nos indica um sentido a seguir” (DUARTE Jr, 2006, p. 217).

A memória não se coloca nas entrevistas como questionamento entre a memória coletiva e individual, mas o fato de que o ato de lembrar é construído a partir da relação das experiências sociais e coletivas, mas é uma experiência individual.

No momento da realização das entrevistas verificamos uma linguagem que envolve o depoimento no processo de perceber a memória, de contar, de rememorar, trazendo à tona lembranças quase sempre cheias de significado para o entrevistado, podendo existir aí elementos que se apresentam ou que se omitem. Portanto, é preciso procurar indícios, pistas e sinais que nos possam levar a perceber o livro como uma reprodução da memória coletiva de Santa Rosa.

Cada entrevistado, ao olhar as imagens do livro, explora as sensações, interpreta e estabelece valores simbólicos a essas imagens.

É mediante a análise dos processos simbólicos que se percebe como se criam os laços de pertencimento entre os membros de uma mesma sociedade, como e porque a memória coletiva pode unir e separar indivíduos de uma mesma sociedade ou grupo social, como e porque o imaginário social reforça certas visões de mundo mesmo quando as condições materiais para que elas existam já tenham desaparecido. (BORGES, 2011, p. 79).

O desafio é encontrar nas entrevistas algumas das respostas que procuramos. Quando a pessoa começa a contar fatos, ela acredita naquilo que aconteceu, vai

valorizando e desvalorizando acontecimentos tornando alguns mais significativos. O significado que o entrevistado atribui aos fatos está fundamentado na percepção e na maneira como ele representa tais experiências.

3.2 CURIOSIDADES ENCONTRADAS

Vale lembrar que um livro de memória e história tem uma especificidade de gerar sentido e de manter coesão em torno de referenciais simbólicos comuns.

O efeito que o livro produz ao leitor, na emoção, no sentimento, no momento de contemplação do passado histórico.

Nessa perspectiva da re-significação e do reconhecimento do passado através de um livro de memória é que dá sentido ao discurso, tanto quanto sua produção.

As individualidades e particularidades surgem na função da comunicação e da função emocional e interpretação do leitor. A significação do livro ou de alguns fatos registrados é particular porque explora a afinidade do indivíduo com a sua própria realidade. E, simultaneamente, é coletiva porque ocorre ou poderão ocorrer sujeitos conectados pela mesma circunstância cultural.

Podemos pensar de forma resguardada que, ao olhar para o livro em uma análise semiótica, que este é uma fonte geradora de signos e que oportuniza um sentido na forma de significar trocando signos entre o passado e o presente.

É importante olhar com atenção a qualidade de sentimento que o livro provoca no leitor, e é através da cultura de cada indivíduo que permite fazer diferentes interpretações do livro e redes complexas de sentidos.

Desse modo, pretende-se entender que o livro é um meio de produção de conhecimento e de sentido não sendo, essencialmente, um transmissor de informação do

passado, mas que produz um efeito de sentido. E, por essa razão, vale dizer que estes sentidos numa análise de um livro de história e memória nunca se efetivam em definitivo.

No livro, a memória histórica é materializada nos enunciados. Não basta esta história estar escrita é preciso que ela seja lida e interpretada. Estes discursos do livro estão imersos em relações de saber e poder. Para Pêcheux (1997) o discurso é estabelecido como efeito de sentido entre interlocutores. Efeitos de sentidos são os inúmeros sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir, de acordo com a formação discursiva na qual ele é produzido.

É relevante salientar que um livro de história e memória se torna um importante instrumento de propagação do passado. Muito embora essa comunicação possa ser um re-avivamento do passado, e surge como uma troca de sentido entre o passado e o presente.

Para isso, é importante buscar entendimento a respeito do livro sem dar poderes extremos e acreditar que somente ali está a memória histórica da cidade. Por essa razão, percebe-se o livro como um discurso que produz um sentido no contexto social como um meio ideológico, atravessado por um sentimento de pertencimento a esta sociedade.

Mesmo que alguns textos ofereçam sentidos como referência do passado, ainda assim o livro apresenta uma memória grupal de uma classe social dominante e que essa informação já vem moldada e formatada.

Para analisar o texto discursivo na sua totalidade teríamos que compreender os incontáveis códigos que ali estão expressos. Eles são os elos de ligação que o livro faz entre o intérprete e o produtor, o objeto em si, a recepção e os elementos influenciadores na produção de sentido, em uma teia de significação quase que impossível de ser desenhada.

A forma que conhecemos e fazemos a produção de sentido trata-se de um exercício realizado através de códigos que pertencem a nossa cultura.

A ideologia é uma organização de códigos de um pensamento coerente e com aceitação social onde emergem conceitos e discursos de um determinado grupo. Esses códigos se organizam dentro da produção de um livro numa estrutura de sentidos e se revelam a um senso comum.

O elemento ideológico dentro da semiótica discursiva pode ser desconstruído em unidades naturalmente definidas, o entendimento de uma fala ideológica, vem da análise de seus elementos construtivos, e dentro dos textos de um livro de memória essas composições podem ser analisadas.

Isto se refere com que maneira o leitor processa a mensagem do livro. E de que forma se processa a criação de sentidos.

É preciso ir mais além ao que se refere essa análise, como observar alguns textos do livro que levam ao leitor a fazer uma leitura polissêmica e atingir, de forma acabada, o pensamento ideológico. Essa polissemia não é desorganizada, mas sim, os sentidos seguem uma estrutura, ora pelo poder de seu texto, pela maneira como é colocado, assim pelo grupo social a que pertence. Os sentidos não são idênticos.

Precisa-se lembrar de que todo ato de comunicação compreende um fazer eficaz e um fazer interpretativo, entre o enunciador e o enunciatário, uma vez que está em jogo uma relação de fazer crer.

Para analisar um livro é necessário levarmos em consideração dois aspectos importantes da semiótica: o plano de conteúdo e o plano de expressão na construção do significado que vai do nível mais simples e abstrato ao mais complexo que é denominado percurso gerativo de sentido. Expressão e conteúdo são inter-relacionados

O signo é um padrão apreendido que articula itens, acontecimentos, qualidades e processos num sentido amplo numa relação triádica. Pode-se definir signo como alguma

coisa que representa algo e pode ser interpretado por alguém, ou seja, algo que produz algum tipo de significado para alguma mente interpretante. No exemplo do livro, ao folhá-lo ele provoca algum tipo de sentimento, a ação ou cognição, e assim estamos diante de um processo de semiose.

Por sua vez, os livros de memória são signos que tentam representar os acontecimentos.

A primeiridade presencia e no contato imediato do leitor com o livro - são as impressões. A secundidade pertence às relações que se farão a partir das características observadas na primeiridade. – ocorrem aí as interpretações. Na terceiridade é o que permanece, a cultura do leitor e a interpretação que o mesmo obtém, observou e sentiu, ou seja, as relações que criou.

Para uma interpretação histórica é importante reconhecer como os signos são interpretados em seu contexto. É indispensável algo na mente real que, juntamente com o signo e o objeto fazem a semiose acontecer, dando seguimento à cadeia de significações. E isso Peirce (2010) chama de experiência colateral, adquirida por meio de outros signos.

Para os entrevistados, o livro tem um sentido, um efeito produzido imediatamente na mente, e a interpretabilidade peculiar ao signo. Tem também um significado que é um efeito produzido no intérprete pelo signo.

Esses entrevistados, na maioria, passam a interpretantes emocionais, ou seja, a reação que eles têm é, fundamentalmente, uma reação emocional que está associada com o signo, devido à história de vida deles.

O efeito causado na mente do leitor podemos dizer que é uma ação de signo ou semiose. *”O signo é múltiplo, variável e modifica-se de acordo com o olhar do observador*

que, na semiose analítica, na sua posição de interpretante dinâmico também é significador em diálogo com o signo que está sendo interpretado” (SANTAELLA, 2005, p. 42)

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS

Uma imagem, uma fotografia tem muitos sentidos. Por vezes são passíveis de muitas interpretações. As fotos aqui escolhidas podem ser interpretadas de formas diferentes pelas pessoas entrevistadas gerando leituras diferentes. Pelo simples fato de olhar uma foto já ocorre uma interpretação, sendo um resultado de uma elaboração cognitiva com um efeito de mediação sógnica possibilitando uma orientação no espaço através de um reconhecimento e um sentimento diante da imagem. Afirma Santaella:

Ora, o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo ou quase signo) que também está relacionado ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo (SANTAELLA, 1983, p. 91).

“O signo nada mais é do que a representação de algo para alguém, em face de sua singularidade” (WARAT, 1984, p.14). Todo o nosso contato com o mundo se dá por mediação sógnica e a fotografia é um signo que passa a significar algo para alguém.

A semiótica possibilita analisar as relações entre os registros do livro e seus significados. O livro provoca um fenômeno que gera significações distintas de acordo com cada momento histórico e social relatado, ligando as formas de expressão enquanto linguagem.

Uma imagem é um signo que representa algo e ajuda a construir sentido para aquilo que se observa.

A fotografia pode provocar a sensação de sua materialidade, a sensação do real, indicando, sugerindo, expressando-se como um signo “é sempre o signo que nos coloca em contato com tudo aquilo que costumamos chamar de realidade” (SANTAELLA, 2005, p. 15).

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente (...). Ele pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar (SANTAELLA, 1983, p. 90).

A fotografia possui significações que não se fecham, pelo contrário, abrem-se, desdobram-se em novos sentidos. Ao representar algo, a imagem precisa ser interpretada.

A fotografia é uma linguagem onde seus discursos revelam lógicas diversificadas de organização de pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de intervenção dos tempos culturais.

Ela tem uma dimensão mágica, significa presença, representação ou simulação de algo ausente. Ela é um discurso não verbal, pois é comandada por uma lógica diferente.

Peirce coloca que, aquilo que se apresenta para um intérprete é percebido a partir de um modelo triádico (o Percepto, Percipiium e Juiz Perceptivo). Percepto é a capacidade de percepção, aquilo que se apresenta para ser percebido. É aquilo que antecede qualquer interpretação. Já o Percipiium é a forma com que o percepto é percebido, ou seja, pelos sentidos e, por último, o Juízo Perceptivo é a intervenção, o senso ou julgamento da percepção.

Segundo Lynch (1999), o entendimento da imagem de um lugar e seus constituintes acontece pela atuação sobre a forma exterior do ambiente, de acordo com o processo cognitivo interior.

As fotografias do livro são signos e potencializam inúmeras possibilidades de interpretação. Ela representa algo, coisa, objeto característica de um fato acontecido no tempo e no espaço. Segundo Peirce os fatos vivenciados e percebidos nutrem o processo ininterrupto de semiose, de mediação ou representação.

O modo como o signo representa, indica, se assemelha, sugere, evoca aquilo a que ele se refere é o objeto imediato. “Ele se chama imediato porque só temos acesso ao objeto dinâmico através do objeto imediato, pois na sua função mediadora é sempre o signo que nos coloca em contato com tudo aquilo que costumamos chamar de realidade” (SANTAELLA, 2005, p. 15).

A fotografia, mesmo sendo um desenho, é um signo. É um ícone que permite ao interpretante imaginar e interpretar significados por meio de signos situando circunstâncias de um contexto. Ela estimula a sensação e a percepção impondo ao intérprete uma compreensão e significação carregada de subjetividade.

Para Peirce (2010), o signo ou representâmen está vinculado ao fundamento, ao objeto e ao interpretante.

4.1 IMAGENS DA CAPA DO LIVRO

A capa do livro é o primeiro contato que se tem com ele e ela tende a chamar a atenção carregando vários sinais e significados. A cor neutra em tom pastel, amarelado, com efeito esfumado já dá a noção de passado que remete a uma tentativa de enxergar com maior profundidade algo que aconteceu que é passado. Ela é um apelo, pois esta imagem não é apenas ilustrativa, mas sim, comporta significado e significante relacionado à cidade num certo tempo.

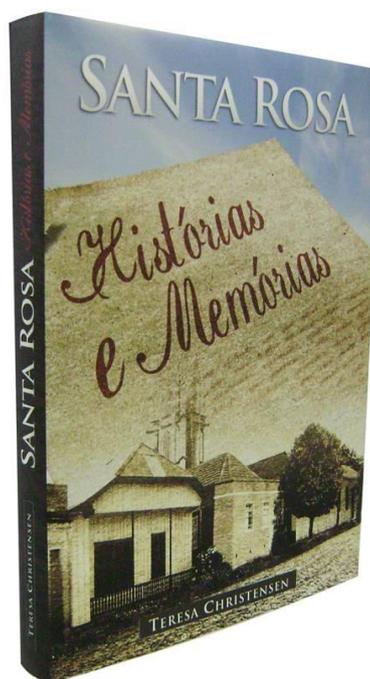


Figura 1 e 2 - Capa do Livro

Considerando o aspecto qualitativo, estimulado num primeiro olhar notamos a imagem organizada como um surgimento de uma escrita, de uma igreja e de casas que se sobressaem do fundo mais neutro que sugere a ideia de passado.

Através de sua imagem representa ao leitor/interpretante: “Essa imagem é o signo e o objeto dinâmico é aquilo que a foto capturou no ato da tomada a que a imagem na foto corresponde” (SANTAELLA, 2005, p. 15)

No desenho da capa, a imagem gera possibilidades de diversas interpretações. O título e o desenho se completam permitindo inserir a imagem num contexto histórico, indicando claramente o sentido conotativo que o desenhista ou editor desta imagem quis dar a ela.

(...) na maioria das vezes o texto só faz amplificar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas às vezes também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo e que é de algum modo projetado retroativamente na imagem, a ponto de aí parecer denotado (BARTHES, 2000, p. 334).

Com o fim a que se destina, nessa imagem há um contexto documental, pois contém uma série de informações referentes ao passado de Santa Rosa. O sentido denotativo da imagem está bem determinado, pois contém vários sentidos. Essa imagem também tematiza, ou seja, enquadra os sentidos conotativos referentes à história e à memória da cidade. A imagem estabelece uma ponte com o passado, uma conotividade na medida em que é desencadeado um sistema de signos.

A imagem aqui expressa pretende fazer um elo entre o passado e o presente para que possamos olhar para a memória contida ali no livro. Ela representa algo – o passado – tornando possível uma leitura diferente para cada indivíduo, criando várias formas de interpretação.

Esse desenho reforça a cultura da cidade e a formação ideológica. Apresenta no fundo a imagem de uma igreja. É notável a presença das religiões, pois as torres das igrejas: Católica, Protestante no Brasil e Protestante do Brasil possuem o mesmo formato e, talvez as mesmas cores, mais claras. Ele justifica as religiões como importantes no passado. A representação constitui, por meio de um efeito de iconicidade, um recurso

talvez argumentativo que tem como objetivo os valores religiosos ou o sincretismo religioso.

A igreja no fundo é um símbolo, um signo produzido por uma convenção. “No símbolo, a imagem presente indica por si mesma apenas que possui outro sentido e é só mais tarde ou inconscientemente que se é levado a um esforço de re-interpretação” (TODOROV, 1996, p. 258). O símbolo é, portanto, aquilo que possui uma semelhança com o objeto representado. A cultura ou as convenções sociais permitem ao interpretante ter aquela representação do símbolo.

Um símbolo é um signo que se refere a um objeto que denota em virtude de uma lei., normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo aquele objeto (PEIRCE, 2010, p. 52).

Vemos também casas e rua com calçamento numa escultura arquitetural de uma construção comum da época, onde se utilizava muito a madeira nas construções. São ícones como o livro (algo escrito) a igreja, as casas que representam as casas antigas da cidade, ou seja, o passado.

Esta imagem mostra, documenta e informa como era a cidade no passado e tem o intuito de levar o leitor a abrir o livro e vasculhar a memória da cidade.

4.2 IMAGEM DA MEMÓRIA DA COLÔNIA SANTA ROSA (1915-1930)

Nesta imagem podemos dizer que se desdobram diversas interpretações de conteúdo e expressão. Percebem-se vários sistemas: o código natural, o código cultural e o código estrutural da época.



Figura 3 – Fotografia da Colônia Santa Rosa

Esses elementos de expressão da foto informam como era a arquitetura das casas, que eram de madeira, pois na época a região era riquíssima na exploração da madeira.

Aparece uma rua larga, prevendo ser uma avenida, com a ideia de que a cidade possa crescer. Veem-se também os serviços, pois aparecem os postes e imagina-se então que já se tinha energia elétrica nas casas e nas ruas. Também uma construção sendo feita com tijolos passando a ser uma arquitetura mais moderna, com a ideia de mais andares. Existem vários códigos nesta imagem.

Os códigos que aparecem nos elementos de expressão da fotografia produzem uma imagem significativa. O código fotográfico é um potencial comunicativo na informação contida.

Revela a vida urbana na época, mostrando o início da cidade e como ocuparam o espaço naquele tempo. A imagem representa um objeto para o intérprete e produz na mente deste, algo que está relacionado à imagem, e isto ocorre pela mediação do signo.

Acontece que o signo entra numa relação de significação através dessa representação do passado.

Surge no leitor um processo de interpretação que permite captar um processo de significação como um todo (o objeto, o interpretante e a representação).

Esta imagem serve plenamente aos propósitos do livro – uma documentação – uma reconstrução da memória. A temporalidade está presente na fotografia.

A foto desperta e conduz ao leitor para a realidade vivida na época, convocando sensações e sentimentos. Ela se torna nesse momento um instrumento para se fazer conhecer o passado dando à emoção dele participar. “Toda fotografia é um resíduo do passado”. Um artefato que contém em si um fragmento da realidade registrado fotograficamente. (KOSSOY, 2001, p.45).

A cidade aparece construída num descampado, com árvores pequenas (plantadas mais recentemente). A ideia que se tem é que a vida urbana não tinha relação com as matas e vegetação nativa.

Muitas culturas empenhadas nessa fotografia: a terra, a vegetação, a história, a arquitetura, a ruralidade ainda existindo, mesmo sendo uma área urbana.

Esta imagem permite a presentificação do passado, como uma mensagem processada através do tempo. Abre uma janela para o mundo passado. O real passa a ser imaginado pelo interpretante (leitor) através de um sistema de codificação.

Esta imagem é evocativa, que alude a um mundo que não existe mais, tem um grau de convencionalidade. Imagens se tornam símbolos quando o significado de seus elementos só pode ser entendido com a ajuda do código de uma convenção cultural. Veículo do signo (primeiridade) e objeto (secundidade) tem que ser associados através de um terceiro, a convenção cultural, ainda a ser aprendida, por um intérprete (o terceiro) (SANTAELLA; WINFRIED, 2008, p. 150).

A imagem, no primeiro momento, causa reações no observador. Ele passa a entender suas cores e formas em um estado contemplativo. Após, o intérprete busca outros parâmetros, reflete e faz associações ao passado que ali está gerando conhecimento. E após, o interpretante percorre a um nível simbólico ao qual passa a interpretar esta representação. Liga o primeiro e o segundo numa associação intelectual, pois corresponde a inteligibilidade ou pensamentos em signos, por meio do qual representamos e interpretamos o mundo.

A imagem pauta-se em códigos convencionalizados socialmente. A mensagem da fotografia é uma relação de substituição para com a realidade da época. Nesta lógica aponta para processos de codificação que compõem a representação do real.

Constituída por signos icônicos, a mensagem fotográfica mantém uma relação de conformidade com aquilo que representa – o passado. ”Ícone é um representâmen cuja Qualidade Representativa é uma sua Primeiridade como Primeiro. Ou seja, a qualidade que ele tem *qua* coisa o torna apto a ser um *representâmen*” (PEIRCE, 2010, p. 64).

Diante dela o leitor tem a sensação de estar diante do passado, uma ligação ao passado. “A fotografia pela primeira vez, faz cessar essa resistência: o passado, doravante, é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro quanto ao que se toca” (BARTHES, 2000, p.130)

CAPÍTULO 5 - FRAGMENTOS DE MEMÓRIA: VISUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DA “HISTÓRIA E MEMÓRIA DE SANTA ROSA” A PARTIR DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

5.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O livro representa o passado e o objeto do signo e produz um efeito interpretativo na mente do leitor real ou possível e esse efeito, em tese, é o que Peirce denominou interpretante do signo.

O signo é entendido como atribuição de um objeto no processo de semiose e existe na mente do receptor e não no mundo exterior. “Um signo se constitui um signo simplesmente ou principalmente pelo fato de ser usado e compreendido como tal, que seja o hábito natural ou convencional, (...) e particularmente de um signo que se torna significativo por uma característica que reside no fato de que será interpretado como signo” (PEIRCE, 2010, p. 76).

O livro tem um efeito cognitivo sobre o intérprete (leitor). E esse efeito depende de certos aspectos que são concedidos a ele (objeto). A concepção desses efeitos constitui a concepção do objeto, é aquilo que representa algo. “O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa seu objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do *representamen*” (PEIRCE, 2010, p. 47).

Ao referir-se ao objeto Peirce (2010, p. 47), considera que “para que algo possa ser um signo esse algo deve representar como costumamos dizer, alguma coisa, chamada seu objeto, apesar de ser talvez arbitrária à condição segundo a qual o signo, deve ser algo distinto de seu objeto (...)”.

A relação de representação que o signo mantém com o seu objeto produz na mente outro signo. Consequentemente um signo somente pode representar seu objeto para um propenso intérprete, representando na mente deste, alguma coisa.

Aliado às categorias peirceanas com os elementos do signo: representâmen, objeto e interpretante temos o esquema das três tricotomias de Peirce mais exploradas:

Primeira: o signo como uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral.

Segunda: conforme a relação do signo com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em sua relação com um interpretante.

Terceira: conforme seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato, ou como um signo de razão (PEIRCE, 2010, p. 52)

Os signos e seus significados estão presentes no livro: Santa Rosa - História e Memória e também em tudo que nos cerca.

Segundo Santaella, é o objeto que determina o signo, e o que o signo representa, necessariamente, não precisa ser algo palpável ou mensurável, podendo ser de uma natureza abstrata. Já o interpretante (leitor) que é definido pelo signo ou pelo próprio objeto, não se considera como uma simples interpretação pessoal do signo, mas aparece no ato interpretativo, como o próprio objeto.

Nada melhor do que um livro de história e memória para mostrar os conjuntos de signos da cidade, mas também tornar o livro uma fonte geradora de signos.

O livro de Teresa mostra a cidade, o espaço e o tempo de uma história local, de uma memória da colônia para um tempo mais atual. Este livro oportuniza deslizamentos de sentido na forma de significar conjugando e trocando signos entre o passado e o presente.

Há aí vários processos de significação renovando regras de um código cultural que é também permeado por vários códigos (religioso, histórico, geográfico) cujos limites são

difíceis de serem alcançados. O livro tem a função de abrir possibilidades sígnicas através da trama significativa de códigos. De certa forma podemos observar que o sistema de expiações sígnicas no interior de um processo de significação é sempre colocado pela cultura e se desenvolve no seio da sociedade.

Quando nas entrevistas nos referimos às imagens do livro percebe-se que para o entrevistado, elas se tornam riquíssimas, pois lembrando o provérbio chinês, o qual dizia que uma imagem contém mais de mil palavras.

As imagens passam a proporcionar uma fascinação, um mistério que envolve nas diferentes leituras feitas pelos entrevistados que criam um universo de teorias e formas de interpretação. Segundo Aumont (2006), a imagem pode causar uma ilusão determinante, mas que para que isso ocorra são estabelecidas condições psicológicas, perspectivas além de culturais e sociais.

...em nossa relação com a imagem diversos códigos são mobilizados, alguns quase universais (os que resultam da percepção) outros relativamente naturais, porém já mais estruturados socialmente (...)e outros ainda, totalmente determinados pelo contato social. (AUMONT, 2006, p. 250)

Esta emergência da memória através do livro estabelece novas relações entre o passado e o presente evidenciando uma forte conotação emocional nas narrativas sobre o passado.

Este olhar sobre as estratégias simbólicas ao qual a memória ocupa um lugar de ponta percebe-se um revelar de posições e relações em cada um dos entrevistados a um ser percebido na sociedade, um ser constituído de identidade – um emergir de identidades.

Nesta articulação da história, da memória, explorando questões do passado percebe-se que esta memória é útil sobre suas convicções práticas e representações simbólicas que as pessoas entrevistadas fazem do passado registrado no livro.

A história lida no livro não é apenas uma reconstrução do que passou, e sim, um contínuo jogo com a memória. A lembrança em si tem prioridade sobre o que é lembrado. É uma ação que desperta escavar o passado por parte dos entrevistados que, normalmente, leva mais a pensar sobre o passado, ou seja, sobre a desconexão entre o passado e o presente. E ele se identifica com algo registrado no livro sobre o passado.

A memória e a identidade são ligadas, pois ao mesmo tempo em que a memória constrói a identidade, ela também passa a moldar aquilo que é lembrado pelo indivíduo do seu passado.

A memória permite o grande jogo entre o imaginário e o simbólico e um livro de memória então, é um trabalho permanente de reconstrução, de reinvenção do passado.

5.1.1 Análise das Entrevistas com Pessoas Idosas

Nas entrevistas com os mais velhos percebe-se que ao contato com o livro de memória, o sujeito no ato de lembrar, configura um processo seletivo lembrando os momentos significativos do passado. Para Halbwachs lembrança é “uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparadas por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifesta já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Na apreciação do livro, as pessoas idosas identificam as fotografias como o fator mais importante na elaboração do livro. Como imagem a fotografia é projetada para ser vista, admitindo uma leitura através de seus signos, sendo que a referência e o seu significado não são pré-estabelecidos. As fotos do livro com seus códigos possibilitam ao leitor uma interpretação da imagem, ou seja, realiza uma comunicação referente aos fatos.

A imagem pode ser entendida enquanto representação simbólica produzida ideologicamente utilizada como recurso de comunicação servindo de “intercessão entre o homem e o próprio mundo” (JOLY, 1996, p. 59).

Nas entrevistas com pessoas idosas percebeu-se que a fotografia expressa, informa muito sobre o que era a cidade. Ela é uma espécie de diálogo, entre o passado e o presente. Percebe-se que existe uma diversidade de leitura dos fatos do livro, pois depende do saber investido na imagem (conhecimento da história e da memória do município), uma relação com a referência. As imagens do livro fazem uma relação com o real atribuindo uma particularidade documental e testemunhal despertando o leitor para um fato vivido. “As imagens em geral constituem um dos sustentáculos da memória, e podem, também ao mesmo tempo, constituírem instrumento de manipulação política e ideológica” (KOSSOY, 2007 p. 103)

As imagens impressas são carregadas de significados nos informando como eram as ruas Borges de Medeiros e outras, expressando e documentando a realidade da época. Estas imagens, principalmente, para os mais velhos estão impregnadas de sentidos. Numa leitura da classificação de Charles Peirce podemos dizer que estas fotografias têm caráter indiciário, são índices do real. Essas fotografias do livro realizam uma espécie de sedução, fascinam os sentidos produzindo uma emoção. Isto depende também da forma de olhar de cada indivíduo.

No olhar dos entrevistados, com referência as imagens fotográficas, as pessoas mais idosas fazem claramente uma comparação o que era, principalmente, a Avenida Borges de Medeiros (onde iniciou a Colônia de Santa Rosa) com o que é hoje. “É a memória que garante a permanência do espaço tal como ela foi, ou se não, a permanência desta situação se baseia na permanência de espaço ou pelo menos na permanência das

atitudes adotadas pelo grupo diante dessa porção do espaço”. (HALBWACHS, 2006, p. 172).

Para Maurice Halbwachs lembrar não é reviver, mas reconstruir as experiências através das imagens atuais.

Todos esses entrevistados têm uma história para contar de algum lugar ou fato no passado e as fotografias são um recurso exploratório dessas memórias. No passado existiu uma história e no presente também existe uma história.

Ao tentarmos penetrar na memória e no imaginário do idoso percebemos que as relações que estabelecemos com o mundo são de uma trajetória nem sempre linear ou coerente das múltiplas representações. Precisamos compreender que a história do cotidiano não cessa, mas se desfaz e se renova a todo instante, e as percepções em relação ao passado se tornam presentes por meio das lembranças. O idoso, portanto, pode ser uma peça fundamental na transmissão das lembranças, memórias, histórias e crenças de uma geração. Eles compartilham um processo histórico social que podem refletir em outras gerações para Ecléa Bosi (1979), que se respalda em colher memórias dos velhos para mostrar como a essência da cultura emerge através dos relatos individuais.

É importante valorizar o idoso na condição que lhe é particular de transmitir a memória, a tradição e os costumes ao longo das gerações. Juntar suas memórias é resgatar suas experiências do passado, valorizando sua trajetória de vida. O passado pertence ao idoso. Tudo aquilo que é transmitido pelos idosos influencia a nossa compreensão do mundo passado e atual, contribuindo de alguma maneira para o desenvolvimento social. Mannheim (1982) afirma que essa acumulação é cultural, porém não é realizada pelos mesmos grupos, sendo desenvolvida por indivíduos que estabelecem contatos diferenciados com a herança das gerações.

Para Mannheim (1982), a compreensão da natureza das gerações é um fenômeno social. Portanto, fazer o colhimento da memória do idoso é mostrar como a essência da cultura emerge através destes relatos individuais.

O idoso permanece no limite por ter suas representações tanto individuais como coletivas supridas no cotidiano. É interessante que:

A memória dos velhos pode deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que nem chegamos a conhecer. Através dessas memórias, podemos compreender momentos perdidos e, talvez tornar mais humano o nosso presente. (ALMEIDA, 2001, p. 33).

O ato de lembrar, para os mais velhos, provoca muitas divagações ampliando as histórias onde flui a liberdade da imaginação comprovando particularidade apontada por Benjamin da limitada capacidade da lembrança.

Analisando as entrevistas percebe-se um aspecto levantado por Halbwachs (1990) onde se reconhece a individualidade do sujeito, mas não se consegue vê-la deslocada da experiência coletiva. O caráter individual dos relatos sobre um mesmo acontecimento histórico relatados no livro varia de acordo com cada pessoa, mesmo que esta mora no mesmo local e fala de acontecimentos que envolvem a todos. O relato é essencialmente individual, pois está assentado na sua memória. “Ainda que esta memória seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais” (PORTELLI, 1997, p. 16).

No momento das entrevistas, os idosos se tornam testemunhas dos fatos, pois relatam que estiveram presentes durante o acontecimento, relembando:

Na época dos conflitos e perseguições aos alemães lembro bem meu tio não sabia falar nenhuma palavra em português e chegaram na sua casa os revolucionários. O tio mandou chamar o meu pai para conversar com eles e eu metidinha fui atrás. Meu pai ficou brabo, mas eu acabei indo no colo

dos revolucionários e comi carne com eles – um churrasco (Entrevista A - 89 anos)

Podemos dizer que o livro passa a confirmar sua visão.

As fotos do livro desempenham a função de testemunha do passado, pois ao visualizarem, revivem com maior clareza a significação daquele momento na vida. E é em função deste instante que se percebe que a fotografia é um índice do real, pois a imagem do livro atesta a existência do objeto fotografado naquela época. A fotografia no livro de memória serve plenamente ao propósito da documentação, não substituindo o passado, mas trazendo um fragmento do real, como uma maneira de conservação do passado e uma solução na reconstrução da memória por sua inscrição no espaço e no tempo.

A entrevistada B abriu o livro com certo conhecimento e foi direto procurar fotos da época em que ela convivia na Comunidade da Paz. E num encantamento achou uma foto na qual ela aparece (p. 228 – sala ambiente dos professores) “*A gente fazia as nossas reuniões nesta sala para fazermos o planejamento das atividades da escola*” (Entrevista B - 68 anos). E ainda foi citando nomes das demais pessoas que estavam aparecendo nesta foto e se estão vivas ainda ou já faleceram. “Não consideram de modo algum a foto como uma cópia do real - mas como uma emanção do real passado: uma magia não uma arte,” (BARTHES, 1984, p. 132). A fotografia sucede sobre o tempo.

Percebe-se que ao olharem a foto da Colônia de Santa Rosa (p. 34 e 35) eles se remetem, automaticamente, ao passado, como se a imagem aclarasse a mente, uma consciência. “*Era bem assim as casas e esta rua larga*” (Entrevista C – 75 anos). As falas sobre esta imagem tornam-se mapas de significação, ou seja, representação gráfica que apresenta o principal tema e relações entre eles e a história da cidade. “*Essa foto me faz lembrar da cidade baixa, onde começou a cidade*” (Entrevista C – 75 anos)

A fotografia aqui faz ressurgir imagens vividas nas ruas da cidade ativando a memória. Essa imagem possibilitada pela fotografia da Colônia de Santa Rosa e esse contato direto permite a atualização do passado e o encontro com a lembrança do tempo vivido que se passa a revisar.

Mas a verdade é que jamais atingiremos o passado se não nos colocarmos nele de saída. Essencialmente virtual o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente emergindo das trevas para a luz do dia (BERGSON, 1999, p. 158).

Percebe-se que para eles o livro não apenas mostra o passado simplesmente pelo passado. Os idosos ao lê-lo fazem uma reflexão sobre as relações vividas. Lembrando que nenhum documento é neutro, assim o livro não pode ser concebido como a história em si ou uma expressão absoluta da verdade, muito menos o retrato fiel da realidade. Este livro foi escrito em um determinado contexto, com determinada ideologia pela autora, haja vista que um mesmo fato pode ser interpretado de várias maneiras, a partir de pontos de vista diferentes.

As maneiras de ler e interpretar o livro difere de pessoa para pessoa, e os entrevistados dão várias informações e detalhes mais amplos e profundos. Como se passasse um filme na cabeça. E buscam outras fotos que têm em casa, para mostrar como era o lugar que moravam, como era o cotidiano da cidade e os eventos importantes. A fotografia é uma forma de iconografia, a imagem está registrada e ela tem uma representação, possibilita uma interpretação, ou seja, a imagem guarda em si indícios da história do início da cidade de Santa Rosa. Os entrevistados mostram detalhes contidos na imagem, como se estivessem resgatando a história, decifrando a realidade interior da representação fotográfica.

Essas imagens possuem valor simbólico e social para o indivíduo tendo um papel importante no afloramento da memória.

A fotografia propicia um autoconhecimento e recordação surgindo como um dispositivo de construção de identidade, de registro cultural. Ela contribui para associar a imagem ao contexto em que o indivíduo viveu, sendo importante para que a imagem não seja apagada da memória. Ao depararem com esta foto (p.34 e 35) os idosos passam por estágios de percepção e interpretação, dando muito significado a esta mensagem contida na imagem.

Por mais natural que possa parecer, essa imagem perpassa por elementos culturais aprendidos pelo indivíduo ao longo de sua vida. E é na interpretação que se percebe o conteúdo da foto, ou seja, é na interpretação que se decifra o que esse conteúdo representa para cada um dos entrevistados. Eles se tornam atraídos, pois a foto lhes chama atenção e, a partir daí dá-se uma sequência de atividades mentais. “Toda cultura, padrões e conceitos sociais, trajetória de vida, socialização e toda subjetividade atuarão nas análises, interpretações e registros fotográficos na memória do indivíduo” (SCHNEIDER, 2002, p. 03).

O livro através de suas imagens surge como um exercício de voltar ao passado, através de fragmentos das experiências vistas ou vividas.

Ocorre nos entrevistados uma memória que se volta ao sonho, por vezes, um devaneio, uma atividade que propõe reviver bons ou maus momentos da experiência passada. Esta memória perpassa por valores, paradigmas, ideologias e cultura própria do indivíduo na sociedade ao qual ele viveu. A foto da Colônia é um registro do fragmento que serve para recordar, ou seja, serve de referência para o contexto histórico sendo um grande potencial de memória.

A fotografia surge como algo primordialmente indicial, porque ela é uma representação da realidade e estabelece uma íntima relação, ou seja, aponta algo, representa algo, indica a realidade da época. Ela traz em si uma profunda carga de referencialidade.

Os elementos icônicos presentes na foto provocam no observador: sensações, sentimentos, trazendo consigo uma história e uma característica própria. Provoca um efeito na mente permitindo a sensibilidade, explorando as sensações. A interpretação ocorre estabelecendo valores simbólicos à imagem. Para os idosos parece que, enquanto houver vida, haverá um fato significativo em relação ao passado, haverá signo, pois a vida para eles depende dessa comunicação e interação. Uma vaga presença é sentida, primeiridade é presente. O impacto que a foto gera a surpresa do objeto, o passado vem à tona pela memória determinando uma sensação – secundidade. E a terceiridade é responsável por essa continuidade, a interpretação, a consciência. Por meio desse processo de semiose um signo determina outro, intervindo um objeto para uma mente. Essa cadeia, portanto, é contínua. A ação do signo é atribuída no tempo e constitui o tempo. O tempo é contínuo, um signo gera outro. Não tem limite nessa interpretação.

No contato com esses idosos buscamos no tempo presente os indivíduos que guardam imagens de outros tempos (reminiscências). Vivenciamos uma experiência de conhecer um pouco dessa história do passado do município.

O idoso, por sua vez, tem a função social de lembrar – sendo o vínculo entre o que foi e o que é. *“Lembro também do Frigorífico encaminhado pelo Pedro Carpenedo e este é o único que ainda está funcionando, os outros já fecharam as portas”* (Entrevista D – 91 anos). Na real o idoso é um mediador entre a geração de hoje e o testemunho do passado.

“A verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda dos signos” (VYGOTSKY, 2000. p. 68).

A época da 2ª Guerra Mundial (Tempo de Constrangimento, p. 152 e 153) para os idosos deixou marcas profundas nos descendentes de alemães e italianos. Os idosos entrevistados, na maioria, sentiram, viveram e presenciaram a perseguição aos alemães na cidade de Santa Rosa. Sofreram com a própria mudança de olhar sobre os sujeitos imigrantes.

Esta historicidade vivida pelos sujeitos que procuram expressar nas entrevistas exatamente como os fatos ocorreram. Eles demonstram um saber, um conhecimento, uma bagagem cultural e visão do momento histórico, possibilitando que esta memória relatada retome efeitos de sentidos. Fazem relatos de como foram tratados, falando que tinham que esconder seus bens culturais para poder cultivá-los como exemplo: os relógios, as jóias e a língua alemã, Mas a língua alemã continua como efeito de significação sob a forma de resistência e de interdição.

Ao olharmos para esta questão percebemos que nas palavras surge um sentimento de proximidade, de identificação. Para os descendentes de alemães ou italianos ao se referirem à questão da língua falada emerge um sentimento mais forte, como se a língua fosse um elemento simbólico de identificação e união, de pertencimento a esse grupo.

Neste recorte (tempos de constrangimento) podemos notar o reconhecimento da identificação com a língua. Os entrevistados perceberam o significado simbólico da língua na vida das pessoas tanto que a proibição da língua foi um fato marcante.

Aqui as representações são construídas, a ideologia interpela os sujeitos. E é nessa interpelação (identificação) que se constrói um processo de identidade. Estes sujeitos se identificam, a partir dos pré-construídos, ou seja, assumem uma representação de si

mesmo. A origem desta identidade está nestas condições sociais históricas. Esses sujeitos trazem marcas ideológicas materializadas.

Nos relatos dos momentos vividos pelas famílias nesta época, aqui podemos nos retomar de estudos de Pêcheux (1999), sobre o papel da memória, ou seja, na relação da memória com o acontecimento está presente um conjunto de representações vividas por esses sujeitos. E esses sentidos são re-significados a partir da memória.

“Nós não sabíamos falar nenhuma palavra em português” O que permaneceu então foi o medo nestas pessoas, a violência simbólica, principalmente porque estavam proibidos de falar a sua língua, a qual os constitui enquanto sujeitos por meio do qual os sentimentos, os significados e as representações são articulados e guardados na memória. E é nesta relação da memória com o acontecimento que se constrói a identidade onde determinados sentidos são produzidos.

Ao retomarmos esses acontecimentos históricos, por meio de um livro de memória, vêm à tona diversas questões que significam na memória e nela os sentidos são registrados e guardados.

Nos discursos da entrevista percebe-se que, muitas vezes, ocorre uma desqualificação ou um desconhecimento das práticas do passado. Quando olham no livro parece que a informação fica mais clara. É como se o livro deixasse aparecer à veracidade do acontecimento:

Meu tio tinha a empresa de ônibus que ligava Cruzeiro a Santa Rosa, mas no livro diz que ele tinha cotas. Eu achava que ele era o único dono. Depois esta empresa virou o Toda Hora que a gente conhece (Entrevista C – 75 anos).

Ao fazer a relação, os idosos exercem uma função peculiar de contemplar e escavar as lembranças. Percebe-se que as representações sociais constituem-se em valores, crenças

e práticas que são confundidas algumas vezes, e misturadas a todo o momento. *“Parece que estou enxergando a casa do vô”* (Entrevista C – 75 anos). *“Todos tinham medo porque eram bandidos mesmo”* (Entrevista A – 89 anos)

E essas lembranças estabelecem para Halbwachs (2006) uma relação afinada com o grupo que fazem parte. As lembranças são fruto de uma construção social e de coesão a um grupo social. *“Lembro bem dos caminhões com cabine de madeira que andávamos e fazíamos piquenique”* (Entrevista B – 68 anos) *“A inauguração da igreja. Meu pai era o assador da festa. Eles faziam os espetos no mato”* (Entrevista C – 75 anos)

Ao ler o livro o idoso vai concentrando presente e passado, e através da memória se lança novos sentimentos. Conforme Pollak (1990) existem memórias subterrâneas no esquecimento e diante de determinadas circunstâncias elas podem aflorar. Um conjunto de signos é acionado desencadeando novas semioses, podendo também se ter outras versões da história. Isso se refere aos sentidos que determinados temas do livro geram na reconstrução deste passado emergindo as memórias subterrâneas. Para Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, graças aos quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas. (...) O processo de memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios (LE GOFF, 2003, p. 366).

Percebe-se o movimento de ir e vir, de olhar para o passado como um acontecimento histórico importante, bom. Para eles a história local não deve ser esquecida, e sim, lembrada sempre. E um livro de memória é de fato importante para transmitir conhecimento da história local para todos e, principalmente, para a próxima geração.

5.1.2 Análises das Entrevistas com Pessoas de Meia Idade

A memória e a história renovam-se através das entrevistas. Algumas pessoas não viveram naqueles momentos, mas relatam que se relacionam com esse tempo pelo conhecimento passado oralmente pelos mais velhos. De acordo com Halbwachs (1990), a condição necessária que exista a memória é o sentimento de continuidade.

No imaginário diversas representações relacionadas da história e memória de Santa Rosa, descendem de outras gerações e nelas se aglutinam novas representações. Segundo Halbwachs (2006), as representações sociais são misturadas e confundidas a todo instante. O estudo da memória da cidade deve estar vinculado à história e ao acontecer histórico.

Na busca de melhor entender as entrevistas, a percepção das expressões tornam-se fundamentais para perceber a importância da memória e história produzida através de um livro. Portanto, as experiências, historicamente, construídas pela memória fazem do passado uma dimensão importante para o atual presente. Tratando-se de visões particulares da verdade, permitindo a construção do conhecimento através de várias abordagens. Cada entrevistado tem o seu olhar, o seu filtro sobre o que está no livro e o que ele deseja falar ou não sobre o assunto. “Lembrar que estamos falando não com fontes – nem estamos por ela sendo ajudados, mas com pessoas” (PORTELLI, 1997, p. 25).

Refletindo sobre os diferentes fragmentos de lembranças e realidades vividas, entendemos que através do livro a tradição e a memória se interagem construindo lembranças que criam identidades e que, a partir delas os sujeitos se constroem.

As recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e especialmente trazem a possibilidade de atualização do passado no presente (GUIMARÃES NETO, 2000, p. 26).

Através das questões referentes ao livro conseguimos nos pautar resgatando um pouco da experiência de vida, auxiliando-nos na compreensão da memória e história da cidade de Santa Rosa. Através da memória dos entrevistados foi possível caminhar na busca de entender os mecanismos identitários que um livro provoca na teia de relações sociais e como as vivências atuam no tempo e no espaço. A memória faz parte da cultura, das experiências do sujeito, portanto, as lembranças estão intimamente ligadas ao espaço e às vivências de cada um dos entrevistados.

É por essas abordagens, de convivências, das fontes, de ouvir os entrevistados rememorando, foi um caminho importante para rever a história, não querendo ver se o que está no livro é mesmo a verdade, mas percebendo a história como inacabada.

Ao dialogar com os entrevistados percebemos os diferentes sentimentos que eles têm em relação ao livro. Além da vivência como bagagens, alguns nos passam um grande sentimento e até emoção ao evocar o passado através do livro.

Se pensarmos memória como um fenômeno construído social e individualmente, podemos então perceber que existe uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aquele sentimento no qual o indivíduo tem de si e dos outros. O sentimento de ter fronteiras de pertencimento ao grupo, um sentimento de continuidade e de coerência a um grupo e até na reconstrução de si mesmo.

As lembranças trazidas à tona nas entrevistas são estabelecidas por um ponto comum na imagem da capa, o espaço físico é lembrado no desenho onde aparece de fundo um símbolo santa-rosense que é a igreja, que pelo modelo da torre pode ser tanto da igreja católica como duas igrejas luteranas. “O que chamamos símbolo é um termo um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do significado evidente e convencional” (JUNG, 1964, p.16).

Segundo Jung o símbolo pode ser um objeto cotidiano captado pelos sentidos e que sempre aponta para algo mais, algo oculto. No caso, este é um símbolo cristão. A arquitetura, no passado, de certa forma traz um simbolismo em suas linhas e formas.

Nas conversas com os entrevistados surgem as memórias individuais, ou seja, as percepções individuais da realidade. Segundo Halbwachs a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo social, mas isto não se opõe ao sujeito e suas memórias particulares, mas sim, a abrangência dos fatos vividos em sociedade e como este sujeito se insere nestes mesmos acontecimentos.

No ato de interpretação do livro ocorre uma dinâmica de lembrar estimulado pelos sinais contidos no livro, os entrevistados aqui, portanto, constituem referenciais como: *“Lembro da casa do meu avô que era mais ou menos deste estilo”* (Entrevista J – 45 anos)

Esses acontecimentos relatados no livro são estímulos para um afloramento de lembranças que constituem o estofo do tempo da memória local. A memória aí ultrapassa o tempo de vida individual e mergulha num passado constituindo-se como fonte para a produção do conhecimento histórico. A História, portanto, é uma práxis da realidade.

Essas realidades formam um pano de fundo dos pensamentos do indivíduo produzindo relações de significação, ou seja, a internalização de significados ou um inter-relacionamento contínuo de significados. Ocorre então um emaranhado de teias de significação que a sociedade ou o indivíduo mesmo teceu. Gertz (1973) assume a cultura como sendo essas teias. Ele define cultura como uma possibilidade de interpretação de significados.

Cada indivíduo possui a sua própria visão do mundo (da cidade) e esse referencial é importante, pois realiza a integração das várias funções da individualidade produzindo um

universo de significações. “*Quando criança achávamos que a Casa Zenni era mal assombrada*” (Entrevista F- 46 anos). Esse quadro de referenciais que tem a cidade corresponde a uma identidade.

O referencial que caracteriza o receptor é tão importante quanto à vida coerente mediante uma relação sincrônica e de dependência entre as estruturas conceituais e os novos aprendizados ao qual percorrem um caminho de reafirmação ou de negação dos pressupostos já existentes.

O livro de memória contém incomensuráveis potencialidades, porque através da memória registrada ele faz elo entre as identidades e as relações de poder. “*Eu comprava na casa Nena*” (entrevista G – 59 anos) Identidade e memória são elementos que, em conjunto, tem como fim gerar uma unidade, um sentido histórico.

É no lugar que habitamos que ocupamos no contexto onde estamos inseridos, mergulhando através do livro no passado é que trazem à tela da memória a sua própria história. “*Nasci nessa região na cidade baixa perto da padaria 14 de julho...*” (entrevista F – 46 anos)

Neste caso, a fotografia também é um processo comunicativo, é um sinal que estabelece um processo de significação e uma interpretação. Segundo Santaella (2001), o signo funciona como um mediador entre o objeto e o efeito que produz na mente, pois alguma forma representa o objeto.

A leitura do livro de memória chama a atenção quando mostramos a fotografia. “O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu” (BARTHES 1984, p.123) E esses elementos do conteúdo da fotografia passam aqui a adquirir sentido por meio das relações estabelecidas entre eles.

“Não imaginava que já naquela época tivessem feito essa avenida larga. A casa de Comércio Zenni era uma igual a essas da foto”. (entrevista F - 46 anos) As imagens tornam-se visíveis através da interpretação que dão e ao efeito de sentido. O livro passa a ser um emissor que leva a mensagem do passado ao receptor ocorrendo um processo de comunicação, um processo de significação.

Os entrevistados buscam por meio desta foto (Memórias da Colônia, p. 34 e 35) uma interpretação do passado “Conhecer por imagens é perceber, ou seja, imaginar é perceber, pois a percepção é simplesmente o conhecimento, das imagens, das coisas” (CHAUI, 2006, p. 86).

É importante ver a imagem não somente com os olhos, mas também com a imaginação. *“De onde será que esta foto foi tirada?”* (Entrevista F – 46 anos).

A fotografia aqui pode ter múltiplas significações, ousando novas interpretações. *“No meu entender essa deveria ser a avenida principal da cidade na época”* (Entrevista H – 47 anos). Busca-se decifrar a realidade interior desta representação fotográfica (Memória da Colônia de Santa Rosa) sua face oculta, seu significado. *“Não imaginava que era assim a Avenida Borges de Medeiros, parece ser à entrada da cidade”* (Entrevista I – 51 anos).

Uma fotografia é uma construção além de quem a fez, mas também de quem a vê. Percebemos que não existem construções ou interpretações neutras. A bagagem cultural de quem a vê interfere no resultado da interpretação. *“Casas de estilo europeu com seus telhados pontudos, pelo que sei esta arquitetura era igual a da Europa na época”* (Entrevista I – 51 anos). Os significados e as interpretações desta fotografia podem ser múltiplos e dependem do acervo intelectual e cultural do observador e também do conhecimento do contexto histórico.

Os entrevistados também associam a imagem ao seu contexto. *“Nasci nessa região na cidade baixa perto da padaria 14 de julho, e este era o primeiro nome da nossa cidade” (Entrevista F – 46 anos).*

Jamais se poderão decodificar tais informações – que permitem enfoques multidisciplinares – se não houver um mergulho naquele momento histórico, fragmentariamente congelado no conteúdo da imagem e globalmente circunscrito ao ato da tomada do registro (...) ele não sobreviverá sem os dados que a identificam, sem a devida interpretação que a situa e valoriza (KOSSOY, 2001, p. 160).

A fotografia produz significados e representações diversas que muitas vezes são difíceis de analisar e interpretar. “Falar em signo já conclui o objeto e interpretante, pois aquilo que constitui o signo é a relação triádica entre três termos: o fundamento do signo, seu objeto e seu interpretante” (SANTAELLA, 2005, p. 43).

Muitos acontecimentos da vida em comunidade, ou as experiências mais individuais são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças.

Ao analisar as entrevistas em relação ao Tempo de Constrangimento (p. 152 e 153) percebe-se que nas palavras surge um sentimento de proximidade, de identificação e também de amor. Parece que se tem um desejo de estarem mais próximo as suas origens. A maioria, ao lembrarem o fato sabe por que os avós ou pais contaram. Os sujeitos passam a se identificar com aquele grupo que sofreu as perseguições. *“Meus avôs falavam disso. Meus bisavôs tinham comércio e meus avôs sempre falavam que não podiam falar em alemão – chegava a polícia gritando” (Entrevista F – 46 anos)*

O sujeito se identifica com o grupo familiar numa relação de pertencimento. E falam do problema da língua como se esta fosse um elemento simbólico de identificação e de união. Percebemos a importância da língua na construção da identidade da cidade e os processos de identificação que marcaram os sujeitos - a proibição da língua. “A identidade

não é idêntica a si mesma, não é sempre discernível em sua especificidade. Depende da história de sua constituição” (ORLANDI, 2002, p. 24). A identidade passa pelo imaginado construído pelas referências históricas e também pela relação de pertencimento a etnia alemã.

A compreensão do fato vivido pelos antepassados é uma construção imaginária que passa pela concepção do sujeito, sendo que consideramos que o sujeito não é livre, percebendo que as construções imaginárias que ele faz acerca do mundo, dos outros e de si mesmo, movimentam-se pelas ideologias que o interpelam como sujeito. “A ideologia é vista como o imaginário que medeia à relação do sujeito com suas condições de existência” (ORLANDI, 1994, p. 56).

A caracterização simbólica para PÊCHEUX (1997) domina as identificações imaginárias através das quais toda representação verbal, portanto, toda palavra, expressão, enunciado se reveste de um sentido próprio, absolutamente evidente que lhe pertence. Qualquer representação se constrói a partir de um reflexo do processo social histórico, não entrando em jogo apenas o ideológico, mas também as condições de produção é que determinam as representações que cada um faz de si e dos outros.

Esses saberes sobre o passado são processos discursivos responsáveis pelo dizer aquilo que foi característico deste determinado momento histórico, sendo uma memória coletiva e social.

Se nos debruçarmos sobre a forte construção de identidade que este fato gera para os descendentes de alemães, percebemos que o reconhecimento acontece, a partir do funcionamento das representações discursivas trazidas pelos avôs, bisavôs e pais que contaram os fatos ocorridos na cidade neste período. Ocorre à evidência de sentido, o sujeito parece ter o controle total sobre aquilo que ele fala, se identificando com o fato.

Um grande sentimento de pertencimento perpassa como se o discurso fosse reinscrito no momento que o sujeito se posiciona e enuncia.

Podemos perceber nestas entrevistas que os saberes são constituídos a partir de uma conjuntura dada, passada pelos pais ou avôs. Isso significa que alguns ditos são significados e assimilados, enquanto outros podem ter sido excluídos. Percebemos também que eles constituem um imaginário acerca dos saberes do fato ocorrido. Mas esses saberes se conservam no discurso, porque são através deles que se constrói o imaginário, sobre isso e os sujeitos se identificam ao falar sobre Os Tempos de Constrangimento.

Percebemos que os descendentes de alemães se identificam mais ao fato, parece que carregam as marcas em suas vidas por meio dessas memórias. Nesta relação da memória com o acontecimento que se constrói a identidade em que determinados sentidos são produzidos. Esses fatos de violência permanecem na memória do imigrante. E esta memória é relatada no livro e é constituída pela historicidade dos sujeitos que moram em Santa Rosa e que aprenderam com o relato dos pais e avôs sobre este fato.

Na dinâmica do relembrar estimulado pelo livro, os entrevistados reconstituem referenciais tais como: “Era uma época muito difícil, tinham muito medo”(…) algum filme a gente assistiu nesse cinema”(entrevista G -59 anos); “*Ferramis eu adorava olhar o aquário que tinha lá*” (entrevista F - 46 anos); “*Laticínios Mayer onde meu pai trabalhava*”(entrevista H – 47 anos)

A memória aflorada pelo livro ultrapassa o tempo de vida individual. Através das histórias de família, das tradições e das histórias contadas através das gerações e das inúmeras formas de narrativas constrói-se a memória da cidade onde moramos.

A memória é percebida como uma construção psíquica que leva a uma representação do passado, não só do indivíduo, mas do indivíduo inserido no contexto

social: “Salão Grenat era um bar e restaurante que a gente frequentava”(entrevista G – 59 anos) Segundo Maurice Halbwachs toda memória é coletiva.

A identidade e a memória local são infundáveis, aprendidas e reproduzidas no cotidiano através dos processos de identificação. O livro serve como uma tentativa de expressar as identidades através de uma cultura unificada.

As culturas nacionais ao produzir sentido sobre a nação, sentido com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (...) a identidade nacional é uma comunidade imaginada (HALL, 2001 p. 51).

O livro é um lugar de memória com efeito simbólico. É lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. O livro é um recorte de uma unidade temporal e serve para uma chamada concentrada de lembrança.

O livro é um lugar de memória porque mostra os elementos que servem de apoio à memória, as pessoas, os lugares e os acontecimentos vividos. E esses elementos são responsáveis pelos elos afetivos entre as pessoas. “*Aqui no livro está minha família. A tia Nilda Heiner e a Silda eram minhas tias avós e a Ercela Heiner era minha vó. Essas fotos algumas a vó já tinha me mostrado*”. (entrevista F – 46 anos).

5.1.3 Análises das Entrevistas com Pessoas Mais Jovens

Os jovens a nosso ver, estão fundamentados no fato das experiências coletivas que podem ser percebidas de uma forma única atribuindo a eles um significado singular. A história e a memória de Santa Rosa para eles são experiências lembradas e contadas, porém com poucos significados.

Nas falas, os jovens referem-se à memória herdada. Segundo Pollak (1990), a

memória herdada se encontra ligada ao sentimento de identidade. Este sentimento é, antes de tudo, um sentimento de pertencimento. Os sujeitos entrevistados sentem aquela necessidade de se firmarem a uma identidade de santa-rosense.

Surge então uma necessidade, nem que seja no plano mental individual da ideia de pertencimento a cidade, a ideia de nação. Segundo Hall a nação é algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural é uma unidade simbólica. “A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 2001 p. 49). Segundo o autor todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Os jovens são indivíduos fragmentados da pós-modernidade, ou seja, estão inseridos a vários grupos sociais, são múltiplos seus pertencimentos.

Dentro da questão do tempo, a coordenação cronométrica entre os sujeitos e os diferentes lugares apresentados nas páginas do livro permite a articulação entre os fatos e as recordações. Ocorre a rearticulação da memória e os fatores definidos como unidades simbólicas e presença de pertencimento. Uma das características da memória é a presença dos fatos passados no presente.

As referências de memória permitem um imaginário. Os fatos passados constituem marcos, importante para a construção do presente.

A identidade cultural está apoiada num passado, muitas vezes, como um ideal coletivo, fazendo com que o indivíduo se sinta mais próximo e semelhante, A identidade é um fator condicionante da relação do sujeito-sociedade, pois é através dela que o sujeito se adapta e reconhece o espaço, o ambiente como seu.

A memória é vivida no presente através de um livro, alimentam-se de lembranças vagas, flutuantes, gerais e cria sentimentos de pertencimento e identidade.

Nas entrevistas percebeu-se a memória atuando livremente, emergindo repentinamente, remetendo às lembranças já vividas. Reconhecemo-nos nessas memórias entre o que distingue ou o que nos aproxima. Ocorre um imaginário histórico que se alimenta para se reconhecer.

A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informação do passado, tendo em vista a reconstituição deste, Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização o que estará ligado à questão de identidade”. (SANTOS, 2004, p. 59).

A memória neste momento de análise do livro é uma memória de uma comunidade de períodos da história e ela consiste num conjunto de representações em que os seus membros (leitores) compartilham dando sentido e pertencimento a esta comunidade. As instituições sociais atuam sobre o sujeito construindo representações sobre o pensar e sentir, sobre os modos de agir que reforçam uma unidade social e grupal. Neste sentido, retornamos a obra de Maurice Halbwachs que afirma que não existem memórias individuais, pois a memória do indivíduo depende do relacionamento com a família, a igreja, a profissão, com a escola, ou seja, com grupos de convívio e de referência.

Na conversa com os jovens percebe-se que lembrar não é reviver, mas sim, reconstruir, com as imagens as experiências do passado. Essa imagem de memória tem uma função positiva especialmente por reforçar uma coesão social, não pela imposição, mas pela adesão afetiva ao grupo. Neste olhar percebe-se que para esta faixa etária ocorre a memória histórica, uma representação de um passado perdido e é então somente uma lembrança, está ali no livro, não há uma interpenetração com a experiência vivida.

Esta memória é um ato de reconstrução, o livro é então um meio de memória ou um lugar de memória, ou seja, algo que dá acesso ao passado. O conhecimento do passado é colocado no presente, na vida cotidiana através dos meios de comunicação. Portanto, os

mais jovens percebem e lidam com a construção do sentido em sua inserção no tempo interligando o passado e o presente. Na compreensão desses fatos segundo Hobsbawm a história é um meio de descoberta. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBSBAWM, 1998, p. 22).

Percebe-se um encantamento, ou seja, uma simpatia por essas memórias colocadas no livro, pois, a memória participa da construção da identidade, ou seja, molda aquilo que deve ser lembrado pelo indivíduo. Esse processo é identitário, é simbólico, é imaginário. A memória passa a ser recriada, ajuda a compreender o mundo e como qualquer outro tipo de trabalho mental. Esse passado interage com o presente.

O livro “Histórias e Memórias de Santa Rosa” surge da resistência de um grupo que não quer esquecer suas memórias, mas, ao contrário, querem preservá-las e perpetuá-las para que as futuras gerações saibam dos acontecimentos passados.

Escrita ou não, nos cantos, naquilo que se repete a ponto de se saber de cor, a memória é signo. Segundo Santaella (2005), o primeiro efeito de um signo está na qualidade de sentimento que ele pode provocar no interpretante. Ocorre aí um momento de admiração, pois todo signo provoca certa sensação, um sentimento.

Percebe-se que, ao olhar uma imagem do passado não significa que a está compreendendo e decodificando, pois ao fazer a leitura trabalha com formas simbólicas. E é através da cultura de cada indivíduo que permite diferentes interpretações de uma mesma imagem. A imagem pode ser uma convenção estabelecida pelo senso comum ou algo pessoal e intransferível.

A fotografia pode ser considerada como fiel à realidade que representa e, neste caso, passa a ser uma grande aliada à memória. Também podemos considerá-la como um

produto ideológico. “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2006, p. 31).

As imagens possibilitam a transmissão de ideologias, códigos e valores. “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si.” (CITELLI, 2002, p. 40 - 41).

Através das entrevistas com esse grupo mais jovem percebe-se que o signo cria na mente uma ideia e uma imagem interna proporcionando uma referência a um tipo de ideia. “*A igreja era algo importante porque em cada vila e povoado sempre tudo girava em torno da religião*” (Entrevista M – 25 anos). A igreja no desenho da capa do livro é um símbolo, um signo que é definido por convenção.

A Igreja passa a representar para eles a ligação forte das pessoas da cidade com a religião. Esta imagem pode-se chamar de signo, pois não é a igreja (lugar físico) que está na mente, mas sim a noção, a representação que os entrevistados têm dela. Este signo, portanto, é “aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez mais desenvolvido” (PEIRCE, 2010, p. 46).

As imagens do livro representam algo – o passado. A imagem do passado é caracterizada segundo quem a lê. Logo se percebe que cada jovem entrevistado possui uma leitura diferente, percebendo diferente segundo a sua cultura. “*As casas representam as casas antigas, deve ser porque na minha memória acho que tem algumas casas parecidas assim lá em Cruzeiro*”. *Mas deviam ser assim, acho.* (Entrevista K – 29 anos). “*Representa a arquitetura da época, casa de estilo colonial*” (Entrevista M – 25 anos).

Ao contemplarem a imagem da Memória da Colônia de Santa Rosa os jovens buscam através da fotografia detalhes naquela informação visual que referencia o espaço e a temporalidade. Para eles, o passado é visto como um registro imaginário. “*Não imaginava que no começo fosse assim, bem interessante essa foto*” (Entrevista K – 29 anos). “*Na real nem imaginava que fosse assim*” (Entrevista N – 29 anos). E essa imagem no livro passa a ser um documento que registra o passado. A imagem fotográfica das páginas 34 e 35 servem como um documento, pois traz consigo vestígios do passado atestando o ocorrido, servindo então como um documento para a posteridade.

Estes materiais de memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. (...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziram (LE GOFF, 1990, p. 535 e 547).

Para estes jovens, a fotografia deixa de ser apenas uma imagem retida no tempo e passa a se tornar uma mensagem que se processa através do tempo. “*Representa a arquitetura da época, casa de estilo colonial. Já tinha canteiro, energia elétrica, prédios. Já estavam na época planejando a cidade*” (Entrevista M – 25 anos).

A fotografia como outro tipo de documento é uma fonte histórica e é, muitas vezes, interpretada de acordo com aquele que a lê.

A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definido dele (...) este conteúdo é o resultado final de uma seleção de possibilidades de ver, optar e fixar um certo aspecto da realidade primeira (KOSSOY, 2001, p. 113).

As fotografias no livro, para os jovens, foram destaque porque eles vivem atualmente numa sociedade onde a informação visual ocupa um lugar cada vez mais destacado. Essa imagem fotográfica no livro é um meio, uma ferramenta de análise de

situações e momentos históricos. *“Como é diferente de hoje”*(Entrevista L – 23 anos). *“Como eu cresci numa cidade diferente, isso parece um local do interior”* (Entrevista N – 29 anos). A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos ou por aquilo que acreditamos.

O livro de história e memória para os jovens é um referencial, faz um entrelaçamento entre espaço, tempo e memória.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança (POULET, 1992 p. 54).

A fotografia no livro é de suma importância como uma marca cultural de uma época, tem o poder de nos remeter ao passado e, até mesmo, trazer o passado à tona revelando um tempo e um espaço que fazem sentidos tornando uma imagem/documento, ou seja, uma mensagem que se processa através do tempo. Ela para os jovens, não é apenas uma imagem retida no tempo, mas sim, uma mensagem que se processa através do tempo. Passa a criar uma narrativa referente ao passado. *“Já tinha canteiro e energia elétrica, prédios. Já estavam na época planejando a cidade”*. (Entrevista M – 25 anos), *“(…) podemos pensar que nesta época já existia um planejamento e uma perspectiva de futuro”* (Entrevista K – 29 anos).

Os jovens trazem um conhecimento sobre a época de constrangimento mais vago, sem muita importância. Alguns ouviram falar pelos membros da família. Ao mesmo tempo o jovem tem a noção da importância do fato dentro da história do município.

O jovem pode falar sobre os fatos ocorridos no município, os quais ele não vivenciou, mas que percebem que permanecem na memória social dos santa-rosenses seja por meio da escola ou por meio dos sujeitos que vivenciaram esta situação, avôs e bisavôs.

Não podemos esquecer que já se passaram mais de 70 anos do fato e que os sujeitos descendentes de moradores de Santa Rosa recebem interferências das situações históricas sociais em que estão inseridos. A sociedade local não tem mais tão forte os elos de relações e a vontade de manter o vínculo social a um grupo. Vivemos então em uma sociedade onde o ter está acima do ser – uma sociedade moderna. Com isso, perde-se o sentimento de pertencimento a um grupo social. “Os vínculos são mais frágeis e efêmeros” (HAROCHE, 2004, p. 05).

Ao mesmo tempo ocupam um lugar social e, deste lugar, eles enunciam e se reconhecem. *“Acho que isto deveria ser parte do currículo, parece que é na 4ª série que a gente estuda o município”* (Entrevista O – 25 anos).

Esses jovens podem até sentirem certa ligação com a memória da cidade, com algum grupo social onde vivem, mas eles sofrem um atravessamento de ordem histórica social e ideológica. “A identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer natural, pré-determinada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a quem possam pedir acesso” (BAUMAN, 2005, p 30).

Mesmo que muitos elementos simbólicos de identificação e ligação com o grupo (alemão, italiano...) não esteja mais presente, o sujeito ainda se identifica com o município reconhecendo suas raízes. Há ainda um sentimento simbólico de pertencimento à sociedade santa-rosense. Existe uma preocupação cultural de que esta memória seja guardada para que muitos tenham conhecimento sobre a história de Santa Rosa.

O livro é um lugar de memória onde os jovens possam se reconhecer, se identificarem, criando um sentimento de pertença e de formação de identidade. *Do que*

está aqui me lembra o quartel que servi, o 19º Regimento” (Entrevista M - 25 anos)

Portanto, é um lugar que recupera e mantém vivo o passado.

(...) referencia ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade; para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as operações irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 9).

O livro de história e memória articula percepções particulares da memória no contexto da sociedade santa-rosense como um universo simbólico partilhado. Ele tem certo poder representativo a ponto de dirigir o olhar de alguém para ele e para as imagens ao qual ele representa o passado – é possível ser chamado de signo – o representâmen – uma vez que o signo é a tríade completa; o objeto dividido em imediato e dinâmico e o interpretante. O interpretante do signo estabelece o efeito produzido por ele. E é através do interpretante que a representação torna-se um signo. “Mas para que algo possa ser um signo esse algo deve representar (...)” (PEIRCE, 2010 p. 47).

Ao contato com o livro, o leitor jovem passa a estabelecer novas relações entre o passado e o presente, por meio da emergência da memória permitindo situar-se na história e pensar o passado, o presente e o futuro. “*Pela foto dá para perceber que pensaram no crescimento da cidade, muito interessante*” (Entrevista L – 23 anos).

Percebe-se que para os jovens entrevistados, a memória potencializada no livro ultrapassa o tempo de vida individual. Através dos registros e imagens do livro constrói-se a memória de um tempo que antecedeu a vida da pessoa. Ultrapassa a cronologia e os jovens passam a mergulhar no passado da sua cidade. O livro passa não só informação acerca do passado, mas ele é um meio, um recurso dinâmico de memorização, é a presença do passado.

Através da memória do livro ocorre uma construção psíquica e intelectual que

acarreta, de fato, uma representação do que era a cidade no passado. O que está registrado no livro pode servir para dissolver a fronteira entre o passado e o presente. Não existem limites para este contexto. O livro provoca muitos sentidos, tanto sentidos esquecidos como sentidos que serão lembrados e revividos de forma renovada, ou seja, em um novo contexto. “Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 1974/2010, p. 410)

Na busca da inter-relação entre o passado e o presente da cidade nota-se nas entrevistas dos jovens a importância da educação. “*Me encontro na questão das escolas. Mesmas escolas que estão até hoje (...)*” (Entrevista L – 23 anos).

Assimilam a falta de envolvimento das escolas na preservação da memória local. As falas que registramos revelam a falta de conexão das atividades escolares com as experiências sociais da cidade, como também a pouca valorização dada pelas escolas às questões referentes ao passado histórico local. “*Penso que este livro deveria ser explorado mais nas escolas, se trabalhar com os alunos para conhecerem a cidade onde vivem como era e o que tinha*” (Entrevista K – 29 anos) “*(...) é uma obra muito importante sobre a memória da cidade, principalmente para servir de pesquisa*” (Entrevista M – 25 anos).

Para os entrevistados, os registros e imagens do livro são esteios da memória social local. O livro passa a ser um objeto de fortalecimento da identidade cultural. “*Lembro de algumas Fenasoja e a que me marcou foi quando fui recepcionista.*” (Entrevista N – 29 anos).

Os jovens expressam um grande interesse de preservar a memória da cidade. No ato de ler o livro, de olhar as imagens e de imaginar o passado ocorre um processo pelo qual os indivíduos identificam-se com os grupos sociais, com a cidade.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2001 p. 12- 13).

Segundo Pollack (1992), a memória passa a ser um ingrediente constituinte de sentimento de identidade e também é um fator profundamente importante de sentimento de continuidade e de coerência a um grupo.

A memória histórica no livro é uma representação do passado e é uma lembrança. O livro reconstrói o passado e passa a ser um lugar de memória como uma forma de acesso ao passado. Não importa se essa memória é verdadeira ou não, mas sim, o significado social que ela tem. A História e memória do livro passam a ser uma fonte de pesquisa, ou seja, um meio para a autodescoberta coletiva.

5.1.4 Análise da Entrevista com a Autora

Análise da Entrevista com a Historiadora Teresa Neumann de Sousa Christensen sobre o livro: “HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SANTA ROSA”.

Segundo a historiadora, este trabalho se refere a um passado recente. Trata-se de aspectos do processo de ocupação do Noroeste do Rio Grande do Sul, última fronteira a ser incorporada no processo capitalista de ocupação do espaço, nas primeiras décadas do século passado.

Conta-nos que no transcorrer da pesquisa, através do manuseio e da leitura de documentos relativos ao período analisado (1876- 2004) que a ocupação dessa porção do Planalto Rio-Grandense pode ser compreendida sob as mais diversas perspectivas e situações. Isto ocorre porque, ao longo do processo de ocupação, o espaço foi continuamente investido de múltiplos significados por parte de diferentes segmentos

sociais: índios, jesuítas, nacionais ou caboclos, colonos das mais diversas etnias e os Coronéis, donos do poder.

Tais significados se referem à correlação de forças sociais antagônicas presentes no processo de ocupação do espaço. É no embate de interesses e demandas sociais diferenciadas e, por vezes contraditórias, que limita e institui a trama cidadina. É na explicação dos conflitos que envolveram a ocupação do espaço que Santa Rosa emerge e pulsa enquanto espaço humanizado, produzido e reproduzido historicamente.

É imprescindível o entendimento pleno do efeito dos processos tempo e das relações sociais. O ofício de um historiador vai muito além da busca pelo passado. *“Penso que toquei num problema essencial em que se colocam de forma imbricada história e memória, lembranças e esquecimento, vida e morte”*. (Entrevista com a autora).

Em seu relato, a Professora Teresa nos dá conta de que há muitos anos vinha preparando esse material, através da junção de documentos, fotografias e entrevistas com pessoas que participaram efetivamente da vida do município de Santa Rosa. A oportunidade de produzir este material surgiu através de um convite da Comissão de Cultura da FENASOJA como uma forma de homenagear os santa-rosenses pelos 83 anos de emancipação política do Município.

Os entraves em relação ao trabalho do historiador tornam-se visíveis, criando muitas vezes um ambiente de desafios que o profissional precisa enfrentar. *“Houve reação ao livro, por parte de várias pessoas que diziam: Por que mexer nisso de novo? Já passou!”* (Entrevista com a autora).

Na perspectiva de entender o ser humano no tempo e na sua organização social, política e econômica o historiador vai ao encontro de Marc Bloch (2002) de que o objeto da história é por natureza - o homem. *“Descobri muitas histórias dolorosas nas lembranças dos idosos, de famílias cujos membros passaram pelo terror do Campo de Concentração da Vila Agrícola- Santa Rosa; nas histórias das Igrejas Luteranas, cujos*

pastores, sofreram perseguição, incluindo a prática de trabalhos forçados; em diários, em documentos militares, cartas, telegramas, muitos escritos por homens e mulheres que morreram há muito tempo, em fotografias desbotadas, em livros de memórias nunca publicados, esquecidos em gavetas, em papéis esquecidos em arquivos dispersos”. (Entrevista com a autora).

Dentro das habilidades e competências de um historiador é importante produzir diferentes percepções que possam entender o homem. *“Esqueceram não só a maldade dos outros, mas, também a própria cólera, para que fossem restabelecidos os laços de vida na cidade”.* (Entrevista com a autora). É preciso também estar preparado para as diversas implicações geradas com as novas descobertas.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como propósito suscitar reflexões sobre como a memória histórica se configura por meio de “lugares de memória” e como um livro de história e memória contribui para eternizar o passado e manter vivos e rememorados os traços da nossa procedência. E também realizar um olhar semiótico com o intuito de ser fonte geradora de signo oportunizando um sentido, um significado para o leitor.

A memória, nos estudos de Halbwachs traça um elo entre a psicologia e a sociologia estabelecendo um conceito de memória coletiva acreditando que a memória é influenciada pelos aspectos sociais que antecedem e determinam.

A memória da cidade através do livro da Historiadora Teresa Christensen passa a ser um material de sentimento de identidade. O livro é uma organização e seleção do que é importante para o sentimento de continuidade e coerência de um grupo na reconstrução do passado. Tem a perspectiva de compreender a memória como um processo de construção social com base na pluralidade e contradições que perpassam a sociedade santa-rosense.

Nas narrativas da autora situam-se elementos estruturantes de sentidos e significados na busca de identidade. Ajuda também a compreender os esquecimentos, a riqueza da história, além de constituir-se uma metodologia apropriada para os estudos das representações, possibilitando reconstruir o passado, não servindo apenas para dar voz aos grupos de poder, mas também na busca de interpretar múltiplos olhares para a sociedade santa-rosense. Foi preciso, portanto, desatar os nós, esclarecer conceitos mostrando um posicionamento quando praticamos a história com fatos reconstruídos procurando entender as representações.

Nascemos num contexto em caminho, onde a maioria dos fatos históricos importantes que já ocorreram antes de nós. Não podemos lembrar-nos desses fatos, pois não os vivenciamos, mas, temos acesso a eles através da conversa dos pais, dos familiares, dos estudos na escola, de visitas a museus e leituras. Esses fatos históricos são parte da memória local e, quando evocados, através da memória dos outros temos acesso a essa memória por assim dizer coletiva.

A memória se apoia na história vivida. Ela é vivenciada. Para que esta memória não se disperse e não se perca deve-se ocorrer essa fixação através da escrita. “Os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem” (HALBWACHS, 2006, p. 101).

A memória histórica representada no livro analisado associa termos que se contrapõem. Em estudo de Halbwachs a história se difere da memória. Isto ocorre pelo caráter do registro do passado no qual é fixado pela escrita. Segundo ele, a memória é fruto do testemunho de uma época retornando sempre a um presente em movimento. “Uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 2006, p. 102).

O conceito de memória coletiva no livro é questionável, pois ele envolve uma comunicação e um modo de tornar as lembranças coletivas passando as novas gerações novos valores e tradições. Ele mostra um passado repensado e re-significado por um grupo. Mas o livro explora ligações entre a memória e o sentimento de identidade, constituindo assim um pertencimento, uma continuidade e um sentimento de coerência. Segundo Pollak (1992, p. 5), a memória colabora para um sentimento de identidade “na medida em que ela

é também um fator extremamente importante de sentimento, de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

As fotografias no livro têm várias capacidades de representação fornecendo ao leitor uma maneira de conhecer-se, refletindo acerca de sua história, de seu passado. Tem uma grande importância como um alimento constante de memória prevalecendo através do tempo, perpetuando valores, acontecimentos. As fotos servem como um patrimônio social e cultural e como um elemento importante para a construção de identidade coletiva. A memória possui íntima relação com as imagens e, a partir delas é possível o armazenamento e a construção da memória seja ela real, sensitiva ou emotiva.

As imagens no livro não servem apenas para ilustrar os textos, no entanto, elas são uma documentação iconográfica, sendo uma fonte preciosa para o conhecimento da história local. É nessa relação de mediação que o livro faz as imagens se tornar memórias para as gerações, sendo necessário compreender o que elas representam enquanto sistema, cultura e poder.

Um olhar para as fotografias do livro desencadeia o percepto e os fatos vivenciados e percebidos alimentam o sistema ininterrupto e dinâmico de semiose, uma mediação ou representação.

A fotografia é um signo que fortalece inúmeras possibilidades de interpretação e como signo ela representa algo – o passado – característica de um fato congelado no tempo e no espaço.

As imagens do livro são signos importantes por fixarem e estimularem a percepção e a cognição humana através da leitura das coisas e dos fatos vividos. Contemplar estas fotos no livro pode levar um intérprete a inúmeras percepções, leituras e interpretações.

A fotografia registrada no livro é um instrumento icônico estimulador de percepção, de cognição do contexto da realidade do passado do município.

O livro faz a relação entre a memória e a identidade baseada no pertencimento do sujeito ao grupo social ou a sociedade de Santa Rosa. Existe uma dimensão política afirmando a memória de um grupo, aquela reconstrução que acarreta uma representação seletiva do passado. Este livro de história e memória da cidade passa a ser útil não só para pensar o passado representado, mas também pela representação simbólica que o indivíduo que o lê faz do passado.

Diante disso, acredita-se que a relevância deste trabalho consiste no cunho social que este adquire, na medida em que nos propusemos a investigar as formas ao qual um livro de história e memória intervém na memória coletiva e na identidade da cidade. Ao falarmos de memória, esta escrita no livro participa na construção de identidade do indivíduo e molda aquilo que deve ser lembrado enfatizando certos aspectos do passado, portanto, é uma construção política.

A memória social no livro está vinculada a “lugares de memória” com presença simbólica, conforme Arruda, 2000: “É importante estabelecer uma concepção de memória que não abandone o lado coletivo da vida consciente e ao mesmo tempo não transforme os indivíduos em espécie de autômatos, passivamente obedientes à vontade coletivas interiorizadas” (ARRUDA, 2000, p. 51).

Essa memória social registrada no livro é suscetível de manipulação de um grupo. Para Le Goff (2003, p. 422), reconhece que a memória coletiva é passível de manipulação de lutas pelo poder “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”.

O livro se transforma num bem de consumo para que a memória seja protegida contra o esquecimento. Nele, a memória reconstrói um passado fundamentando identidades, tornando-se uma recordação, ou seja, uma dimensão sentimental imaginativa de memória e tradição chegando ao ponto de novos mitos e identificação de grupos sociais da nossa sociedade local. Com isso, o livro passa a ser uma memória cultural, através da reconstrução sendo um objeto de transmissão da herança cultural. Uma memória cultural que serve para garantir certa segurança ou certeza para as pessoas da comunidade permitindo uma identificação com o passado.

Entende-se que o livro é um meio onde a identidade se constrói a partir do conhecimento como os grupos sociais se organizavam no passado. “(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2001, p. 48). Segundo o autor a identidade é determinada historicamente e não biologicamente.

Para Michael Pollak (1989) a principal função da memória é a garantia de um sentimento de pertencimento e de unidade interna de determinado grupo. “(...) captar lembranças confeccionadas em objetos de memória de hoje (...) ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções” (POLLAK, 1989, p. 10).

Um livro de memória em suas inúmeras capacidades de representação e, em sua expressão ímpar fornece a sociedade uma maneira de conhecer-se, informar-se e refletir sobre sua história, seu passado e seu presente. Aprofundar estudos sobre a memória da cidade familiarizando o indivíduo à prática de análise do livro pode ser uma importante fonte de informação cultural, memória coletiva ou individual, além de valorizar um patrimônio da sociedade.

Trata-se de um olhar contemplativo que busca sentir, que se deixa levar pelas mensagens do livro em suas qualidades, explorando as sensações e avançando para o que interpretamos do livro. Depois temos condições de começar a interpretar, estabelecendo valores simbólicos. Ao tentar construir uma cadeia sógnica de uma interpretação sempre encontraremos um signo antecedente. As significações que um livro de memória provoca em relação ao passado não podem ser determinadas por um caminho reto, são infinitas possibilidades simultâneas que concorrem, convivem e modificam-se. Talvez o livro possa realizar um diálogo de signos, onde várias interpretações sejam possíveis.

Muitas pessoas entrevistadas compartilharam das mesmas lembranças tornando-se testemunhas das lembranças registradas no livro. Estas pessoas fazem parte da sociedade santa-rosense, porém, cada uma vivendo em seu tempo. Os jovens entrevistados demonstraram algum conhecimento desse passado (registrado no livro) que foram a eles repassados por familiares ou pela escola. Isso reforça estudos de Halbwachs (2006), ao qual se refere à família para a constituição das primeiras memórias, pois é o primeiro grupo social. As lembranças dos entrevistados voltam à mente pela visualização das imagens.

Nesse contexto, a escola também desempenha um papel importante na medida em que, contempla a pesquisa e a reflexão sobre o passado do município. O ensino da história e memória local desempenha um papel importante na configuração da identidade ao incorporar a reflexão sobre o indivíduo, suas relações, sua cultura, seus valores, suas afetividades, sua participação no coletivo e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais culturais e com gerações passadas e futuras.

Percebeu-se a importância do livro de memória para o indivíduo como uma relação com o passado e a comprovação de que aquilo registrado no livro aconteceu. Assim, constatou-se que o livro não é apenas revelador de informações, mas desperta sentimentos

identitários. Ele registra, revive refazendo um caminho de memória afirmando um sentido. A escolha dos recortes para a análise favoreceu e estimulou a análise fotográfica e a reflexão sobre a memória do passado e a sua representação.

Após ter realizado a pesquisa percebemos que o livro não é apenas um transmissor de informação do passado, mas tem uma relevância na acepção de produtor de conhecimento e sentido.

O livro provoca no leitor um processo de semiose, produzindo um tipo de significado, um sentimento. Através da cultura individual permite fazer diversas interpretações e redes complexas de sentidos.

O livro produz um efeito interpretativo em uma mente. O efeito em questão é o que Peirce intitulou interpretante do signo. E essa interpretação de um signo é um processo ativo que se faz na mente do intérprete, ou seja, é um método no qual o signo tem um efeito sobre o intérprete.

Segundo Peirce (2010) o signo ou representamên está vinculado ao fundamento, o objeto e o interpretante e, o signo estimula um processo denominado abstração por meio de caracteres do signo, levando o intérprete a estabelecer afirmações falíveis.

Uma das definições de Peirce considera que um signo pretende, de certo modo, algo, um acontecido ou objeto que ele denominou interpretante.

Para Peirce o contemplar algo ou vivenciar um fenômeno remessa o observador em primeiro instante receber o estímulo externo e experimentar a categoria fenomenológica de primeiridade – sensação – a secundidade – reação e, a partir daí inicia um processo de concepção daquilo que é, formulando na mente, um significado. E no momento dessa percepção – terceiridade ocorre alguns fatores relacionados a filtros individuais e culturais.

E esses filtros vão interferir na percepção das coisas permitindo a construção e fixação de crenças, de hábitos, de valores e de interesses.

Santaella (1983) convida a atenção para a definição de signo ao qual a ideia de interpretante não diz respeito ao intérprete, mas a um processo relacional elaborado na mente.

O livro Santa Rosa - História e Memória é um documento, um monumento destinado a perpetuar a memória coletiva da cidade, propagando sua história e construindo, de certa forma, uma imagem acerca da vida, dos costumes, dos conhecimentos, dos problemas e dos ideais dos que aqui viveram.

Além disso, o livro passa a ser um auxílio do saber sobre o passado. “O livro como representação da memória e a memória como representação do livro” (DRAAISMA, 2005).

Nesse sentido, o livro também acrescenta potencialidades importantes para a História do Município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Trad. De Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro, 11.ed. Campinas, SP: Papyrus,2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006

_____. **Estética da Criação Verbal** (trad. P. Bezerra) 5.ed. São Paulo, Martins Fontes (1974/2010 pg 393- 421)

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Tradução de Julio Castanõn Guimarães. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **A Mensagem Fotográfica**. In: LIMA, Luiz Costa (Org) Teoria da Cultura de Massa> São Paulo: Paz e Terra, 2000

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. T.A. Queiroz, Editor Ltda. São Paulo-SP, 1979.

BOGDAN, e Biklen, s. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto Editora: Portugal, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrandi Brasil: Rio de Janeiro, 1989.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB) Assunto: Atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio aos dispositivos da Lei nº11. 741/2008 disponível em file:///C:/Users/userDownloads/consultaeaudencia

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

_____. **O que é História Cultural.** Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** Volume II. Trad. Klaus Brandini Gerhardt: São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **As Relações no Passado. História e Memória.** In CHARTIER, a História ou a Leitura do Tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2ª ed.2010.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas.** 3ed. São Paulo: Moderna, 1982.

_____. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Simulacro e Poder.** São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CHRISTENSEN, Teresa N.S. **Santa Rosa História e Memória.** Porto Alegre: Editora Palloti. 2004.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** São Paulo: Ática 2002.

DALESSIO, Marcia Mansor. **Memória:** Leituras de M. Halbwachs e P. Nora. In: Revista Brasileira de História: São Paulo: Marco Zero IANPUA, vol.13, n 25/26 p. 97 – 103 1993.

DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da Memória: uma história das idéias sobre a mente.** Bauru, EDUSC, 2007.

DUARTE Jr, J.F. **O Sentido dos Sentidos: a educação do sensível.** 4ª ed. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido.** 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Trad. Luiz Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2008.

GARCIA, Marcelino. **Narración, semioses e memória,** 2ed. Posadas, Editorial Universitaria Universidad Nacional de Misiones, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GUIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **A Constituição da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GUIMARAES, Cesar G. **Imagens da Memória: entre o legível e o visível.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 1997.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **História e Perspectivas**. Uberlândia, EDUFU, 2000.

GROSSI, I e FERREIRA, A **razão narrativa: significado e memória**. **História Oral**, n. 4, Junho de 2001.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós- modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5ªed.Rio de Janeiro: DP&A, 2001

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. De Laurent Léon Schaffer. São Paulo, Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990. Tradução De: La mémoire collective.

_____. **Los Marcos Sociales de La Memória**. Barcelona: Antropos, 2004.

_____. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAROCHE, Claudine. **Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo Hipermoderno**. In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. *Ágora*, Rio de Janeiro: Vol 7 , nº 2 July/Dec, 2004.

HOBSBAWN, Eric, Ranger, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **O Sentido do Passado**. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Trad. De Maria Lúcia Pinho. RJ: Nova Fronteira, 1964.

KREUTZ, Lucio. **Identidade Étnica no Processo Escolar**. Cadernos de Pesquisa nº 107, p 79-96, julho 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os Tempos da Fotografia. O Efêmero e o Perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial 2007.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão.SP. Unicamp, 1990.

_____. **História e Memória**. 5ed. Campinas. SP. Unicamp. 2003.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto**. Tradução de **Desidero Navarro**. Madrid Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

_____. **As três funções do texto: Por uma teoria semiótica da cultura.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica. A Experiência de Tártu – Moscou para o estudo da Cultura.** São Paulo. Ateliê Editorial 2003.

MANNHEIM, Karl.. **Sociologia.** São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1982.

MARC BLOCH. **Apologia da História: ou o ofício do historiador.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MARGOTTI, Felicio Wesling. **Difusão sócio geográfica de Português em contato com o italiano no sul do Brasil.** Porto Alegre: UFRGS, 2004, 330p (Tese de Mestrado).

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura Popular revisada.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1994 (Coleção Caminhos da História). 2007

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** In Projeto História 10, São Paulo: Puc, n10, p 7 – 28 , dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Persio Santos. **Introdução a Sociologia.** São Paulo: Ática, 2004.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. **Discurso Imaginário Social e Conhecimento.** In: Em Aberto Brasília, ano 14, nº 61, 1994.

ORLANDI, Eni. **Lingua e Conhecimento Linguístico: para uma história da ideias no Brasil:** São Paulo: Cortez, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória.** In ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória.** Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Ed Unicamp, 1997.

PEIRCE, Charles Sanders., 1839-1914. **Semiótica?** Charles Sanders Peirce. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio, Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Memória e Identidade Social**: In Estudos Históricos. Rio Janeiro, vol 5 nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas Reflexões sobre a ética na história oral**. In: Revista Projeto História. São Paulo. EDUC, nº 10, 1997, p 23 – 32.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RODRIGUES, Ricardo Vélez. **Introdução**, In Brasil Congresso, Câmara dos Deputados: **Cultura, Política e Pensamento Autoritário**. Brasília Centro de Documentos e Informação, Coordenação de Publicações, 1983.

RODRIGUES, Saviani. **Lições do Príncipe e Outras Lições**. 12.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

ROUSSOU, Henry. **A Memória não é mais o que era**. In AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTAELLA, Lúcia e Winfried Nöth. **Imagem, cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008.

SCHNEIDER, Greice. **Os Limites da representação visual na fotografia**. In XXI Seminário de Pesquisa Estudantil da UFBA, Bahia, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Teorias do Simbolo**, Trad. De Enid Abreu Dobranszky, Campinas, SP: Papirus 1996..

WARAT, Luis Alberto. **O Direito e sua Linguagem**. Porto Alegre, Sergio Fabris, 1984.

WEHLING, Arno & WEHLING Maria José. **As Estratégias da Memória da Memória Social**. (In: Brasillis: Revista Histórica sem fronteiras). Rio de Janeiro, Editora Atlântida, Ano 1, nº 1, 2003).

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da [Mente: o desenvolvimento dos Processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, 6ed, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, R. de C.(2001). **Memórias do rio do Monjolinho**. O processo de Urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos. São Carlos, 2001. 120p. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. SP.

BARTHES, Roland. **Elementos da Semiologia**. São Paulo. Cultrix, Editora Da USP, 1971

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para Consumo. A transformação das pessoas em Mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

_____. **Vida para o Consumo** A transformação das pessoas em Mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

BENJAMIN, W. **A imagem de Proust**. In: Obras Escolhidas. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Sobre o Conceito de História**. In WALTER BEIJAMIN. **Magia e Técnica arte e política**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Trad. Paulo Neves, 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O Tempo Vivido na Memória: ensaios da psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro**. In a Escrita da História. Novas Perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo. Editora UNESP, 1992.

_____. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasiliense, 2000.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e resenatção**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DOSSE, Françóis. **O Império do Sentido: a humanização das ciências Humanas**. Bauru:EDUSC, 2003.

ECO, Umberto. **Signo**. Traducido por Francisco Serra Cantarelli, Editorial Labor, Barcelona 1994.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever esquecer**. São Paulo: 2006.
- GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOMES, Pedro Gilberto> **Tópicos de teoria de comunicação**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1997.
- GUARINELLO, N. **Memória Coletiva e História Científica**. Revista Brasileira de História, São Paulo (28), 1994.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**.(1ª impressão revista) Belo Horizonte/Brasília: editora UFMG/UNESCO 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos Interessantes: Uma vida no século XX**.São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- JOLY, Matine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller, 5ed. Campinas: Papyrus, 1996. 2 vol.
- MACHADO, Irene, Org. **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Fapesp, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas. Ed. Unicamp, 1993.
- ORLANDI, Eni. **Discurso Fundador**. A Formação do país e a construção de Identidade nacional. Campinas. Pontes , 1993.
- PÊCHEUX, Michel. **Ler o arquivo hoje**. In OLANDI, E. (org) Gestos de Leitura: da História do discurso. Campinas. S.P. Unicamp, 1994, p 55-64.
- PINO, Dino Del. **Semiótica: olhares**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.
- PORTELLI, A. **Forma e significado na História Oral a pesquisa como um experimento em igualdade**. In: Projeto História: Revista do Programa de estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica e São Paulo). São Paulo, nº 14, fev. 1997, p. 24-39.
- QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. **Identidade Cultural, Identidade Nacional do Brasil**. em: Tempo Social, nº 1, São Paulo: EDUSP, 1989.
- RICCEUR, Paul. **La Memória, La História, El Ouvido**. 2ed. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2010 (traducción Augustin Neira).
- SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens Significam as coisas**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

SOUZA, Octavio. **Fantasia de Brasil: As Identificações na busca da Identidade nacional.** São Paulo. Editora escuta 1994.

VAZ, S. J. Henrique de Lima. **Cultura e Universidade.** Petrópolis R.J. Vozes, 1966. (Coleção Educar para a Vida V. 10).

VOLLI, Hugo. **Manual de Semiótica.** São Paulo, Edições Loyola, 2007.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Paisagens Signicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas.** Salvador, Bahia, EDUFBA,2010.

ANEXOS

Anexo A - Formulário de Entrevista

1.1 Questões das Entrevistas

1. O Senhor (a) leu o livro Santa Rosa Histórias e Memórias?
2. Em alguma parte do livro o senhor (a) se encontrou?
3. Tem lembranças de algo registrado aqui neste livro?
4. O que significa para você os textos, as imagens aqui selecionadas? (capa, p 34, 35,...)
5. Já tinha ouvido falar sobre os conflitos e as perseguições aos alemães no município de Santa Rosa, durante a Guerra?
6. Este Livro se constitui como uma “memória de Santa Rosa?”.

Anexo B - Entrevistas

Entrevista A

Nome: Ilka Bastian Schnepfleitner

Idade: 89 anos

Profissão: Dona de Casa

Endereço: Rua Duque de Caxias 94. Centro. Santa Rosa

1. Não conhecia este livro.
2. Me encontro vendo as fotos das casas. Aqui está sobre o Pastor Lehenbauer, que eu ouvia falar muito dele. Os desfiles da Semana da Pátria. As serrarias, como cortavam as toras. O Bolicho do Matter. Do dia que caiu neve em Santa Rosa. Fora de casa não era tão frio.
3. A Revolução: Na época dos conflitos e perseguições aos alemães lembro bem, meu tio não sabia falar nenhuma palavra em português e chegaram na sua casa os revolucionários. O tio mandou chamar o meu pai para conversar com eles e eu metidinha fui atrás. Meu pai ficou brabo, mas eu acabei indo no colo dos revolucionários e comi carne com eles – um churrasco. E eles não fizeram mal a ninguém. Lembro bem do trem e de como se vivia nesta época.
4. A rua era essa mesmo, ela existia (trouxe até umas fotos para mostrar) As casas eram assim mesmo.
5. Ah! A história dos alemães! Todos tinham medo porque eram bandidos mesmo. O tio Pedro tinha talheres de prata e ouro que veio da Alemanha. Ele colocou tudo em um saco e enterrou, mas nunca mais acharam. Mas esses perseguidores passaram.
6. Sim, porque mostra muita coisa que teve em Santa Rosa.

Entrevista B

Nome: Zerta Kupske

Idade: 68 anos

Profissão: Professora

Endereço: Rua Duque de Caxias 94. Centro Santa Rosa.

1. Tenho conhecimento do livro

2. Em muitas partes. Aqui na Escola da Paz, onde estudei e trabalhei. A gente fazia as nossas reuniões nesta sala para fazermos o planejamento das atividades da escola. (se referiu a foto em que estava na p. 228 e continuo falando sobre as pessoas que estavam nessa foto).
3. Lembro bem do Vicente Cardoso, nós éramos vizinhos. Ele tinha um laboratório de ciências em casa e as crianças tinham acesso. Ele fez a 1ª maquete da cidade para a Festa do Milho. Era um homem que tinha muitas ideias como exemplo o urbanismo. A rótula da Colombo tem as características da praça em frente ao Arco do Triunfo de Paris, França. Lembro de todas as escolas – Machado de Assis – dos prédios, dos prefeitos. Lembro bem dos caminhões com gabinete de madeira que andávamos e fazíamos piquenique. Os monumentos da cidade: Cristovão Colombo – só existe duas estátuas de corpo inteiro no mundo e uma está aqui na nossa cidade. Lembro muito bem da instalação da Olvebra, do Frigorífico e também da Mayer Laticínios. Dos intelectuais que vieram morar em Santa Rosa: Ivo Silveira, Fioravante Pedrazani. A divisão da sociedade – por um lado os católicos e pelo outro os evangélicos, também a divisão nos clubes: Concórdia e Cultural. Uma coisa importante: As mulheres da Comunidade Luterana eram mais liberais que as da comunidade católica. Ex: A mulher do pastor ia de bicicleta até Bela União, imagina naquela época uma mulher andando de bicicleta sozinha.
4. Essa imagem das casas é parecida com a casa próxima a Praça da Bandeira. A Igreja. Essa tem características de ser dos luteranos. Isso me lembra o campanário onde fica o sino da igreja. Essa é a Avenida Borges de Medeiros. A casa do Vicente Cardoso era igual a essa – idêntica. Isso lembra as casas de comércio: Casa Zeni, Lavarda, Constante.
5. Conheci este assunto mais pela história contada e vivida pelos meus pais. Foram tempos difíceis.
6. Sim, este livro mostra a cidade, como era com seus eventos, seus monumentos, seus líderes, os intelectuais.... É a história da cidade.

Entrevista C**Nome:** Neli Amália Kluge**Idade:** 75 anos**Profissão:** Professora**Endereço:** Rua Germano Dockhorn 519 Cruzeiro – Santa Rosa.

1. Já tinha ouvido falar sobre o livro numa entrevista de rádio onde a Teresa Cristhense comentou o livro. Achei muito interessante, mas hoje então tenho a oportunidade de tê-lo em minhas mãos.
2. Eu me encontro na Escola da Paz onde estudei e convivi nesta comunidade. No Colégio Dom Bosco, também fiz a faculdade.
3. Lembro da inauguração da igreja. Meu pai era o assador da festa. Eles faziam os espetos no mato. Esse professor Tromenschaeler era amigo do pai. Lembro do Show da Mercedes Sossa com suas músicas lindas. Meu tio tinha a empresa de ônibus que ligava Cruzeiro a Santa Rosa, mas no livro diz que ele tinha cotas. Eu achava que ele era o único dono. Depois esta empresa virou o Toda Hora que a gente conhece. Lembro dos meus tios andando nas carroças de boi. As balsas do rio – era assim que meu pai mandava as toras.
4. Essas fotos me faz lembrar da cidade baixa, onde começou a cidade. Pra mim a igreja da capa é a igreja católica e também parece aquela igreja luterana que ficava atrás do Colégio Liminha que depois foi demolida. E as casas de moradia de comércio eram bem assim, bem próximas à rua praticamente em cima. Era bem assim, as casas e esta rua larga. Meu avô morava bem perto desta rua, na pedreira. Esta casa de madeira com 2 andares é igual a do vô. Parece que estou enxergando a casa do vô, mas não era nessa rua, mas a construção é idêntica. Numa casa igual a essa meus avós foram assaltados. A Casa da Comissão de Terra e Colonização existe até hoje.
5. Ouvei dentro da minha casa. Minha irmã estava no berço e entraram na casa e viraram o berço para encontrar armas. O pai tinha uma arma, mas enterrou. Nós não sabíamos falar nenhuma palavra em português. O pai sim, ele tinha um rádio e escutava as escondidas. Nesta época eu era bem pequena, mas eu sabia que o pai escutava tudo

escondido. A casa de comércio do meu avô foi apedrejada. A vó falava que colocou a bandeira do Brasil na frente e, mesmo assim, eles jogaram pedra.

6. Sim, o livro representa bem a memória da cidade. Mostra praticamente tudo: os meios de transporte, as ruas, as casas. Fala dos prefeitos e pessoas importantes e também das escolas.

Entrevista D

Nome: Manuel Antonio

Idade: 91 anos

Profissão: Motorista e Viajante

Endereço: Avenida Expedicionário Weber 3477 Cruzeiro. Santa Rosa.

1. Não conhecia o livro.
2. Me encontrei na parte da Ferramis, lugar que trabalhei por 17 anos. No Germano Dockhorn, nas escolas, no comércio em geral, pois eu tinha o caminhão Sultana que vendia doces e chocolates nas escolas e nos mercados.
3. Lembro bem da Avenida Borges de Medeiros na cidade baixa. Da estação de trem que ficava onde hoje é o parcão. Os meios de transporte eram bem diferentes o ônibus que vinha para cruzeiro era um caminhão F7 com bancos, algo parecido com os bondes elétricos. O trem de carga e de passageiros e mais tarde veio o Minuano que era mais rápido. Na cidade baixa existia muitas casas de tijolos, mas a maioria ainda era de madeira. Lembro do Mercado Hortman, do Mercado Santos, do Moinho e Padaria Felhauer, da Rua Dr João Danhe. Lembro da Festa do Milho e mais tarde a festa da soja. O prefeito Arno Pilz que também era dono da Empresa Santa Rosa. Das Casas de Comércio como: o Lunardi, O Germano Dockhorn, a Ferramis que até uma altura era a maior do Estado em comércio de importação e exportação. Lembro também do Frigorífico encaminhado pelo Pedro Carpenedo e este é o único que ainda está funcionando, os outros já fecharam as portas. O quartel era de cavalaria, tudo a cavalo se chamava 19º Regimento de Cavalaria, mais tarde virou Regimento Motorizado. O Prefeito Alfredo Carlson foi que abriu a Avenida Expedicionário Weber, foi anos de

chão batido, depois veio o calçamento até Cruzeiro. Lembro que em dias de chuva era perigoso andar na avenida. Um dia chegaram bater mais de 20 carros e carroças devido ao deslizar no barro.

4. Aqui mostra como eram as casas da época. A igreja no fundo são as três igrejas da época: a católica, a evangélica da paz e a luterana. Hoje são mais de 40 igrejas.
5. Da época da perseguição dos alemães eu só ouvi histórias contadas pelos cunhados, pela sogra e pela mulher. É que eu nasci em Portugal, cheguei no Brasil em São Paulo no dia 11 de janeiro de 1959 e vim para Santa Rosa em junho de 1959 como vendedor ambulante. Sei que meu sogro e os demais alemães eram considerados de 5ª coluna. Eram considerados de 5ª coluna porque moravam na fronteira e estes alemães que viviam no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Paraguai informavam a Alemanha o que estava acontecendo. Esses alemães eram engenheiros, grandes homens que daqui através de instalações avançadíssimas de rádios eletrônicos informavam tudo o que estava acontecendo para a Alemanha. Eles mais tarde foram presos e levados de volta para a Europa e entregue para o comando de aliados. Os Navios brasileiros afundados foram por causa desses alemães que passavam as informações. A família do meu sogro era também considerada de 5ª coluna, só que eles não pertenciam ao grupo. Contava minha sogra que meu sogro era muito amigo dos chamados brasileiros.
6. Sim lógico, é um livro interessante. Tenho dificuldade para enxergar senão eu iria ler todo esse livro.

Entrevista E

Nome: José Joaquim Soares

Idade: 88 anos

Profissão: Contabilista

Endereço: Rua Rio Grande 124. Centro. Santa Rosa

1. Sim, já conhecia o livro.
2. Me encontro aqui nos movimentos culturais na década de 30(p. 121): Aqui está a foto da minha primeira mulher. Esta aqui é Ivone Timm a rainha que era filha do Dr. Timm.

Na Fenasoja, nas primeiras fui expositor com os Móveis Scalco. No Colégio Machado de Assis que fui professor do Pedrazani. Também me encontro no Colégio Liminha.

3. Lembro de Agostinho Frainer, o pioneiro do cinema em Santa Rosa. Lembro da parte da história de Santa Rosa: sei que foi fundada em 5 de janeiro de 1915 por Anselmo Quintino Zanella. Não existe foto dessa época. Ele era agrimensor e instalou acampamento nesta época aqui, A estrada de Ferro traz muitas lembranças. Sobre Arno Rodolfo Pilz escrevi um artigo do livro com a passagem dele. Fizemos uma vez uma serenata pra ele. O artigo do livro terminava dizendo que ele foi prefeito eleito. Lembro bem da janela com vidro quebrado da Sociedade Lírica Concórdia que era na cidade baixa. Esta é a única foto que existe sobre as festividades da emancipação (p. 74). Já escrevi muito sobre a nossa cidade: tenho 400 artigos do Jornal A Serra e Rádio.
4. É uma referência da cidade da época. Esta casa parece a do velho Pilz lá em baixo. Ali era dos Pedraça, logo ali ficava o Clube Concórdia – sociedade lírica – era única exclusivamente para canto e depois surgiu o Clube Concórdia. Tenho foto disso aqui. A parte urbana que aparece aqui tinha um engenheiro responsável. Aqui por perto existia uma casa assombrada, que a gente tinha muito medo, porque nela morreu uma mulher enforcada. Essa casa era perto do meu vô Zanella. E esta casa aqui, ta vendo ainda existe, no lado dela hoje funciona uma oficina de chapeamento. A cidade velha era dividida pela Avenida Santa Cruz. Da Santa Cruz para baixo era urbanizado e para cima era tudo chácaras. Existia muita unha de gato por aqui. Onde foi construída a Prefeitura a terra era pura unha de gato. Mas onde foi construída a Vila Militar ali era mato fechado que foi derrubado para construir as casas.
5. Bem nessa época da Guerra eu não morava aqui, pois estudava em Cruz Alta, e por lá também aconteceu algumas coisas como aqui, mas logo o exército tomou conta da situação. Mas sei de tudo que aconteceu por aqui: Houve a depredação da loja Felhauer e eles se abrigaram no porão da casa do Luiz Zenni. O pastor Krieger foi parar na cadeia porque era alemão. Uma tia minha estava grávida e do susto e medo perdeu o nenê.
6. Sim, ele guarda a memória.

Entrevista F**Nome:** Lisiê Steffen**Idade:** 46 anos**Profissão:** Fisioterapeuta**Endereço:** Rua Dom Pedro I 260. Vila Flores. Santa Rosa.

1. Sabia da existência do livro, mas não o conhecia.
2. Me encontro aqui, no colégio Dom Bosco. Estudei no tempo que o Padre Guerino era diretor.
3. Lembro da Ferramis eu adorava olhar o aquário que tinha lá. Lembro de coisa mais recente da inauguração do Pórtico da Xuxa que foi um evento muito grande. Os primeiros Musicanto ninguém esquece eram os melhores. Fui no show da Mercedes Sossa, no estádio municipal, ainda choveu no final do show. Aqui no livro está minha família. A tia Nilda Heiner e a Silda eram minhas tias avós e a Ercela Heiner era minha vó (p. 54) Essas fotos algumas a vó já tinha me mostrado. A gente sabe da história pelo que os avós nos passaram oralmente. Eu não sabia que tinha colônia japonesa em Santa Rosa, não tinha nem ideia. Ouvi falar muito do Dr. Russo.
4. Já, muitas vezes. Meus avós falavam disso. Meus bisavôs tinham comércio e meus avôs sempre falavam que não podiam falar em alemão – chegava a polícia gritando. Sofreram muito constrangimento nesta época. Pelo menos era isso que contavam pra nós.
5. Pelo que vejo são fotos da cidade antiga. Não tenho nem ideia de onde era. Ah! É a Avenida Borges de Medeiros. De onde será que esta foto foi tirada? Nasci nessa região na cidade baixa perto da padaria 14 de julho, e este era o primeiro nome da nossa cidade. Não imaginava que já naquela época tivessem feito essa avenida larga. A casa de Comércio Zenni era uma igual a essas da foto. Quando criança achávamos que a casa Zenni era mal assombrada. E a casa da Comissão de Terras existe até hoje, muito interessante.
6. Acho que sim mesmo, com certeza. Muito legal esse livro!

Entrevista G

Nome: Ondina Pacheco da Silva

Idade: 59 anos

Profissão: Técnica em Enfermagem

Endereço: Rua São Jorge 454. Vila Progresso. Santa Rosa.

1. Não tinha conhecimento deste livro.
2. Me achei na Praça da Independência. Em frente a praça tinha a Casa Nena. Eu comprava na Casa Nena. Me acho também na Escola Machado de Assis que estudei. Tenho até hoje guardada uma foto do tempo que estudei no Machado de Assis.
3. Lembro bem da Prefeitura, do Frigorífico Prenda. Quando pequena chegamos a ir de trem a Porto Alegre. Era uma Maria fumaça e a viagem durava uma eternidade, eram 3 dias andando e a gente trocava de trem lá em Santa Maria. Lembro da Fenasoja quando a Neiva Vacari foi rainha. Eu era bem jovem. O Cine Odeon. Algum filme agente assistiu neste cinema. Lembro do presídio da Vila Agrícola que na rua em frente meu pai proibia brincar. Da Ferramis, foi na frente dessa loja que assisti ao show do Teixeirinha e da Meri Teresinha na primeira Fenasoja. Também lembro das balsas do rio Uruguai, conheci e isto era maravilhoso. Lembro do Salão Grenat era um bar e restaurante que a gente frequentava.
4. Essas fotos mostram a realidade da época. Até a igreja aparece e acho que é a igreja matriz a católica. E essa mostra uma avenida larga, muito interessante. Essas casas me lembra a Casa de Comércio Nena e a aquela que continua perto da praça da Independência. Ruas com calçamento e outras só de terra.
5. Sim, ouvi falar muito. Meu sogro contava que as pessoas se escondiam no porão embaixo das casas pra escutar se aquela família falava em alemão. Meu sogro era de origem alemã. Era uma época muito difícil, tinham muito medo.
6. Sim, com certeza, pois ele relata detalhes que eu desconhecia. Estou encantada com este livro.

Entrevista H

Nome: Olides Guimarães

Idade: 47 anos

Profissão: Empregada Doméstica

Endereço: Rua Jaguarão 165. Bairro Sulina. Santa Rosa.

1. Eu já conhecia esse livro. Meu filho quando fez a faculdade trouxe o livro para casa.
2. Me encontro nas trilhadeiras, essas nós tínhamos em casa. Na criação de porcos pretos eram esses que nós criávamos. No Hospital de Caridade. Nos Laticínios Mayer onde meu pai trabalhava.
3. Meu pai contava que foi comprar uma vaca do major Santos e levou junto a filha mais velha. O Major tinha criação de avestruz e a menina abriu o cercado e soltou as avestruz. As minhas irmãs vinham passear na estação de trem. Eu já não tive esta oportunidade porque eu era a mais nova. Gabriel Flores, um taxista antigo era nosso vizinho. Meus tios trabalharam na construção da estrada de ferro, derrubando árvores, abrindo os caminhos. Eles sofreram muito nesta época, o trabalho era muito pesado. Meu pai saiu de casa e foi voluntário do quartel porque sofria muito em casa, apanhava. Lembro da enchente na cidade que levou uma parte da Olvebra. As latas de azeite foram levadas pela água. Lembro do Bazar Natal.
4. A foto mostra como era a cidade na época. Interessante, tem uma igreja no fundo parece ser a igreja católica, mas olhando bem acho que é a igreja da Paz. Esta outra mostra as casas antigas, o comércio. Minha mãe quando olhou o livro, que meu filho trouxe pra casa, disse que nesta casa (apontou no livro) existia um salão de beleza e que ela ia para ondular o cabelo e isto era feito com calor de fogo. Ela vinha a cavalo de Tuparendi para arrumar o cabelo. Também a mãe comparou que nesta época já existia luz elétrica em Santa Rosa e Tuparendi não. No meu entender essa deveria ser a avenida principal da cidade na época
5. Lembro vagamente. Meu pai falava de um tal Major Lulu que era muito violento. Como eu estudei um tempo em Tuparendi não sei detalhes dessa história. Só lembro que meu avô e meu pai contavam. Não tinha interesse em ouvir.

6. Sim, com certeza. O livro está bem explicado. A gente pode acompanhar bem fazendo uma leitura. É interessante ter o livro para contar aos netos a história da cidade. Mesmo que não se tenha o livro acho importante que se conte adiante o que se passou, o que se viveu na cidade, pra ficar na memória.

Entrevista I

Nome: Lilia Bastian Pinto Dornelles

Idade: 51 anos

Profissão: Professora

Endereço: Rua Carlos Heinze 357. Cruzeiro – Santa Rosa

1. Já conhecia o livro, mas não li nos detalhes.
2. Me encontro na Escola Machado de Assis, lugar que trabalhei onde Seu Giolar dos Santos Dornelles foi meu diretor. Me encontro também no Colégio Concórdia.
3. Lembro que eu participava do Grupo Salesiano de Comunidade de Base do Dom Bosco. Estudei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, que hoje não existe mais. Da empresa Ideal – máquinas agrícolas. Do Bar Grenat que frequentei algumas vezes, do Capri, Bailes do Carnaval onde eu frequentava o bloco do Clube Concórdia. Da Loja Germano Dockhorn aqui em Cruzeiro. Da Ferramis, do Lunardi que estas empresas eram fortes na cidade e no Estado e que quando foram passadas para a próxima geração estes não conseguiram dar a continuidade. Do tal Confiltro, um rapaz que andava nas ruas da cidade com um volante de carro nas mãos. O Toda Hora – transporte que eu uso a vida inteira.
4. A torre da igreja representa acho que a Comunidade da Paz, mas também parece ser a torre da igreja Luterana. As ruas de calçamento irregular, as casas antigas da cidade. Não imaginava que assim era a Avenida Borges de Medeiros, parece ser a entrada da cidade, Interessante uma rua bem larga, com postes de luz. Casas de estilo europeu, com seus telhados pontudos, pelo que sei esta arquitetura era igual a da Europa na época.
5. Ouvi falar, minha mãe conta até hoje: que não se podia falar em alemão e nem escutar rádio. Vizinhos denunciavam vizinhos. Sei que foi uma época difícil, a minha família

sofreu muito, principalmente por causa da língua que falavam e que entravam nas casas. Nunca fui muito interessada em saber detalhes, a minha vó faleceu cedo. Lembro que a grande preocupação também era de oferecer escolas para as crianças, minha mãe aprendeu em alemão. Também estudei um pouco sobre esta história marcante da cidade quando fiz o magistério. A gente estudava as etnias.

6. Sim, ele é bem abrangente. O resgate histórico do livro é bom e importante porque coloca desde o início da cidade. Acho que esta memória deveria ser trabalhada nas escolas do município, onde se trabalha muito pouco. Por exemplo Fernando Albino da Rosa era poeta e não se trabalha suas poesias. A nossa geração sabe pouco sobre a história da cidade imagina a próxima.

Entrevista J

Nome: Jaime Luiz Patias

Idade: 45 anos

Profissão: Contabilista

Endereço: Rua Heitor Scalco nº 72 Vila dos Bancários – Santa Rosa

1. Já conhecia sim este livro. Foi na época do lançamento pela Fenasoja.
2. Me encontro no sentimento de voluntariado do grande evento da Fenasoja.
3. Muitas coisas me chamam a atenção: as décadas marcantes; os anos 70 estouro da agricultura; nos anos 50 a pobreza do campo, má conservação do solo e nos anos 60 a recuperação do solo e a operação tatu. Estudei sobre a emancipação do município. O que me lembro mais foi quando vim estudar em Santa Rosa na FEMA. Participei da Acisap, do Juventus das Fenasoja, dos Musicantos que foram muito marcantes. Dos espaços e história de Santa Rosa para mim o símbolo maior é o Parque de Exposições.
4. Representa ser uma igreja e as casas com um certo padrão arquitetônico melhor. Parece serem casas alemãs. Percebe-se nestas imagens um começo de uma cidade, um desenvolvimento, uma organização. Lembro da casa do meu avô que era mais ou menos neste estilo.

5. Ouvi muitos depoimentos de pessoas mais antigas que falavam da proibição de falar a língua alemã e que as crianças nas escolas tiveram que aprender português na marra. O governo era contra a Alemanha.
6. Com certeza. Porque precisamos ter registro para as próximas gerações terem acesso. Acredito que devemos ir além deste livro fazendo uma complementação

Entrevista K

Nome: Juliane Marques

Idade: 29 anos

Profissão: Monitora

Endereço: Rua Cascavél 117 Bairro São Francisco. Santa Rosa

1. Sim, conhecia. Tinha lido quando trabalhei na Escola Francisco Xavier Giordani.
2. Me acho no Musicanto, gosto muito. No Pórtico da Xuxa e no Centro Cívico.
3. Lembro da Fenasoja que fui recepcionista. Aqui no livro fala dos desfiles e eu sempre participava destes desfiles com o Colégio Concórdia. Assisti alguns Musicanto e me encantava.
4. A igreja nesta foto me chama a atenção, porque é a da matriz. As casas representam as casas antigas, deve ser porque na minha memória acho que tem algumas casas parecidas assim lá em Cruzeiro. Mas deviam ser assim, acho. Não imaginava que no começo fosse assim, bem interessante essa foto. Incrível uma rua mais larga, podemos pensar que nesta época já existia um planejamento e uma perspectiva de futuro.
5. Sim, minha mãe contou que: meu bisavô foi preso e que faziam eles cavar buracos. Porque falavam em alemão, só que o meu bisavô não morava em Santa Rosa e sim em Alegria, mas lá também aconteceu essa perseguição.
6. Sim. Penso que este livro deveria ser explorado mais nas escolas, se trabalhar com os alunos para conhecerem a cidade onde vivem, como era e o que tinha.

Entrevista L

Nome: Damaris Kessler

Idade: 23 anos

Profissão: Professora de Educação Infantil

Endereço: Travessa Pedro Américo 79. Vila Balneária – Santa Rosa

1. Já conhecia. Fiz um trabalho na faculdade onde pesquisei no livro sobre o tema educação. Este livro foi o único que encontramos alguma coisa sobre a educação no passado da cidade.
2. Me encontro na questão das escolas. Mesmas escolas que estão até hoje, apesar de não estudar nestas, pois sempre estudei em escola pública.
3. Lembro do que está aqui no livro só dos Musicantos, porque eu participava com as escolas e das últimas Fenasoja.
4. A imagem se refere a casas antigas. O que me chama atenção é a igreja, acho que é a matriz ali perto da praça. Parece o interior. Como é diferente de hoje! Já tinha iluminação na época. Pela foto dá para perceber que pensaram no crescimento da cidade, muito interessante.
5. Na verdade do que aconteceu aqui na cidade não sei nada. Sei que meu avô participou da 2ª Guerra na Europa e que depois veio para o Brasil.
6. Sim. É um livro importante para as futuras gerações. Ele traz tudo desde o início.

Entrevista M

Nome: Lazaro Tadeu Warken

Idade: 25 anos

Profissão: Servidor Público Municipal

Endereço: Rua Coronel Borges Fortes 568 – Centro. Santa Rosa.

1. Conhecia sim. Fiz uma pesquisa no componente curricular de Economia Regional do Curso de Economia da Unijuí.

2. Me acho no livro onde fiz a pesquisa: na 1ª parte sobre a Colônia de Santa Rosa e sua emancipação.
3. Do que está aqui me lembra o quartel que servi, o 19º Regimento.
4. Esta me parece uma montagem de fotos antigas. A igreja era algo importante porque em cada vila e povoado sempre tudo girava em torno da religião. Representa a arquitetura da época, casa de estilo colonial. Já tinha canteiro e energia elétrica, prédios. Já estavam na época planejando a cidade.
5. Sim, ouvi falar pelo meu avô e na escola eu tive também conhecimento sobre o caso das represálias. O meu avô resumindo, contava: que tinha adeptos aos nazistas e enviavam mensagens para a Europa como também fraudavam notícias sobre a guerra.
6. Com certeza, é uma obra muito importante sobre a memória da cidade, principalmente para servir de pesquisa.

Entrevista N

Nome: Josiane Elise Welke

Idade: 29 anos

Profissão: Professora

Endereço: Avenida Santa Cruz 169. Centro. Santa Rosa

1. Já sim. Conheci o livro na biblioteca do Colégio Concórdia
2. Me acho sim neste livro: na questão da Fenasoja que trabalhei como recepcionista e na questão das escolas da cidade.
3. No chamar as lembranças percebo muito meus avós, quando olho as fotos me remeto a eles. Olhava muito as fotos dos desfiles cívicos da cidade e atualmente participo desses desfiles. Lembro de algumas fenasoja e a que me marcou foi quando fui recepcionista.
4. Ao olhar essas fotos imagino que, esta igreja seja a igreja da Paz. Também imagino que as casas eram assim. As casas e ruas são padrão da época. Na real nem imaginava que fossem assim. Olha parece que isso é no interior. Como eu cresci na cidade diferente, isso parece um local no interior. Percebe-se que tinha uma perspectiva de evolução da cidade. A impressão de que tudo isso são moradias

5. Nunca ouvi falar da história dos alemães. A gente estudava a 2ª Guerra Mundial, mas não se sabia que isto aconteceu aqui na nossa cidade. Percebo que o ensino é desatualizado. Meus avós nunca comentaram sobre isso, mesmo que são descendentes de alemães.
6. Com certeza. Ele guarda e ao mesmo tempo resgata a memória. A minha geração ao folhear o livro percebe detalhes do passado. E com as fotos isto se torna mais importante do que só o relato escrito. Instiga a pesquisa. Se percebe o padrão de vida. Ele acompanha a evolução da cidade. Ainda existem prédios antigos que estão ainda existindo na nossa cidade.

Entrevista O

Nome: Leonardo Chitolina

Idade: 25 anos

Profissão: Músico

Endereço: Rua João Francisco Timm 368, apt: 103, bloco B, Centro – Santa Rosa.

1. Já conhecia, foi na biblioteca do Sesi.
2. Eu me acho na curiosidade, pois sou apaixonado por fotos antigas. E vi muitas dessas fotos em uma fenasoja acho que a exposição era da Emater.
3. Da casa da Comissão de Terras esta perto da praça da Independência. Esta casa sempre me chamou atenção. Quando eu era pequeno sempre ficava olhando para essa casa. Lembro que a autora deste livro a Teresa veio até aqui no Sesi e contou sobre o livro.
4. Bem organizadas as casas, com uma engenharia bem desenhada, com cerca. Esta igreja, acho que seria a Igreja Luterana. Quando olhei esta foto pela primeira vez isto me chamou muita atenção porque eu queria localizar esta rua. Bem interessante, a rua é larga parece que já existia um planejamento para a cidade.
5. Não, Nunca comentaram comigo. Fatos que minha família conta é de ir a Cruzeiro pelo estradão que era de barro e que isto era muito difícil, mas desta história no tempo da guerra nem na escola ouvi falar. Acho que isto deveria ser parte do currículo, parece que é na 4ª série que a gente estuda o município.

6. Sim, acho muito importante. Pretendo ler todo o livro. Acho que deveria ter mais desses livros para preservar a história da nossa cidade. Na escola que se deveria trabalhar a questão da trajetória do município. O livro focaliza a memória principalmente com as fotos.

Anexo C - Entrevistas com a Autora do Livro

Nome: Teresa Neumann de Sousa Christensen

Endereço: Rua Princesa Isabel, 1220 – Santa Rosa, RS. Brasil.

1. O livro cumpriu a finalidade ou missão de relatar a memória e história da cidade?
Acredito que sim. Apesar das dificuldades encontradas quanto à coleta de dados, penso que ele cumpriu seus objetivos.

2. Quais as repercussões deste livro? Foram Positivas ou Negativas?

As repercussões foram muito positivas. Recebi diversas demonstrações de agradecimento, inclusive de santa-rosenses que moram longe daqui.

3. Quais são os itens que poderiam ser mais destacados?

Depende do interesse de quem leu o livro e a visão que tem do mundo e da história. Particularmente, acho que as perseguições ocorridas durante a 2ª Guerra Mundial é um dos capítulos mais importantes. Penso que toquei num problema essencial em que se colocam de forma imbricada história e memória, lembranças e esquecimento, vida e morte. Segundo Pollack existe na memória, zonas de sombras, de os não ditos, que estão em perpétuo deslocamento e presentes em discursos carregados de metáforas e alusões. É essa fronteira entre o dizível e não dizível que separa a existência de uma memória coletiva organizada de uma sociedade que é majoritária e que deseja impor uma memória coletiva subterrânea dominada ou de grupos específicos. A nossa sociedade optou em colocar uma “pá de cal” nesses dolorosos acontecimentos, rechaçando-o pelo esquecimento e promovendo a reconciliação com a comunidade política. Esqueceram não só a maldade dos outros, mas, também a própria cólera, para que fossem restabelecidos os laços de vida na cidade. Houve reação ao livro, por parte de várias pessoas que diziam: Por que mexer nisso de novo? Já passou!*

Descobri muitas histórias dolorosas nas lembranças dos idosos, de famílias cujos membros passaram pelo terror do Campo de Concentração da Vila Agrícola- Santa Rosa; nas histórias das Igrejas Luteranas, cujos pastores, sofreram perseguição, incluindo a prática de trabalhos forçados; em diários, em documentos militares, cartas, telegramas,

muitos escritos por homens e mulheres que morreram há muito tempo, em fotografias desbotadas, em livros de memórias nunca publicados, esquecidos em gavetas, em papéis esquecidos em arquivos dispersos. Segui fielmente as informações. Penso que estabeleci a verdade dos fatos.

Acredito também que, o Ensino Superior em Santa Rosa com todas as mudanças ocorridas a partir daí é um capítulo importante do livro.

-As representações aqui podem ser ditas como verdades?

-As representações aqui estabelecidas estão longe da concepção moderna de verdade eivada de concepções racionalistas. Como uma figura de retórica cujo quadro de referência não vai além de si mesmo, a verdade é incapaz de apreender o mundo dos fenômenos. A verdade é a verdade de cada um.

Segui os parâmetros conforme o termo grego – alethéia- que se refere ao que é conservado pela memória. Como a metodologia usada para elaboração do livro, partiu em grande parte da História Oral, sempre cuidei da verificação dos relatos, considerando o fato de que a história propriamente dita seja um constructo ideológico, e que ela foi , ao longo do tempo, sendo constantemente retrabalhada e reordenada por aqueles, que, em diferentes graus são afetados pelas relações de poder - pois os dominados , tanto quando os dominantes - têm suas próprias versões do passado para legitimar as respectivas práticas.

Você considera um livro como um importante meio de resgatar a memória e a identidade mesmo nesta época digital?

Sim. Acho que o livro nunca vai perder a sua importância.

Anexo D - História de Vida da Autora

A história de vida da Professora Teresa, registra a dedicação de longos anos ao ensino e a pesquisa da História da Região da Grande Santa Rosa, (RS).

As suas qualificações são as seguintes:

- Mestra em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em 2004 - Professora do ensino superior na Universidade Regional do Noroeste do Estado do RGS– UNIJUÍ, nas áreas: História, Filosofia, Pedagogia. Professora de Metodologia da Pesquisa Científica no Curso de Pós-Graduação de Administração de Empresas na Faculdade de Três de Maio, RS – SETREM. -Coordenadora dos cursos de História e Geografia- Ensino a Distância – EAD - na UNIJUÍ- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. - Orientadora de dissertações e monografias nos referidos cursos.

-Membro do Conselho Curador da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RGS – UNIJUÍ. -Coordenadora dos Simpósios Nacionais de Estudos Missionários nos anos 1990, 1992 e 1994 e responsável pela publicação dos ANAIS. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco - Santa Rosa. -Diretora do Departamento de Educação da Prefeitura Municipal de Santa Rosa, RS, no período de 1996/97. -Diretora do Departamento e Cultura da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Santa Rosa - em 2009-2012. - -Membro efetivo da Comissão de Cultura da FENASOJA desde 1998. - Cidadã Santa-Rosense – Título outorgado pela Câmara Municipal de Santa Rosa, RS novembro de 2004. -Educadora Emérita do Rio Grande do Sul – 2005. Título concedido pelo Governador do Estado Dr. Germano Rigotto em outubro de 2005. - Medalha do Mérito Sam Martin- 19 RCMec- Santa Rosa, 2009- Título concedido por trabalhos culturais prestados à comunidade.

-Especialista em História Econômica do Brasil pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco - IEDB/USP, Santa Rosa, em 1978. -Especialista em Geografia Econômica pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUÍ, em 1988-Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Santa Rosa, RS, em 1974. Graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Santa Rosa, RS, em 1976. -Graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Santa Rosa, RS, em 1985.

Anexo E – Livros publicados pela autora

CHRISTENSEN, T. N. S. et alli – Potencialidades para o Turismo – Região Fronteira Noroeste, Ed. UNIJUÍ, Ijuí – Rs. 2006. 2)CHRISTENSEN, T. N. S. et alli – Soja: 80 anos de Produção, 1924-2004. Ed. Kunde Indústrias Gráficas- Santa Rosa. 3)CHRISTENSEN, T. N. S. – História do Rio Grande do Sul em suas Raízes Missioneiras. Ed. UNIJUÍ -Ijuí. 1999 4).CHRISTENSEN, T. N. S. – Histórias do Noroeste. UNIJUÍ: Sedigraf, Ijuí. 2002. (Programa RBS-TV Santa Rosa) 1990. 5) CHRISTENSEN, T. N. S. – Rosa Sul. UNIJUÍ: Sedigraf, Ijuí. 2000. 6)CHRISTENSEN, T. N. S. – Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros: Espaço Aberto a Pesquisa e a Reflexão Histórica. Dissertação de Mestrado - Ed. UNIJUÍ. Ijuí. 1999. 7) CHRISTENSEN, T. N. S. – Metodologia do Ensino de Estudos Sociais nas Séries Iniciais. Gráfica Rex, Santa Rosa. 1996. 8) CHRISTENSEN, T. N. S. – Metodologia de Ensino para o Estudo da Região. Gráfica Rex, Santa Rosa. 1993. 9)CHRISTENSEN, T. N. S. et alli – Cartografia Regional. Ed. Pirâmide, Porto Alegre. 1998. 10)CHRISTENSEN, T. N. S. – Pelos Caminhos de Santa Rosa. Ed. Barcellos, Santa Rosa. 1981. 11) CHRISTENSEN, T. N. S. – Horizontina – HISTÓRIA E MEMÓRIA. CHRISTENSEN, T.N.S. 12) HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SANTA ROSA. Polocci Editora, Canoas, RS – 2008. CHRISTENSEN, T.N.S. – Miguel Fitz- Memórias de um Imigrante Alemão-russo - Editora REX-RS- 2011.14- CHRISTENSEN, T.N.S. 13) FENASOJA - A Feira, A Festa, O Espetáculo. Editora Kunde- 2012. 15 - CHRISTENSEN, T.N.S. Lembranças de uma menina que amava Livros - Gráfica Editora KUNDE /Santa Rosa 2013.

Anexo G – Fotos do Município de Santa Rosa



Município de Santa Rosa em 1930

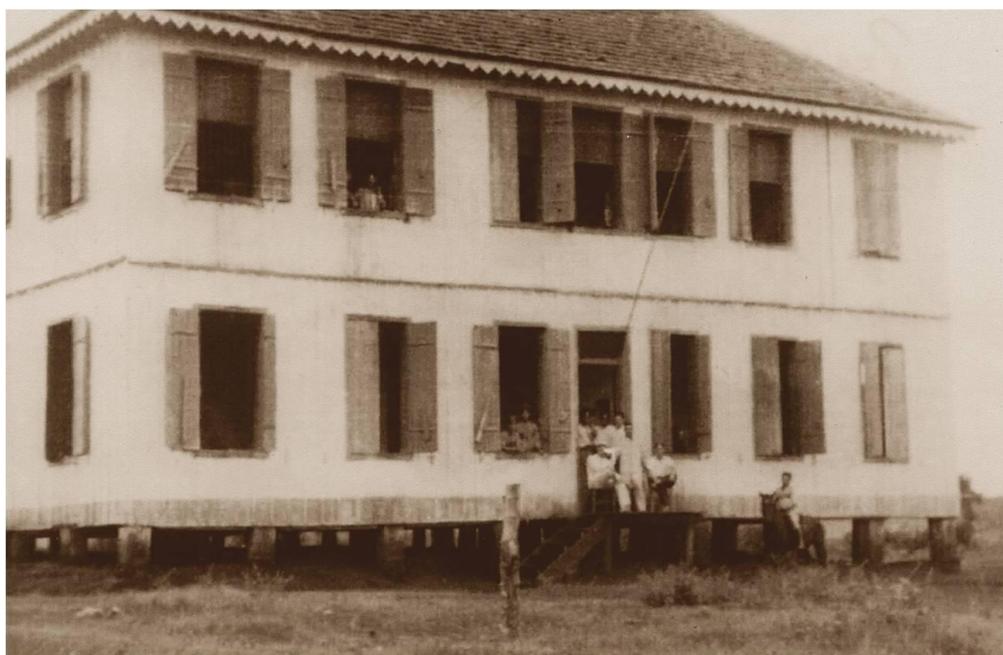


Imagem do Presídio da Agrícola